

CRÔNICAS DO BAILUNDO

[Nota descritiva de Merlin Ennis]¹

Os inícios do Mbalundu² e uma lista dos reis

Esta parece ser uma coleção de lendas sobre os reis dos velhos tempos e alguns fatos significativos sobre os governantes mais recentes. O Rei Ekuikui II é a figura central nesta lista de vinte e três reis. Onze reis precedem-no e outros onze sucedem-no. Onze reis parecem ser muito pouco para o período de pelo menos duzentos anos entre a fundação do reino pelos Ovimbundu e o reinado de Ekueikui³, o Grande, se considerarmos que o mesmo número de reis sucederam-no nos cinquenta anos subsequentes. Na verdade, dois reis são mencionados na crônica cujos nomes não estão incluídos na lista. Um terceiro é mencionado na narrativa sobre a vida de Kapila⁴. Antes da chegada dos Ovimbundu, partes do reino mais recente pertenceram aos Va Nganda e Va Humbi, e provavelmente houve outros. Não há relatos sobre a expulsão desses povos pastores; tampouco se sabe o nome do líder que os expulsou. A lista começa com Ekuikui I, cujo pai, Chingi⁵, foi rei antes dele.

Na lista dos reis do Wambu, quando parece haver muito poucos nomes para o período transcorrido, o informante indicou que por vezes dois ou mais reis, em sucessão, tiveram o mesmo nome. É possível que o mesmo se aplique a esta lista abreviada.

As lendas registradas lançam luz sobre os costumes do passado e a política da época.

O COMEÇO NO BAILUNDO

¹ No original, esta observação aparece em azul, escrita à mão. Conforme indicado na observação entre colchetes, este índice, em inglês no original, parece ter sido compilado pelo missionário congregacional Merlin Ennis e acrescentado à fonte em umbundu.

² Mbalundu é o equivalente em umbundu de Bailundo, transliteração para o português desta formação política localizada no Planalto Central de Angola.

³ A referência é a Ekuikui. O erro de digitação encontra-se no original.

⁴ Os arquivos da ABCFM incluem uma narrativa autobiográfica da vida de Kapila, um dos primeiros falantes de umbundu a ser ordenado pastor pela missão congregacional.

⁵ A referência é a Cingo. O erro de digitação encontra-se no original.

OS SOBAS⁶ NO BAILUNDO N° 5.

1. Ekuikui Antigo I
2. Hundungulu Antigo I
3. Cisende Antigo I
4. Gunji dizia: “Sou Gunji, o que tem o pilar; no dia em que for derrubado, tanto os pratos quanto a tampa das panelas, tudo se quebrará”.
5. Civukuvuku Sekeseke dizia: “Se tu és Gunji, eu sou Sekeseke; serrarei este barrote até derrubá-lo”.
6. Utondosi
7. Ñafa Bonge
8. Cisende Antigo Dois II
9. Katiavale Antigo I
10. Katiavala, o Outro II
11. Hundungulu Segundo II
12. Ekuikui Segundo II
13. Bulu
14. Cingi Antigo I
15. Cingi Sucessor II
16. Kalandula I
17. Numa
18. Kangovi
19. Kalandula Segundo II
20. Vasuovava
21. Ekongo
22. Cisende Terceiro III
23. Jahulu

O COMEÇO NO BAILUNDO

⁶ *Osoma*, cujo plural é *olosoma*, é traduzido como “soba” no português de Angola. Em umbundu, designa a autoridade máxima de uma unidade política e é também comumente traduzido como “rei”.

OS SOBAS DO BAILUNDO: N° 1.

1. Ekuikui antigo I. O inseto que não pode ser comida pelo pássaro.
2. Hundungulu I.
3. Cisende antigo I.
4. Gunji – O que tem o pilar; no dia em que for derrubado, tudo que nele há morrerá.
5. Civukuvuku
6. Utondosi
7. Ñala [Senhor] Bonge
8. Cisende II.
9. Vasovava – Nunca vi um reinado como o meu.
10. Ekongo – Dos Cabritos
11. Ekuikui II.
12. Katiavala
13. Numa
14. Hundungulu II.
15. Kalandula
16. Cisende III.
17. Jahulu
18. Cingi
19. Kangovi

OS SOBAS DO BAILUNDO: N° 2.

1. Ekuikui Anterior.
2. Hundungulu Anterior.
3. Cisende I
4. Gunji dizia: “Eu sou o pilar que tem o barroto; no dia em que for derrubado, tanto pratos quanto tampas e panelas, tudo morrerá”.
5. Civukuvuku Sekeseke dizia: “Se tu és Gunji, eu sou Sekeseke; serrarei esse pilar até derrubá-lo”.
6. Utondosi.
7. Ñafa [Senhor] Bonge.
8. Cisende II Anterior Segundo.

9. Vasovava dizia: Olhos d'água, ainda não vi nada pelo qual possa morrer;⁷ se serei expulso não sei.
10. Ekongo [Ancião]. O dos Cabritos.
11. Ekuikui, o Novo.
12. Katiavala.
13. Numa.
14. Hundungulu, o Novo.
15. Kalandula II
16. Cisende III, o Novo.
17. Jahulu Kandimba.

OS FEITOS DOS SOBAS NO BAILUNDO N° 1.

EKUIKUI I. (Seus feitos são estes:)

As pessoas gostavam muito dele. Naquele tempo havia guerras que reuniam muita gente. Ele também foi lutar nessas guerras, nas quais o soba acompanhava as pessoas. Guerrearam a leste, bem distante, onde habitam os Ngangela⁸. O nome desse país⁹ é Luando. No caminho encontraram pessoas que estavam lutando e o soba Ekuikui venceu. Por ter vencido capturou muita gente, que levou consigo para sua *ombala*. Todos se tornaram seus escravos.¹⁰

E não aceitou que construíssem em outro lugar a não ser em sua *ombala*, de modo a reverenciá-lo. Quando essas pessoas se tornam adultas e adquirem sabedoria, ele permite que elas partam dizendo: “Construam onde quiserem”. Então constroem na *ombala*; constroem aqui em cima, onde há um cercado com jovens mulheres.

Depois de sair dali sobem para Valverde e ficam lá por algum tempo. Depois saem novamente dali e dirigem-se à aldeia de Cilume, onde permanecem com seus filhos.

⁷ “Olhos d'água” remete à ideia de que nada passa diante dos olhos dele que o leve a crer que possa morrer, ou seja, que o possam tirar do poder.

⁸ Os Ngangela habitam a leste da área habitada pelos falantes de umbundu, à qual estes se dirigiam constantemente para fazer comércio e guerras. Falam um idioma semelhante ao umbundu.

⁹ *Ofeka* (plural *olofeka*) pode ser traduzido tanto como “países” quanto como “aldeias”

¹⁰ A posição social do *upika* (no plural, *apika*) designa uma relação de dependência, geralmente advinda da venda dessa pessoa para saldar dívidas de sua família ou de sua captura por ocasião de uma guerra ou razia. Outra tradução possível seria “criado” ou “servo”. Em Angola, a equivalência mais comumente estabelecida para o termo em português é “escravo”.

Até hoje dizem que são eles que começaram a aldeia de Cilume. E chamam-nos de rapazes¹¹ da corte. Isso significa que são do exército do soba.

EKUIKUI I. N° 2.

Foi Cingi quem lutou contra os brancos e fugiu para Loanda. Gerou o soba Ekuikui quando estava foragido em Loanda. Quando Cingi morreu, trouxeram seu filho Ekuikui para reinar aqui no Bailundo. Depois Ekuikui foi guerrear em Luandu e contra os de Cilume, dizendo: “Vou expulsá-los dessa aldeia de Cilume”.

SOBA EKUIKUI I.

Foi Cingi quem lutou contra os brancos. Depois os brancos venceram. Ele era mulato. Muitos Ovimbundu gostavam dele.

Quando os brancos capturaram-no, levaram-no para Benguela¹² e deram-lhe o trabalho de alimentar os porcos. Depois de lá estar muitos anos, gerou o filho de nome Ekuikui Cikundiakundia, o inseto que não pode ser comido por pássaros. Esse nome relembra como os brancos tinham-no capturado e ainda assim permanecera vivo.

Esse filho cresceu em Benguela. Depois seu pai disse: “Quero que tu vás para Bailundo herdar meu trono. Mas, meu filho, não brigues mais com os brancos para não te perdeses do mesmo jeito que eu, aqui em Benguela”.

Esse filho Ekuikui Cikundiakundia Cipuka, que não pode ser comido por pássaros, não passou mais por Elongo. Passou pelo caminho de Punguandongo com os outros e chegou até o Bailundo. E começou a dizer: “Se alguém tiver assuntos difíceis pode trazer. Resolverei todos”. As pessoas gostaram muito e diziam: “É bom que haja alguém importante neste país, pois o pai era pessoa muito respeitada”. Ao ouvir isso, matou alguns bois que havia comprado com um colar. As pessoas que comeram diziam: “É ele o soba! É ele o soba!”.

¹¹ A corte (*elombe*) é composta por vários cargos, como ficará claro ao longo desta narrativa. A cada cargo corresponde uma função. No caso dos “rapazes” (*akwenje*), trata-se de homens jovens leais ao soba que cuidam de sua defesa e participam das guerras por ele promovidas. A hierarquia na corte, como no restante da sociedade, obedece critérios etários. Esses rapazes estão, pois, subordinados ao soba, o qual está subordinado ao conselho dos anciãos (*akulu*).

¹² Baka, ou Mbaka, é a forma como Benguela é designada em umbundu. Significa literalmente “lugar de empacotar” (Alves 1951, p. 651). Era lá que as caravanas de comércio iam buscar os fardos de mercadorias.

Seu pai nunca foi liberto, pois diziam: “Senão vai fazer mais guerras com o filho”. E morreu; não foi ao encontro do filho.

Mas não construiu na pequena montanha de Bailundo. Ninguém sabe onde construiu. “Esse soba”, dizem os anciãos, “construiu em Luvulo”. Dizem que ele construiu em Luvulo.

E nomeou Hundungulu, dizendo: “Será meu sucessor.¹³ Se eu morrer ele saberá governar”. Não sabemos explicar como ele morreu, pois isso nos foi contado. Não vimos com nossos próprios olhos; somente nossos pais, avós e os anciãos é que sabem.

EKUIKUI I. (Seus feitos são estes:) N° 5.

Foi o soba Ekuikui quem capturou os habitantes de Cilume, cuja linhagem vinha de Luandu. Quando chegaram eram muitos e foi o filho do soba quem recebeu todas essas pessoas. Sobraram apenas seis: três mulheres e três homens. São essas pessoas que fundaram Cilume.

O soba Ekuikui era filho do Soma¹⁴ Cingi, que foi para Loanda com os brancos. Ekuikui foi o primeiro a buscar os habitantes de Cilume de seu país em Luandu. Quando vieram eram muitos, mas o filho do soba recebeu a todos e deixou apenas seis: três homens e três mulheres.

Então o soba indicou-lhes aqui em Cilume, dizendo: “Vocês são os habitantes de Cilume do soba, de forma que se algo for urgente ele mandará para cá em Cilume com muita pressa, pois é onde tem mais confiança”.

EKUIKUI I. N° 1.

Este soba é filho de Cingi. Cingi é filho de Jahulu. Jahulu é filho de Katiavala.

¹³ *Epalanga* pode ser traduzido como sucessor ou vice-rei. Trata-se de um cargo da corte do Bailundo escolhido pelo soba. O *epalanga* atua como porta-voz do soba enquanto este estiver governando e assume o trono após sua morte.

¹⁴ Em umbundu no original, Soma designa um cargo – o cargo de soba – assim como Cilala, Epalanga ou Muekalia. Na tradução mantivemos “soba”, termo genérico com minúscula, quando o original emprega o termo *osoma*. Nas ocorrências em que o termo se refere ao nome que designa o cargo político ocupado por uma pessoa específica, o termo empregado em umbundu, Soma, foi mantido na tradução. É relativamente comum traduzir *osoma* como “rei” em Angola. Contudo, o termo soba, além de ser mais usado, remete às particularidades das formações políticas do Planalto Central.

Fez um bom governo e todas as pessoas gostavam muito dele porque fez o bem para elas.

Ele havia começado suas guerras contra o povo de Ngangela. Ao chegar em Kuanja, que era país alheio, pensaram: “Se levarmos armas seremos reconhecidos e certamente mortos”. Então colheram folhas e juntaram folhas secas. Encheram seus sacos. E carregaram-nos de modo que se alguém os visse, diria: “São caravaneiros que foram fazer comércio”¹⁵. Depois de chegar aonde desejavam, faziam guerra, venciam e levavam consigo muitas pessoas juntamente com tudo de que gostavam. Suas pessoas fizeram as construções ao seu redor e batizaram o local de Cilume, que significa “lugar onde deposito esperança, meu braço direito”. E foi novamente a Cisakela, de onde também trouxe muitas pessoas.

SOBA HUNDUNGULU I. N° 5.

O soba Hundungulu não fez muitas guerras. Depois que ele morreu governou o soba Utondosi.

SOBA HUNDUNGULU I.

Este soba ficou pouco tempo; morreu logo. E outra pessoa passou a reinar, pois antigamente era assim: se o governante morria, alguém imediatamente assumia o trono.

SOBA HUNDUNGULU E CISENDE. N° 1.

Esses dois sobas reinaram ao mesmo tempo. Porque as pessoas primeiro escolheram Hundungulu como soba. Um pouco depois se aborreceram e quiseram Cisende. Então Hundungulu saiu de lá e fugiu. Depois de Cisende aborrecê-los, mandaram chamar Soma Hundungulu de volta e deram-lhe as chaves da corte. E Cisende fugiu para Cinjamba. Depois Hundungulu aborreceu-os de novo, expulsaram-no e chamaram Cisende novamente. E assim foram fazendo até que esses sobas morressem.

¹⁵ Nas caravanas de comércio, principal atividade econômica no Planalto Central de Angola ao longo dos séculos que compreendem o tráfico de escravos, sua abolição e o comércio da cera e da borracha (século XVII a início do XX), os carregadores transportavam em fila os produtos a serem vendidos na costa (cf. Heywood 2000; Cândido 2013).

SOBA CISENDE ANTIGO I N° 2.

Não conhecemos os feitos deste soba. Ouvimos dizer que foi até Tanganyika saquear os Ngangela.

Seus outros feitos não conhecemos; do contrário os narraríamos.

SOBA CISENDE ANTERIOR I N°5.

Este soba expulsou o soba Bonge do trono. Mas no tempo em que Bonge foi expulso as pessoas faziam muitas guerras; por isso muitas pessoas gostavam muito dele.

Cisende I. não governou muito tempo. Ficou apenas um ano, queimou dentro de casa e morreu.

SOBA GUNJI (Que tem o pilar) N° 1.

O soba Gunji é filho de Soma Cisende I. Esse nome, Gunji, vem de um provérbio que diz: “É o barroto que tem o pilar; se ele quebrar, tudo que ele sustenta cairá; seja gamelas, seja panelas, tudo morrerá”.

Senhor Gunji tinha seu rapaz do exército para fazer guerra. Seu nome era Cimanda. Ele mesmo, o soba, não ia para a guerra; apenas mandava sua tropa.

Ele é que comandava a guerra. Primeiro foi até Congo. Ao partir o soba orientou-o, dizendo: “Eu não posso ir; vá você. Mas seja ligeiro com todas as pessoas que estão contigo e persevere. Não cometa deslizos para que não sejam vencidos. Se forem vencidos sairão daqui da *ombala* grande para que não passemos muita vergonha diante das pessoas e dos outros sobas.

Ele respondeu: “Isso mesmo, eu compreendi, oh, Soma”. Quando foram encontrar essas pessoas não ficaram por muito tempo. Saquearam e capturaram pessoas, despojos e crianças, que levaram para o soba. Ao ver isso, o soba alegrou-se muito por lhe terem trazido pessoas. Antigamente os sobas gostavam muito de ter escravos. E não eram somente escravos; algumas pessoas eram capturadas e vendidas para os brancos em Portugal.

Alguns vendiam-nas por tecido ou dinheiro. Outras eram vendidas por cachaça por causa do alcoolismo.

Congo é a aldeia do soba Gunji.

A outra guerra foi assim: o soba foi novamente a Civula. Seu rapaz de nome Cimanda havia ido capturar mais pessoas e bois. Quando os trouxe ao soba, este gostou muito de receber pessoas. Dentre elas havia alguns homens bonitos, que colocou em sua casa.

Mas das guerras saiu uma mulher. O soba gostou muito dela e casou-se com ela. Ela se tornou Nasoma, mulher do soba. Este teve com ela um filho a quem deu o nome de Cisende III.

Quando Cisende cresceu, colocaram-no no lugar do soba e ele reinou.

O rapaz do soba de nome Cimanda destruiu muito o país por ter feito várias guerras. As pessoas passaram a odiá-lo muito e, com medo de que isso dispersasse o país, fizeram um plano para matá-lo. Porque diziam: “O soba gosta muito dele”. E pegaram-no e mataram-no.

OS FEITOS DO SOBA GUNJI. São os mesmos porque o soba Cingi veio primeiro; o soba Gunji substituiu-o.

O rapaz do soba Gunji foi morto pelas pessoas porque tinham ciúme. Foi morto porque as pessoas queriam que o soba Gunji fosse deposto, mas tinham receio do seu rapaz, que era bom guerreiro e sabia lutar bem. Lutou contra muitos países. Por isso disseram: “Vamos matá-lo primeiro; afinal esse rapaz, por ser bom guerreiro, pode ajudar o soba”. Por isso primeiro mataram o rapaz e depois expulsaram o soba da *ombala*.

Tão logo o rapaz foi morto, traíram verdadeiramente o soba, que já era odiado por ter matado um ancião importante, o Muekalia. Por isso os anciãos foram falar com outro soba, dizendo: “Nosso soba que está em Bailundo, não o queremos mais. Queremos a ti. Venha, vamos expulsá-lo juntos, tu e nós, anciãos, para que tu reines. Gostamos de ti”.

O soba aceitou imediatamente. Quando chegaram encontraram o soba na sua aldeia. Enquanto chegavam, o soba ouviu, refletiu por um tempo e disse: “Eu sou o soba; sair daqui da *ombala* me dá vergonha; não saio mais, vou simplesmente me suicidar”. Então pegou a arma, entrou em casa, disparou contra si mesmo e morreu. Dizia: “Tenho vergonha das pessoas”. E o soba Civukuvuku reinou de verdade.

O soba Civukuvuku é o mesmo que se chama Sekeseke; seus feitos não os vimos bem.

SOBA GUNJI. N° 2.

Quando o soba Cisende morreu foi substituído por Gunji porque era seu sucessor. Então Civukuvuku Sekeseke não gostou porque ele era filho do Soma Cisende. Queriam entrar em guerra, mas as pessoas os alertaram, dizendo: “Não façam isso!”. Fizeram apenas uma guerra de nomes. Um deles dizia: “Eu sou Gunji, que tem o pilar; quando ele quebrar, tanto os pratos quanto as tampas e as gamelas, todos morrerão”. Sekeseke dizia: “Hei de serrar esse tal barrote até quebrar. Não serei eu o barrote porque as pessoas gostam muito de Sekeseke”. Mas Gunji não esperou até que Sekeseke começasse a guerra, pois disse: “Caso contrário serei expulso como um cão”. Entrou em sua casa grande com uma arma pequena e atirou contra si mesmo. Então começou o reinado do Soma Civukuvuku Sekeseke.

SOBA GUNJI. N° 2.

Ao morrer, o soba Cisende deixou como sucessor Gunji, que tem o pilar. Ele dizia: “Deixaram-me no cargo como um barrote sustentado por um pilar. Tenho de ser forte; caso contrário, ele se partirá e todos os objetos se quebrarão”.

Durante seu governo queria que o Bailundo crescesse. Como tinha muitas pessoas, preparou guerras para capturar muitas pessoas em outros países. Tinha dois rapazes fortes: Cimanda e um outro do qual não me lembro.

Naquele tempo a luta era pelos despojos deixados pelo soba Ekuikui, que havia saído de Benguela. Dirigiram-se até Sambu, capturaram muitas pessoas e trouxeram-nas até aqui. A fim de parecer rico, o soba leva algumas dessas pessoas para Benguela e vende todas as que tinham mal comportamento. Entre os escravos do soba alguns tinham bom comportamento. Por isso ele lhes deu uma aldeia e disse: “Construam! Mas pegarei e comerei¹⁶ quem for teimoso”.

Essas pessoas andaram demais. Depois decidiram construir numa mata onde havia leões. Deu-lhes o nome de Kandingili: ninguém consegue comê-los, a menos que seja filho do soba. O outro nome era Cilume, pois todos que lá estão são homens que pertencem a mim, o soba. Após muitos anos surgiu uma confusão porque o soba

¹⁶ “Comer”, aqui, remete à relação de força entre o soba e seus súditos. *Okulia* é usado em umbundu para designar uma relação de submissão, em que o mais forte “come” o mais fraco.

Cisende havia deixado um filho de nome Civukuvuku Sekeseke. Esse filho disse: “Quero receber o trono de meu pai”. Gunji disse: “Não aceito! Não sabias que teu pai deixou-me no cargo como o barrote sustentado pelo pilar? E que quando me tirares de lá as pessoas tendem a se dispersar?”.

Ele disse: “Quero serrar esse barrote até que ele caia, pois sou Sekeseke”.

Essas teimosias duraram muitos anos, mas as pessoas gostavam de Sekeseke. Gunji era odiado porque desprezava os livres; gostava apenas dos escravos. As pessoas fizeram uma grande confusão, pois não aceitavam. Então Gunji refletiu por muito tempo e disse: “Atirarei contra mim mesmo; caso contrário serei expulso como um cão ou uma pessoa qualquer”. De dia os pais disseram: “Entrou em sua casa grande e atirou em si mesmo com uma arma pequena”. Os escravos dispersaram-se todos. Ficaram apenas aqueles a quem tinha dado a aldeia de Cilume.

E Civukuvuku Sekeseke teve tempo de governar. Mas não conseguia mais sentar-se em Cilume porque o Ancião¹⁷ deles havia morrido; deu-lhe apenas um nome do seu reinado.

SOBA GUNJI. N° 5.

Durante o reinado do soba Gunji houve um cacimbo. As pessoas odiaram-no por sentirem muita fome. Então o soba Civukuvuku desejou tirá-lo do trono. E ele, ao pensar que tinha o poder de um soba e não poderia ser afastado como um cão, entrou na casa e atirou em si mesmo com uma arma pequena. Então o soba Civukuvuku governou.

SOBA GUNJI

Reinou em tempos de fome por causa do extenso cacimbo que houve na sua época. Por isso as pessoas odiavam-no bastante.

Por causa do ódio das pessoas, outro soba quis destituí-lo do cargo. Mesmo assim ele não quis deixar o trono como um cão e disparou contra si mesmo.

SOBA CIVUKUVUKU SEKESEKE N° 2.

¹⁷ *Sekulu* é um ancião que faz parte do conselho do soba.

Foi este soba que exonerou o sucessor de seu pai. No seu tempo não havia onde fazer guerra porque todos os países estavam assujeitados¹⁸ no tempo do Soma Gunji.

Este soba sofreu muito porque todas as pessoas que encontrou eram da parte do soba Gunji. Por isso pensou em convocar novamente algumas pessoas que estavam ao seu lado em silêncio para fazer algumas guerras. Mas era muito trabalhoso porque Gunji já havia saqueado todos os países; ainda assim voltou a eles, saqueando todos que ainda lá estavam.

Ele pensou: “Quando Soma Gunji suicidar-se, receberei todas as suas coisas”. Afinal, quando o Soma suicidou-se as pessoas saquearam todas as suas coisas: bois, porcos, ovelhas, fardos, tudo que ele tinha. Todos os servos tornaram-se ricos com as coisas do Senhor deles.

O soba Civukuvuku pensou em capturar todos os saqueadores, mas não conseguiu; todos os escravos fugiram.

Por isso sofreu muito. Encontrou algumas riquezas lá de onde veio, pois saqueou novamente todas as aldeias do entorno.

São estes os feitos de Civukuvuku. Não permaneceu por muito tempo; também foi decapitado e foi sepultado na *ombala*.

SOBA CIVUKUVUKU SEKESEKE N° 5.

Sobre o soba Civukuvuku não se ouviu muito. Só se sabe que fez intrigas com o outro soba; mas é desconhecido se ele fez alguma coisa sobre a qual se ouviu dizer.

SOBA CIVUKUVUKU SEKESEKE N° 5.

Não se ouviu muito sobre o que ele fez no seu reinado. Talvez porque havia muito ciúme entre as pessoas. No tempo em que ele governou não se ouviu muito sobre o seu reino. Pensa-se que ele tinha muito ciúme do soba Gunji, mas quando reinou não fez nada que tornasse seu nome famoso.

¹⁸ O verbo em umbundu empregado aqui é *okupokola*. Remete ao ato de “domesticar, amansar, curvar, abaixar, domar” (Alves 1951, p. 1123), “servir, obedecer, respeitar, ser súbdito” (Alves 1951, p. 1124). Neste contexto, a referência é ao “avassalamento” ou “pacificação” da região do Planalto Central pelas forças militares portuguesas, a partir do qual a administração colonial se instalou no território após a Guerra do Bailundo (1902-1903). Para além da obrigação dos sobas, a partir desse ponto de virada, de fornecer mão de obra e pagar impostos ao governo português, estes foram proibidos de realizar guerras ou estabelecer alianças independentes com as formações políticas do entorno.

SOBA UTONDOSI N° 2.

O soba Utondosi não fez nada; nem maltratou as pessoas, nem fez guerras. Por isso foi amado por muitas pessoas.

SOBA UTONDOSI. N° 5.

O soba Utondosi reinou quando fundaram a aldeia de Cilume. Ficou até envelhecer, morreu e foi sepultado na sua *ombala*. Como não fez guerras não ficou famoso.

SOBA UTONDOSI.

Esse soba reinou quando os de Luandu construíram aqui em Cilume. No tempo do seu governo não havia guerras; por isso esse soba não tinha fama. Ele não ficou muito tempo; morreu logo. Após sua morte foi sepultado na sua própria *ombala*.

SOBA ÑALA BONGE N°1.

Durante seu reinado, Ñala Bonge guerreou contra o soba Cisende II. Este saiu de sua aldeia em Kambala para lutar com o soba Bonge.

O soba Ñala Bonge reinou por muito tempo na *ombala*. Por isso os anciãos odiavam-no; todos eles eram mais próximos do novo soba, Cisende. Diziam: “Soma Bonge já nos aborreceu”. Por isso incitaram Soma Cisende a governar a *ombala* de Bailundo.

Ñala Bonge, ao ver que os anciãos abandonaram-no, disse: “Vou-me embora”. Então fugiu. Fugiu para o Wambu, na aldeia dos *imbundu*,¹⁹ dizendo: “Para que não me vejam”. Naquele tempo não havia brancos nas aldeias no Wambu; havia somente *imbundu*.

Ao ser expulso da *ombala*, o soba Ñala Bonge levou tudo que era seu. Não deixou lá nada: pessoas, bois, porcos e ovelhas, levou tudo consigo.

SOBA ÑALA BONGE N° 1.

¹⁹ *Imbundu*, plural de *umbundu*, forma mais usada localmente para designar a pessoa falante da língua umbundu ou descendente de seus falantes. *Ovimbundu*, o termo étnico, raramente é usado no Planalto Central por falantes nativos de umbundu, os quais aplicam o termo “umbundu” também para se referir às pessoas falantes da língua. Essa sobreposição entre língua e população falante também se verifica no que diz respeito ao kimbundu, cujos falantes também são ditos kimbundu

Quando Ñala Ekuikui morreu as pessoas foram buscar outro soba cujo nome era Bonge. Era da família do soba que havia sido expulso anteriormente.

Quando já reinava é que nos demos conta, e as pessoas logo começaram as intrigas contra ele, dizendo: “Vamos escolher outro para governar-nos. Este Bonge não queremos mais”.

Ao ver essas pessoas à sua procura, ele disse: “Mas não foram vocês que me foram buscar na nossa aldeia, dizendo ‘Venha nos governar’? Por que querem me matar? Se querem o trono de volta, recebam-no em paz. Está bem! Eu não farei nada a vocês. Não me matem por isso. Seu reino está lá, recebam-no”.

“Eu não o quero”. E saiu de lá em paz. Ao ouvi-lo, as pessoas disseram: “Tem bom senso”. E na língua das pessoas, dizem sobre quem faz algo razoável: “Tem o bom senso de Ñala Bonge”.

SOBA ÑALA BONGE N° 2.

O soba Bonge pertencia à grande família. Ele mesmo era o sucessor do soba Utondosi. Com a morte de Utondosi, herdou seu trono no Bailundo.

Seus feitos não se comparam com os do soba Utondosi. Este gostava muito de fazer guerras.

Durante seu governo ninguém foi à guerra. Por isso os países vizinhos desprezavam consideravelmente o reinado do Bailundo.

Ao pensar nisso ele começou algumas guerras contra os de Ciyanga. Os de Bailundo ganharam e capturaram muitas pessoas. Foi de lá que saiu o Sekulu Samuele Kapila.²⁰

As pessoas pensaram: “Encontramos outro soba bravo como Gunji ou Sekeseke. Mas Bonge não começou outras guerras e passaram a odiá-lo, dizendo: “Os países estão desobedientes.²¹ O senhor não vai começar nenhuma guerra?” Ele disse: “Não consigo.” E o ódio por ele aumentou ainda mais.

²⁰ Sekulu indica seu status como ancião. Samuele é a transliteração de Samuel para o umbundu. Kapila é o nome em umbundu que se tornou o sobrenome deste que foi um dos primeiros pastores da igreja congregacional no Planalto Central. Uma carta manuscrita por ele redigida em umbundu está disponível nos arquivos da ABCFM na Houghton Library.

²¹ Esta observação remete à superioridade político-militar da formação política do Bailundo em sua região. A insatisfação com Bonge insere-se na lógica de que para que o Bailundo mantivesse tal posição seria necessário subjugar por meio da força todos os sobados do seu entorno que se sublevassem, pilhando-os de suas pessoas e objetos e fazendo-os pagar tributos em reconhecimento à superioridade do Bailundo.

Um pouco depois os rapazes da corte disseram: “Queremos criar intriga contra este soba porque ele não presta”. Ao ouvir isso, Bonge fugiu à noite com toda sua família, levando os bois, todos os seus bens e seus escravos. Não deixou nada para as pessoas. Foi até o monte que fica próximo a Kaputu. Morreu lá, mas seu corpo foi trazido para a *ombala*.

SOBA ÑALA BONGE N°5.

O soba Bonge era o soba da paz. Todas as pessoas gostavam muito dele por sua pacificidade. Foi por isso que houve intriga.

Certa vez o soba mandou seu rapaz às aldeias com uma arma. Ao ver uma mulher na lavra, o rapaz pensou: “Vou testar a arma do soba para ver se ela realmente dispara”. Atirou na mulher e ela morreu. Ao saber disso, as pessoas falaram com o soba, dizendo: “Se você é o soba da paz, como é que seu rapaz matou uma pessoa? É porque você não chamou a atenção dele”. Por isso o soba foi expulso da *ombala*. Então se instalou no monte Keve. Mas quando morreu trouxeram-no para a *ombala* para ser sepultado.

SOBA ÑALA BONGE N°5.

São muitas as pessoas que gostavam desse soba por causa da sua pacificidade. Um dia o soba mandou seu rapaz às aldeias, mas ao fazê-lo entregou-lhe uma arma. No meio do caminho encontrou uma pessoa e testou a arma em sua direção, fazendo como se fosse disparar para ver se a arma falharia. A arma falhou e a pessoa morreu. Quando viram isso, as pessoas disseram: “Por que esse soba pacifista não chama a atenção dos seus rapazes?”. Por isso foi destituído do trono. Então fugiu para o cimo do rio Keve. Mas quando morreu trouxeram-no para a *ombala*. Nela foi sepultado o soba Bonge.

SOBA CISENDE II. N° 1.

A aldeia natal do soba Cisende fica em Kambala. Foi de lá que ele saiu para reinar. Ele substituiu Ñala Bonge, mas seu reinado não durou muito. Permitiu apenas uma caçada, a qual é narrada assim: o soba recomenda a todas as pessoas próximas dele que caçassem animais nas matas, mas nossos anciãos chamam essa caçada de Ekanjo. Porque é permitido matar muitos animais e porque essa caçada é do soba. O soba não

viveu muito tempo depois de organizar a caçada. Morreu e foi substituído no trono por seu filho de nome Vasovava.

SOBA VASOVAVA N° 1.

Vasovava é o filho do soba Cisende II, a quem substituiu. No tempo desse reinado havia algumas guerras que vinham de Cisakela. O soba inciou-as e também lutava nelas. Essas guerras eram feitas para capturar muitas pessoas e muitos animais. Até hoje há aqui no Bailundo anciãos oriundos dessas guerras.

Esses anciãos tornaram-se importantes. Alguns foram postos para liderar pessoas nos trabalhos administrativos.²²

Quando o soba terminou as guerras não ficou muito tempo; morreu logo. Então reinou o soba Ekongo.

SOBA VASOVAVA N° 2.

No tempo de Ñala Bonge se o soba fizesse coisas más seria expulso ou morto. Com Cisende existia a mesma recomendação. Hoje querem empossar Vasovava, cujo nome significa: “Olhos d’água, ainda não vi nada; se serei decapitado ou expulso, dessas coisas ainda não sei”. Não ficou muito tempo. Foi morto porque não queria subjugar os países vizinhos para que obedecessem ao Bailundo.

SOBA VASOVAVA N° 2.

No tempo do soba Cisende havia uma lei segundo a qual se um soba não fizesse coisas boas, por exemplo se não soubesse conduzir um julgamento no tribunal, seria expulso como um cão ou morto a tiros pelos rapazes da corte. Após a morte do Soma Cisende, queriam fazer reinar seu sucessor, mas este já estava morto. Por isso deixaram que Vasovava Kasoma governasse. Esse nome é uma forma de negação que significa

²² Aqui fica claro como as pessoas capturadas nas guerras e razias, embora não pudessem retornar a suas aldeias segundo sua vontade, eram integradas à sociedade local. Podiam inclusive ocupar posições de liderança. Assim, embora o termo *upika*, aplicado às pessoas capturadas nesses contextos, seja comumente traduzido como “escravo”, o estatuto de um *upika* no Planalto Central não é equivalente ao estatuto de “escravo” que as pessoas transportadas pelo tráfico negreiro para as Américas teriam no outro continente. Pois embora pudessem ser vendidos, também podiam ocupar cargos na corte. Traduzir o termo como “servo” tampouco é uma solução isenta de problemas, visto que o contexto de origem de tal termo em português é a sociedade estamental medieval europeia. Os *apika* pertenciam ao soba que os capturou, mas isso não impedia sua ascensão social.

“Olhos d’água, ainda não vi nada; se serei morto ou expulso ou se haverá intrigas, ainda não sei”.

Ele não fez nada relativo a guerras, mas as pessoas ficam maravilhadas com sua forma de decidir em tribunal, porque o faz com muita sabedoria.

Da sua morte não sabemos nada porque somente os anciãos e pais ouviram.

São estes os feitos do soba Vasovava.

SOBA VASOVAVA N° 5.

O soba Vasovava é filho do soba Cisende Kambala. Como seu pai não foi empossado, colocaram seu filho Vasovava no governo. O soba Vasovava foi a Buim e trouxe de lá alguns anciãos que estão em Cilume. São eles: Citunda e Samuhongo. Buim tem dois nomes; também se chama Cisakela.

Nas águas²³ do soba Vasovava nasceu o Sekulu Tomasi. O soba Vasovava governou apenas um ano e morreu. Era muito amado e forte. Tinha um corpo enorme.

SOBA VASOVAVA N° 5.

É filho de Soma Cisende. Foi ele quem o gerou. Como seu pai não permaneceu muito tempo no trono e morreu em seguida, as pessoas pensaram em fazer reinar seu filho Vasovava.

Quando reino, esse soba até Buim e trouxe de lá alguns anciãos. São eles: Citunda e Samuhongo.

Vasovava era muito forte e amado, mas não governou por muito tempo. Logo morreu, ficou apenas um ano e fim.

SOBA EKONGO N° 1.

Este soba foi escolhido para governar quando já estava velho. As pessoas escolheram-no por ter bons feitos. Por isso diziam: “Um soba ancião tem sabedoria”.

Na época desse soba também havia uma guerra vinda de um país de nome Ciyanga. O povo de Ciyanga era muito temível. Mesmo assim o soba Ekongo venceu-os. Então começou a capturar as pessoas e seus bois. Essas pessoas eram chamadas de Ngoya.

²³ *Kovava*, literalmente “nas águas”, refere-se ao período anual de chuvas. Metaforicamente designa, portanto, um ano.

Quando chegou com essas pessoas não aceitou que construíssem distante dele. Deveriam construir na aldeia do soba. Ele tinha muitos escravos, que vendia aos brancos. Mas esses brancos ficavam somente em Benguela. Aqui em Bailundo não havia nenhum branco. Por isso vendiam em Benguela.

Ele se casou com uma mulher. Seu nome era Katalina²⁴ e as pessoas chamavam-na de Inakulu [Rainha Anciã]. Essa rainha também iniciou guerras. Antigamente era assim: se o soba começasse uma guerra também deveria ir. Nessas guerras às quais os sobas iam lutava-se até a morte e capturavam-se pessoas para serem escravas do soba. Se ele não quisesse ter escravos, vendia-os aos brancos.

Mas nas guerras da Inakulu não lutam nem matam pessoas; apenas saqueiam porcos. Nessas guerras saqueavam muitos porcos, que traziam aqui para a aldeia, na *ombala*.

A essas guerras chamaram Ovita Viocipunda [Guerras de Saque²⁵]. A aldeia de Katalina é em Ndambu e também se chama Wombe.

As pessoas gostavam muito desse soba porque tinha sabedoria por ser ancião. Todo o país gostava muito dele.

SOBA ÑALA EKONGO N° 1.

Quando Ñala Bonge saiu da *ombala* quem reinou foi Ñala Ekongo lia Hombo. Esse soba não era jovem; reinou sendo ancião e de fato já estava velho. Foi escolhido por falta de nobres²⁶. O soba Ekongo não fez nenhuma guerra; houve apenas duas: a primeira foi em Ciyanga com os Ngoya e a segunda foi liderada pela Inakulu Katilina, mas não era deste país, era de Ngoya.

SOBA EKONGO N° 2.

Não fez nada proveitoso para as pessoas; apenas fê-las pagar multas indevidas ao condená-las erroneamente no tribunal.

²⁴ Katalina, umbundização de Catarina (o umbundu não tem “r”, sendo estes geralmente substituídos por “l”).

²⁵ Na literatura sobre a região da África Central e do Sul, o nome comumente dado a esse tipo de investida contra os vizinhos é *razia*. Na tradução manteve-se “guerra” porque a fonte utiliza o mesmo termo em umbundu, *ovita*, para falar das guerras e das razias. Aliás, as segunda costumavam ser componente importante da primeira, uma vez que eram a forma como o exército era remunerado.

²⁶ Em umbundu, *olombuale*. Outra tradução possível seria “livre”.

SOBA EKONGO

N° 2.

Na época do Soma Ekongo aconteceram muitas coisas relacionadas a comer pessoas. Se alguém cruzasse com ele levando uma colmeia isso se tornava um problema enorme, pois significava o seguinte: “Por me aproximar do cadáver você deve pagar em bois, pessoas ou cera²⁷”. Se cruzar com o soba enquanto ele caminha sozinho, sem ninguém ao seu lado, você diz: “Encontrei-me com o soba”. Ao chegar na aldeia você diz: “Paguem-me, pois caminhei com o soba, conduzindo-o”. Os sucessores do soba e o Kasoma [Pequeno Soba] devem pagá-lo mesmo se você for uma criança pequena.

Na época dele nenhuma criança podia andar sozinha porque seria capturada.

Colocaram também pedras grandes na *ombala*; se a criança não soubesse do que se tratava e se reclinasse sobre a pedra seria capturada. Diriam: “Você se colocou à disposição do soba; se não for assim, seu pai deve pagar”.

Ele não começou nenhuma guerra. Foi nessa época que nasceram nossos pais, nós que hoje somos anciãos.

Na sua morte dizem que foi dobrado²⁸ como os outros; mas nossos pais não viram, foi alguém que contou para eles.

Esses são os feitos do Soma Ekongo lia Hombo.

SOBA EKONGO

N° 5.

Este soba era cego, mas também participou das guerras lutando contra os de Wombe. Ele ia à guerra de tipoia²⁹, mas ainda assim capturaram muitas pessoas. Por ser cego, não sabia se o que estava vestindo era um pano; tinha de perguntar às pessoas para que lhe dissessem que pano estava usando.

Ele também não ficou muito tempo; morreu logo.

SOBA ÑALA EKUIKUI II.

N° 1.

²⁷ Em umbundu, *esela*, umbundização do português “cera”.

²⁸ A referência é ao procedimento de torcer o pescoço do soba para separar sua cabeça do corpo, como descrito abaixo.

²⁹ Em umbundu, *owanda*. Era o método utilizado para transportar pessoas importantes no Planalto Central, onde a maior parte do transporte era feito por carregadores, os quais comumente tinham o estatuto de *apika* (ver nota anterior sobre sua tradução como “escravos”). Neste caso específico, o soba era assim carregado e ficava na tipoia durante as batalhas não por ser, além de importante, cego. Era comum, contudo, que para o percurso de grandes distâncias tanto altos membros da corte quanto brancos poderosos fossem assim transportados.

O soba Ekuikui de fato realizou muitos feitos. Na época dele havia guerras que iam em direção a Bongo. Nessas guerras, ao chegar nesse país encontravam muita carne; seus habitantes fugiam muito e deixavam as carnes. Por isso nessas guerras não capturaram pessoas; apenas saquearam suas coisas.

A guerra logo saiu de lá e no caminho encontraram uma aldeia. Guerrearam contra ela porque essa aldeia capturou um integrante do exército; por isso lutaram contra ela, venceram-na e capturaram alguns de seus habitantes, os quais trouxeram aqui para a aldeia. Eram apenas seis pessoas.

Mesmo assim, eram muitas as pessoas que vieram dessas guerras. Do Bié³⁰ também saíram pessoas que vinham para a guerra; de muitos países saíam pessoas para a guerra; de Civanda e Wambu também.

Quando vão para essas guerras distantes nesse país ultrapassa-se Benguela Velha³¹. Quando o soba reiniciou as guerras foram até um país chamado Kepuai. Esse país era próximo de Sumbe e sua população era de fato temível. Ainda assim, nessa guerra capturaram apenas seis pessoas. Nessa guerra morreram algumas pessoas do exército, mas não muitas. Todas as pessoas capturadas na guerra tornaram-se escravas do soba, que as criou na *ombala*, dizendo: “Para que façam o meu trabalho”.

As guerras do soba Ekuikui são as mesmas de antes. Ele havia começado uma guerra à qual também foi. Nesse país chamado Wombe, Sita-Liondombo veio do leste³². Esse nome é um provérbio que significa “Feixe de lenha de verão que incendeia o apressado”; as pessoas resumem-no, dizendo apenas Sita.

³⁰ Viye transliterado para o português como Bié, foi uma das duas formações políticas mais poderosas do Planalto Central no período que antecede seu “avassalamento”. Como fica claro nesta narrativa, rivalizava com o Bailundo em termos de poderio militar e da extensão de sua influência para os sobados vizinhos.

³¹ “Benguela Velho” está no original em umbundu. A referência é a Benguela Velha, localidade portuária próxima à atual Porto Amboim. Benguela Velha foi colônia de Portugal na segunda metade do século XVI, mas a localidade foi abandonada por mais de um século após os portugueses residentes no local serem mortos ou expulsos devido a desentendimentos com o soba no que concerne a sua soberania. No início do século XVII a presença portuguesa na região deslocou-se mais para o sul, para a região onde hoje se encontra Benguela. A região de Benguela Velha voltaria a ser ocupada pelos portugueses na segunda metade do século XVIII.

³² *Nano*, em umbundu, pode ser traduzido tanto como “leste” quanto como “de cima” ou “do alto”. Os habitantes do Planalto Central eram comumente chamados de Vanano (literalmente “os do alto” ou “os de cima”) pelos povos vizinhos devido ao fato de habitarem uma região geográfica mais elevada que as regiões adjacentes. Na geografia de Angola, o Planalto fica mais alto em relação à costa. Daí a associação do leste ao alto. Da perspectiva dos povos do leste, contudo, os Vanano, “os de cima”, ficam a oeste.

Assim, ao partir os exércitos encontraram a aldeia de Sita; mas essa aldeia não tem muitos caminhos que conduzem à entrada, tem apenas um caminho. Então muitos membros do exército morreram porque todas as pessoas dessa aldeia eram muito perspicazes; quando ouviram que o exército se aproximava, armaram emboscadas no caminho pelo qual o exército passaria.

Como o exército não sabia disso, apressaram-se sem perceber a emboscada. Os habitantes da aldeia mataram-nos; mas não morreram todos, só alguns.

Mas quem escreveu sobre isso errou um pouco porque nos apressamos a escrever sobre as guerras de Kepuai. Não é assim. Essas guerras de Sita foram as primeiras; as guerras de Kepuai vieram depois.

Em seguida o soba iniciou outra guerra com muita gente em direção ao país de Dondi.

SOBA ÑALA EKUIKUI II N° 1.

Ele é o mais importante entre os sobas. Mas era da geração que precede Namba. Fez muitas coisas. Foi no seu fogo³³ que os brancos se estabeleceram de fato no país.

Seu nome é Cisengele-Colongupa. Ao tomar posse, disse: “Sou Ekuikui *Cikundiakundia* Cipuka Kaliwa la Njila [A Larva *Cikundiakundia* que Não Pode Ser Comida pelo Pássaro]”. Isso significa: “Escapei, não sou vencido por qualquer coisa”.

Durante seu fogo todos os habitantes de outros países passaram a respeitar mais o nome do Bailundo. Venceu muitos países. Fez os habitantes de Cilenge tremerem ao ouvir seu nome. Mas o país aonde mais iam era Wombe; era lá que buscavam muitas pessoas.

Um dia mandou uma mensagem ao Soma do Bié na qual dizia: “Como existem rancores entre nós, venha conversar bem. Porque você é criança e eu sou mais velho, não é bom que nos provoquemos”. O soba Ciponge do Bié respondeu: “Digam-lhe que eu não conversaria com um banguela”. Soma Ekuikui, ao ouvi-lo, disse: “Está bem”.

E ficou atento a quando Ciponge fosse buscar seus fardos³⁴. O Soma, Ñala Ekuikui, apoderou-se de todo o carregamento. E disse aos rapazes de Ciponge: “Vão até o seu

³³ Fogo, aqui, indica o tempo de seu governo. O soba, ao ser empossado, apagava o fogo do antecessor e acendia o seu. Assim, o tempo de um sobado equivalia ao tempo em que o fogo desse soba esteve aceso. Ekuikui II governou de 1876 a 1890.

³⁴ Como o Bié fica a leste do Bailundo, os carregadores que de lá saíam em direção à costa passavam pelo Bailundo a caminho de Benguela.

Senhor, meu irmão mais novo Ciponge, e digam-lhe que Ekuikui, aquele banguela, morde mesmo sem dentes. Suas gengivas mordem bastante”.

Os de Ciyaka colocaram-no em uma canção que diz:

Ekuikui, uê! Ekuikui, uê!

Que Civanda caia por terra;

Que Bailundo olhe para Ciyaka.

Não desbravaremos, não cultivaremos;

Curvar-nos-emos a Ekuikui, uê!

Ao amanhecer, todos os pássaros do céu cantam apenas o seu nome.

Foi ele quem mandou os professores³⁵ de volta para o Bié. Ele simplesmente não compreendia. Pensava: “São os meus rapazes”. Porque o Soma gostava muito que todos o obedecessem, tanto brancos como Ovimbundu. Mas gostava mais de saquear suas coisas. Deu a isso o nome de Omaka ya Ñala Ekuikui [Provocação do Senhor Ekuikui]. Por isso gostava dos brancos.

Certa vez Ñala Stover queria ajudar a mulher e o filho de um de seus rapazes. Porque o exército que o Soma tinha enviado chegara até Njamba. Mas esse exército era somente para saquear, não para matar. E trouxeram-nos à *ombala*. Ñala Stover pôs-se de pé para dizer palavras de socorro a favor da mulher, como corresponde aos modos respeitosos dos brancos. Mas o respeito dos brancos é desrespeito para os sobas daqui. O Soma ficou furioso, pegou-o, bateu a cabeça dele na pedra com muita raiva e disse: “Você é apenas um sapinho! Vai falar comigo em pé, eu que sou o soba? Vocês sapos são muito teimosos. Por isso não vou entregar esta mulher, devem dar algo por ela”. Então pegaram tecidos e entregaram ao Soma para que a mulher e seu filho fossem entregues.

Depois de reinar muito tempo as pessoas mais importantes começaram a sentir ciúme dele e entraram em acordo para matá-lo. Diziam: “Para que nós também possamos reinar e não só ele; nosso país é de muita gente”. Ao morrer ele disse: “Sou o último dos grandes sobas; os que me sucederem não chegarão ao mesmo patamar”.

SEUS FEITOS:

³⁵ *Alongisi*, aqui, refere-se aos missionários da missão congregacional. Eram chamados de “professores” em umbundu por terem-se instalado no Planalto Central com a promessa de ensinar os jovens a ler e escrever.

Lutou contra Bié.
Lutou contra Cilenge.
Lutou contra todo Wombe.
Lutou contra Esele.
Lutou contra Civanda.
Lutou contra Cisanji.
Saqueou os brancos até Loanda.
Sustentou Tisiela, o primeiro *mueputu*³⁶.
Recebeu os professores.
Saqueou Ciponge.
Cortou o nariz e as orelhas das pessoas.
Castigou os brancos.
Tornou todo o Bailundo um país famoso.

A Inakulu Cipapa morreu no ano de 1924.

SOBA ÑALA EKUIKUI II. N° 2.

Foi na época do soba Ekuikui que os brancos pacatos vieram para este país. Esse soba em parte foi bom para os brancos porque aceitou que construíssem em seu reino, mas também os castigou muito. No seu tempo a população era grande, tanto escravos como ricos. Mas quem olhasse para a mulher do soba seria morto imediatamente. Se a mulher do soba viesse todos fugiam; caso contrário fariam a pessoa falar e conseqüentemente seria morta. Não é permitido receber a cabaça das mãos da mulher do soba; ela deve primeiro colocá-la no chão e só então se pode pegá-la e beber. Se você a receber da sua mão e for acusado, furam-lhe os olhos ou cortam-lhe a mão, a orelha ou a perna.

Mesmo quando os [brancos] pacatos vieram enviaram recado ao soba do Bié, dizendo: “Os brancos estão vindo; mande matar a todos, soba do Bié. Se não fizer isso lutarei contra você”. Ele era um homem extraordinário em força e na guerra. Todos os países ao redor, Esele, Bié, Bukusu, obedeciam ao Bailundo. Nessa época percebeu que era

³⁶ *Mueputu* foi a forma como os governantes vinculados a Portugal (em umbundu, Putu) foram designados em umbundu.

uma pessoa amada por todos, brancos e Ovimbundu. Quando estava vivo dizia sempre: “Filhos, o que está por vir não poderão conter. Obedecerão aos brancos, serão seus escravos eles serão superiores a vocês”.

O soba Ekuikui, ainda que fosse pessoa muito estimada, fez algumas coisas más. Um dia Ñala Stover falou-lhe um pouco a palavra de Deus. Por não ter gostado pegou-o, bateu com ele numa pedra grande e disse: “Sente-se aí, seu caracolzinho!”. Ele então se sentou e começou a falar sentado. Mesmo saqueando suas coisas eles permanecem alegres; não se zangam nem um pouco e ainda fazem rir quem os rouba. Por isso deram-lhes o nome de mansos, por causa do silêncio pacífico, até que esse nome pegou.

SOBA EKUIKUI II. N° 2.

Este soba Ekuikui tinha a pele muito clara e possuía uma grande criação de bois, ovelhas, cabras, etc.

Na época dele o número de brancos começou a aumentar consideravelmente no país. Foi também no tempo dele que os professores começaram a ascender: Ñata Sandele, Sacikele, Mela³⁷ e outros.

Se contarmos os seus feitos, são muitos os maus e muitos os bons. Na época dele aconteceram muitas coisas, por exemplo: se ao cuspir um pouco da sua saliva tocar em alguém isso causa muitos problemas. São muitas... as coisas que ele fez por comer as pessoas.

Na época do soba Ekuikui veio o hábito de casar-se com muitas mulheres. Ele casou-se com muitas. Se alguém se dirige à mulher do soba é imediatamente morto, tem os olhos furados, os dedos cortados, ou alguma outra coisa.

Na época dele ninguém recebia um objeto das mãos da mulher do soba. Se ela quisesse dar algo a alguém deveria colocar no chão para que a pessoa pegasse e comesse; caso contrário a pessoa morreria imediatamente. Ele também tinha muito veneno³⁸ para matar as pessoas que o criticavam ou lhe faziam algum mal.

Mesmo quando os professores vieram ele não gostou. Como eles se instalaram no Bié, Ekuikui mandou alguns habitantes de Humbi dizerem-lhes: “Como as coisas são

³⁷ Transliteração para o umbundu do nome do missionário Miller.

³⁸ *Ovinenu*, transliteração do português, “veneno”.

muitas, levem os pequenos asnos para vocês”. E recomendou também: “Matem-nos pelo caminho e tragam suas coisas para mim”. Quando o soba do Bié ouviu isso, rapidamente enviou mensageiros, dizendo: “Voltem imediatamente! Não quero brancos aqui no Bié. Se vierem matarei todos”.

Como estavam aqui por muito tempo, o soba percebeu que eram pessoas de verdade, não eram como os outros brancos. E mandou-os voltar, dizendo: “Que voltem todos! Aqui se fizerem algum mal matarei a todos”. E nada de mal encontraram neles. Quando voltaram ao Bié depois de terem ficado muito tempo, mandou roubar todas as suas coisas. Um dia na *ombala* Ñala Stover falou um pouco para eles. Ao ler, leu sentado, mas para explicar queria ficar em pé. Disseram: “Você não nos respeita!”. Soma Ekuikui levantou-se e forçou-o a sentar-se na pedra, dizendo: “Sente-se, seu caracolzinho!”. Deram-lhes o nome de caracol: como quando são roubados mantêm-se em silêncio, deu-lhes o nome de Afuku [mansos]. Mesmo sendo roubados, fazem rir a quem os rouba e amam-nos muito.

Esse soba governou por muito tempo, como Soma Gunji que tem o pilar. E muitas coisas foram feitas no tempo dele.

Nessa época, como ele era muito bravo, ninguém conseguia fazer intrigas contra ele de modo a exonerá-lo, pois ele mordida e soprava ao mesmo tempo como o percevejo.

Quando estava muito velho começou a adoecer muito. Tentaram curá-lo com diversos medicamentos, mas nenhum funcionou. Quando faltava pouco para a sua morte todas as mulheres foram mandadas embora da corte e o soba ficou apenas com os *apalanga*, *olomuekalia* e os outros dignitários. No meio da noite giram seu pescoço porque já não tem força para lutar ou gritar. Depois amarram uma corda no seu pescoço e quando o pescoço se solta dizem: “Hoje o soba morreu”. Naquele tempo era assim, nenhum soba morria por si só. Assim também morreu o soba Ekuikui.

SOBA ÑALA EKUIKUI II. N° 5.

Ekuikui fez sofrer muito. Tinha muitos rapazes que infligiam sofrimento a todas as pessoas no país. O soba Ekuikui avisou sobre roubar as coisas dos outros; ninguém podia roubar o milho do outro na lavoura. E aquele que se deitasse com a mulher alheia teria os olhos furados e sofreria muito ou seria morto. Se seu rapaz cometesse

algum delito seria apedrejado como um cão. No tempo dele todas as pessoas estavam muito bem. Naquele tempo foram os brancos que trouxeram o costume de roubar. Quando o soba Ekuikui foi para Bongo, quis avisar para que todos soubessem que estava a caminho. Ele era assim, quando ia à guerra não queria chegar de surpresa.

SOBA ÑALA EKUIKUI II. N° 5.

O soba Ekuikui causou muito sofrimento às pessoas, inclusive aos brancos. Tinha muitos rapazes que infligiam sofrimento às pessoas.

Esse soba Ekuikui pôs fim a todos os males oprimindo as pessoas. Pôs fim ao roubo. Quem roubasse teria os olhos furados. “Quem roubar será apedrejado”, ele dizia, “para que quem o vir não roube”.

Se quisesse guerrear com algum país, tinha o hábito de primeiro mandar recado para que as pessoas soubessem, pois não gostava de fazer algo de surpresa, sem que ninguém soubesse.

Costumes da *ombala* (capital) do Mbalundu³⁹

O Novo Rei distribui seu séquito de acordo com o estatuto de cada grupo.

As sete entradas que conduzem ao recinto onde o rei realiza as audiências. A etiqueta a ser seguida por quem entra no recinto e a forma como se sentam.

Havia quatro classes de pessoas que se dedicavam ao rei (*oku litumbikila*).

A cozinha do complexo real. Sob o comando de duas sub-rainhas, o título da menos graduada tem o mesmo significado de Cinderela. O rei come as primeiras frutas para que elas possam ser disponibilizadas a seus súditos. O despejo das cinzas para a aldeia capital.

Assuntos do complexo real: café da manhã real, a capela, culto, profecia, o nome de Deus não se pronuncia, a confecção das múmias.

O rei e seus conselheiros, o anunciador do rei, o armazém da carne, os ritos funerários de um rei.

³⁹ Conforme indicado pelo comentário entre colchetes, este índice, em inglês na fonte original, parece ter sido compilado por Ennis e acrescentado à fonte em umbundu.

Mbalundu é o equivalente em umbundu de Bailundo, transliteração para o português do nome dessa formação política localizada no Planalto Central de Angola.

Muëlēkalia,⁴⁰ o alto sacerdote, divindades, ritos e cerimônias.

A caça de Kandundu. O culto a Kandundu, cerimônias religiosas relacionadas, refeição sagrada; Kandundu alimentava-se regularmente de mel.

Herdar o reinado. Novos amuletos e insígnias. As mulheres do rei defunto vão para onde quiserem.

O comandante das forças armadas vive em uma aldeia separada da aldeia central; suas prerrogativas.

A cerimônia em que se come o velho.

As cerimônias relacionadas à audiência com o rei, a coroa de penas e as insígnias herdadas do rei.

A chegada de Teixeira da Silva e a destruição da capital.

[notas descritivas de Merlin Ennis]⁴¹

COSTUMES DA OMBALA⁴² GRANDE DO BAILUNDO

Ao governar, o soba começa por nomear as pessoas com as quais construirá o reino. Os nomes dados a elas explicam as funções a que correspondem e como se constituem, seja para pessoas livres, filhos de sobas, rapazes da corte ou antigos escravos. Em seguida, essas pessoas são direcionadas para os arredores da *ombala*, dizendo: “Esta família construa ali; a outra, lá”.

⁴⁰ ~ indica a nasalização de vogais e consoantes. † indica a nasalização da letra “l”. Os símbolos são reproduzidos tal como aparecem na fonte original.

⁴¹ No original, esta observação aparece em azul, escrita à mão.

⁴² A *ombala* é o centro do sobado, formação política que tem como figuras centrais de governo o soba e o conselho de anciãos (*akulu*). Optamos aqui por manter o termo em umbundu, não traduzindo *ombala* como “capital”, por exemplo, da mesma forma como optamos por utilizar o termo “soba”, aportuguesamento do termo umbundu *osoma*, não o traduzindo como “rei”. O objetivo de tal escolha é apontar para a particularidade dessa formação política, a qual é descrita em detalhe por esta fonte. Isso não impede, evidentemente, que seus futuros leitores venham a estabelecer paralelos entre esta e outras formações políticas. Outro motivo para tal é o fato de tais termos serem, em Angola, muitas vezes utilizados na língua original ou em transliteração para o português (“soba” é mais utilizado do que “rei”, por exemplo, e *ombala* é mais utilizada do que “capital”). Em Angola utilizam-se também, contudo, as traduções desses termos, o que sugere haver, por parte dos falantes, a suposição de certo paralelismo entre as instituições políticas aqui descritas e a monarquia europeia, instituição da qual são derivados os termos em português empregados na comparação. *Ombala yinene*, ou *ombala grande*, refere-se à principal *ombala* da região, em relação à qual as *olombala* (plural de *ombala*) menores mantêm uma relação de dependência, sendo obrigadas a pagar-lhe tributos e fornecer-lhe soldados em caso de guerra. O mesmo se aplica ao *osoma yinene*, literalmente “soba grande”, o qual governa a *ombala yinene* e mantém com os outros sobas uma relação hierárquica que corresponde à hierarquia entre as *olombala*.

COMO CHEGAR AO ONJANGO⁴³ DA CORTE⁴⁴: Primeiro passa-se a porta de entrada; às vezes dizem: “É a entrada dos homens” (porque é por essa entrada que todas as pessoas passam, tanto as que vêm como as que vão. Mesmo o soba, ao partir para a guerra, também para nessa entrada como se fosse o ponto de partida). Depois vem a entrada das enxadas (o soba mandou que nela fosse posta uma enxada para barrar o feitiço⁴⁵ de outros países. Essa enxada é nova e o quimbandeiro⁴⁶ asperge-a com remédio⁴⁷ para que o feitiço não consiga ultrapassá-la e atingir o soba). Finalmente há a entrada do tribunal de acusações; ali são julgadas as pessoas acusadas.

Nesse *onjango* as pessoas trazem seus defensores⁴⁸ e sentam-se separadas. Ao chegar, deixam a bengala e o chapéu na entrada, pois não se pode entrar com eles. Esse tribunal divide-se em cadeiras. Não é permitido sentar-se em qualquer lugar, pois isso poderia causar mais problemas.

Essas cadeiras dispõem-se da seguinte forma: ao lado da porta há um semicírculo com as cadeiras dos Akesongo⁴⁹; depois vem a cadeira do Cilala (o vigia da corte) e do Epalanga (o sucessor do soba). Do lado direito sentam-se os filhos do soba, seguidos do Muekalia (que tem o poder de empossar e destituir o soba) e do Soma. São eles que cuidam da entrada do grande *onjango*. As pessoas a serem julgadas sentam-se no chão do tribunal; mas, por conta de já terem sido ouvidas, têm uma ideia de quem será considerado culpado e quem será absolvido. Estes também ficam separados: a cadeira de quem é culpado fica de um lado e a de quem será absolvido de outro, juntamente com suas testemunhas.

⁴³ O *onjango* é uma estrutura circular, geralmente de madeira e com cobertura de palha. Costuma localizar-se no centro das aldeias e da *ombala*. Nele desempenham-se funções políticas e sociais como reuniões e julgamentos. No período colonial, sua centralidade foi apropriada pelas missões cristãs, que ali estabeleceram suas escolas (Edwards, 1962; Dulley, 2010).

⁴⁴ Em umbundu, *elombe* refere-se à parte da *ombala* reservada à moradia do soba e seus auxiliares.

⁴⁵ *Umbanda* é um dos termos em umbundu que foi traduzido para o português como “feitiço” ou “malefício”.

⁴⁶ No português de Angola, quimbandeiro é o equivalente de *ocimbanda*. Outras possíveis traduções seriam “curandeiro” ou “adivinhador”.

⁴⁷ *Ihemba*, traduzido como “remédio” ou “feitiço” em português, geralmente é um preparado de ervas. É comum, entretanto, que *ihemba* seja visto na tradução como mais benéfico do que *umbanda*, termo frequentemente traduzido como “feitiço” ou malefício”.

⁴⁸ *Ondaka* (plural *olondaka*) significa literalmente “palavra”. Neste contexto, trata-se de alguém que exerce o papel de advogado de defesa ou acusação.

⁴⁹ *Kesongo* é traduzido por Alves (1951, p. 313) como “guia”. Por se tratar de um termo que designa um cargo e o status a ele correspondente, será mantido em umbundu na tradução.

Em alguns casos, os defensores precisam de recursos para fazer o teste do veneno⁵⁰. Estes são entregues pelo Soma juntamente com a comida que comerão pelo caminho. Tudo é depositado no tribunal. Ao saírem, a pessoa que se entende culpada admite a culpa imediatamente, dizendo: “A oferta alheia deve ser restituída”. E ela mesma encaminha a restituição (entregando-a nas mãos do Soma juntamente com um acréscimo) e paga a outra parte do processo (cogitar coisas que não se deve contra outra pessoa, seja com palavras ou com ações).

O GRANDE ONJANGO DA CORTE: Ao entrar neste *onjango*, quem se esquecer de deixar o chapéu na entrada do tribunal deve levá-lo à mão; quem se esquecer e entrar com o chapéu sobre a cabeça levará bofetadas dos rapazes da corte.

Neste *onjango* há pedras (usadas como cadeiras). Em seu interior está a cadeira do *kesongo* menor, que também faz o papel de Kongengele (quem carrega o crânio (cabeça humana sem carne) e o *ocindambala* (machado) caso partam para a guerra). As outras cadeiras são do Soma, do Kesongo grande, do Muekalia, do Epalanga e do Cinduli (antigo escravo que também tem poder). Há também outras cadeiras para quem se aproxima do soba. Se uma pessoa diferente sentar-se em uma das cadeiras reservadas, ficará comprometida. Quando os Ñala⁵¹ entraram neste país e visitaram esse *onjango*, Ñala Miller sentou-se na cadeira do Kesongo Kongengele por ignorância. Então o Soma disse-lhe: “Saia daí! Se não fosse branco eu o prenderia”.

COLOCAR-SE À DISPOSIÇÃO: Todo aquele que esteja sofrendo na sua família, seja escravo ou feiticeiro,⁵² refugia-se junto ao Soma colocando-se ao seu dispor e curvando-se diante dele.

São vários os costumes para colocar-se à disposição:

- (1) Simplesmente aproximar-se do soba, sentar-se e rasgar um pedaço do pano dele.
- (2) Pode-se vir com um machado e dar uma machadada na árvore da corte.

⁵⁰ *Ombulungu*, método para auferição da culpa pela ingestão de substância venenosa. Segundo Alves (1951, p. 694), a definição de *ombulungu* é “prova pelo veneno, quando se duvida da inocência de um réu: se vomitar, é inocente, se morrer, é culpado”. O mesmo teste é mencionado em Hambly (1934).

⁵¹ Neste caso, a referência do termo Ñala, traduzido como “Senhor” e aplicado tanto a pessoas quanto ao Deus cristão, são os próprios missionários congregacionais aos quais o presente relato foi feito.

⁵² *Onganga*, geralmente traduzido para o português como “feiticeiro” ou “bruxo”, no masculino ou feminino. Contudo, a fronteira entre o *onganga* e o *ocimbanda*, cuja tradução é comumente “curandeiro” ou “adivinho”, não é estanque.

(3) Pode-se ir à cozinha e tocar na lenha de Ndumbila ou sentar-se na sua direção.

(4) Pode-se vir ao *onjango* grande e sentar-se na cadeira do soba. Os rapazes da corte levam para a corte todos aqueles que se colocam à disposição; a Inakulu esfrega-o com óleo, vestem-no com um pano e torna-se escravo da corte. Assim, seu primeiro Senhor não poderá mais resgatá-lo.

Mas quem se coloca à disposição na cozinha tem de ser mulher. O homem faz isso no *onjango* ou na corte. Assim, ao chegar, ele pergunta: “Onde está o Soma?” Os rapazes da corte replicam: “Por que perguntas pelo soba?” E ele diz: “Quero falar com ele”, ou então: “Só eu sei”. Assim, um dos rapazes da corte vai avisar o Soma, dizendo: “Senhor Soma, há alguém que busca socorro”. Porque já sabem que quem busca socorro dessa forma veio colocar-se à disposição.

Não eram só os escravos que se colocavam à disposição. Também os filhos do país, pois alguns pais, mesmo gerando o filho, não cuidam bem dele. O filho fica como se não tivesse pai. E vendo que aqueles que se colocam à disposição na corte passam bem, alimentam-se bem e têm o que vestir, também ele se coloca à disposição do soba e seu pai não mais o vê.

A COZINHA DA CORTE: Esta cozinha fica próxima ao grande *onjango*. Nela são alimentadas todas as pessoas próximas ao soba e as visitas. Mas ali não se cozinha para o soba. No fogo dessa cozinha há três toras; a quarta, a maior, fica de lado e foi consagrada enterrando-se a cabeça e os dedos de uma pessoa debaixo dela. (Essa pessoa é assassinada. O Soma convoca alguns jovens da corte para ir à mata. Ao encontrarem alguém andando sozinho, pegam-no, matam-no e cortam sua cabeça e três dedos). Ao fazerem o funge,⁵³ primeiro põem de parte um pouquinho, ao qual chamam de *ekasa* (às vezes *ondambele*); antes de começar a colocar o funge nos pratos, colocam um pouco sobre a tora, dizendo: “É a comida do dono que ali está”. A mulher que cuida dessa tora e vai pondo nela a comida chama-se Ndumbila⁵⁴ (porque é ela a responsável pelas ofertas). Há duas Nasoma [Rainhas]: a Inakulu Unene [Rainha

⁵³ Funge é como se chama, em Angola, o pirão que constitui, na maioria dos casos, a base alimentar da população. No Planalto Central, costuma ser feito com milho branco ou amarelo.

⁵⁴ De *oku lumba*, ofertar; ou seja, a ofertante. (N.T.)

Anciã Grande] e a Ciuwocepembe [Responsável pela Cozinha].⁵⁵ Ambas levam um dedo humano no alto da cabeça, o qual é colocado sob seu cabelo, sob as tranças, para que ninguém perceba. Assim, ainda que forem à lavra, não carregam cesto nem cabaça d'água sobre a cabeça. Elas somente dão ordens; são as jovens que fazem todo o trabalho.

Ao sentarem-se na cozinha, deixam o fogo no meio das duas. A Inakulu Unene (Cipapa) pisa na tora de Ndumbila todas as vezes que se senta.

Essa cozinha tem duas portas que se parecem com a entrada da corte porque se abrem da mesma maneira; até ao fechar a dificuldade é a mesma, elas são feitas da mesma forma.

RITUAL DA COLHEITA DO SOBA (começando a comer os novos alimentos).

Se o milho tiver amadurecido e as pessoas já estiverem comendo, o soba e os anciãos mais importantes ainda não irão prová-lo; planejam o dia correto para comer do novo alimento.

O soba ordena aos jovens da corte que procurem alguém para matar. Quando alguém é morto, retiram suas tripas (cortam uma parte de todos os membros do corpo: fígado, perna, coração etc.). Misturam essas coisas à carne do boi e fermentam *ocimbombo*;⁵⁶ comem, bebem e assim a nova comida é provada.

Alguns anciãos importantes têm feito isso, mas sem matar pessoas; matam apenas um porquinho ou pequeno animal e comem com a nova comida. E dizem: “Faz-se o ritual, pois se ele não for feito haverá enfermidades”. Há também o costume de avisar aos filhos para que não provem de nenhuma comida da nova colheita, mesmo se lhes for oferecida em outra casa, antes de realizado o ritual na casa deles.

MONTURO. Ao lado do grande *onjango* e da cozinha há um grande monturo, de tal forma que em toda extremidade da corte há um único monturo. Nesse monturo não há nenhum objeto de adoração,⁵⁷ embora isso ocorra nos outros países. Aqui fizeram um só monturo porque pensaram: “Algumas crianças podem ser esquecidas, de modo

⁵⁵ *Ciuwocepembe*, palavra derivada da justaposição de *ciwo* (cozinha) com *cepembe* (de paz), significando, portanto, a rainha responsável por trazer paz à cozinha.

⁵⁶ Espécie de cerveja caseira de milho.

⁵⁷ Em umbundu, *efendelo*, “coisa de adorar”.

que jogam fora as cinzas mesmo que contenham fogo, e se houver brasas grandes e estiver ventando pode-se queimar a aldeia”. Portanto, reservaram um só monturo ao lado do *onjango* e da cozinha para dispensar a necessidade de vigias; se virem fogo, apressam-se em apagá-lo. Em todas as extremidades que têm seu próprio monturo, a recomendação é a mesma.

Em uma das extremidades da corte há o espaço do Cilala e seus rapazes, que cuidam do soba nos *akokoto*⁵⁸ (sepulturas dos sobas), onde têm o seu monturo. Ele fica próximo da entrada que leva à corte. É ele também o guardião da casa de pólvora e das ofertas de cachaça.⁵⁹ Daí sai o caminho que conduz à grande laje (rocha) onde ficam presas as pessoas que mataram outra pessoa; e se tais pessoas forem julgadas culpadas, também são mortas e jogadas numa cova (um buraco muito longo).

Essa pequena entrada foi pensada para quem quiser trazer ao Soma algo que nem todas as pessoas possam ver. É por ali que se passa. Talvez o próprio Soma peça, dizendo: “Quero tal coisa”. Talvez ele peça carne, cachaça ou mesmo mel. É por aí que a comida passa, pois se passar pela entrada maior, todas as pessoas quererão que o Soma compartilhe com elas. O Soma não pode comer sozinho. Assim, ele não costuma comer o que passa pela entrada maior; tem de oferecer tudo às pessoas que viram até que se acabe. O que passa pela entrada pequena é apenas dele e chega bem no fim da tarde. Só quem sabe disso são Cilala, Muekalia, Epalanga e Somakesenge. Eles fazem passar a comida e a eles se deve dar um pouco.

NA CORTE DO SOBA: O caminho que conduz à corte ao sair do *onjango* não é retilíneo. Dá-se algumas voltas até chegar ao *etambo*⁶⁰ da corte. É muito bonito. Na parte da frente foi construída uma pequena parede de pedra, como se fosse trançada pelos lados; na parte de trás foi rebocada, de forma que ficou muito bonito. Quem construiu foi um mestre de Ngoya (de Wombe ou Cipala). Ao passar esse *etambo* há uma pequena entrada para a casa do Soma. Na porta de sua casa há um pau de *ombangalunda* e ao seu redor foram colocadas *asanga* (panelas de água com

⁵⁸ Local sagrado onde se conservam os crânios de sobas falecidos.

⁵⁹ *Owalende*, destilado de cana-de-açúcar.

⁶⁰ *Etambo* (plural *atambo*), geralmente não traduzido para o português, é um templo em forma de casa.

remédios assim dispostas pelo Cimbanda⁶¹). É aí que o Soma busca reforços na sua corda com feitiço⁶² (precaver-se). Ao fazer a oração, ele asperge cachaça na corda e bate com ela em seus pés e costas; aponta para baixo e para cima, repete os gestos e aponta para a costela. Depois se lava na água das panelas proferindo palavras (lançando testemunho dos seus atos). Faz isso todas as manhãs, todos os dias de sua vida; nunca se esquece de fazer sua oração.

O Soma tem o hábito de acordar de manhã bem cedo. Vai até as panelas e apenas se lava, sem fazer a oração. Então entra novamente em casa e sua mulher já lhe preparou a refeição. Ele se alimenta imediatamente e deixa um pouco de comida para sua mulher. Isso é para que mesmo que alguém acorde muito cedo (de madrugada) para ir à casa do Soma, já o encontre alimentado. Quando amanhece dirige-se novamente às panelas para fazer sua oração, lavando-se.

Quando aponta para cima com sua corda isso significa uma oração de paz; quer dizer que o sol se levante em paz e também os sobas de cima (em Galanganja, pois só a estes ele teme). Apontar para baixo significa também “que o sol se ponha em paz”, pois ele teme os brancos que estão em Benguela,⁶³ para que não haja guerra. Apontar para o lado direito quer dizer “que haja alegria nos países mais distantes”. Apontar para o lado esquerdo quer dizer “que haja paz no país dos Ngoya”.

Na casa do Soma há muitas *atambo* (casinhas de adoração), pois cada soba que governa constrói um *etambo* para os seus anciãos e cuida de todos da mesma forma, inclusive dos que já lá estavam.

Cada *etambo* tem uma Cipuku (jovem mulher responsável pelo cuidado de varrer e praticar a adoração). Cada soba que governa, ao encontrá-las, trata-as assim como cuida dos *atambo*, pois se assemelham a suas mulheres.

⁶¹ Cimbanda, nome próprio que indica o cargo ocupado na corte, é também utilizado como nome comum, *ocimbanda*. Suas traduções mais comuns para o português são “curandeiro” ou “adivinho”. Em Angola, utiliza-se também seu aportuguesamento como “quimbandeiro”.

⁶² A palavra utilizada em umbundu é *umbanda*. A respeito da tradução de *umbanda* como “feitiço” nos escritos missionários, ver Dulley (no prelo).

⁶³ Mbaka é a forma como Benguela é designada em umbundu. Mbaka é associada ao “baixo” porque estando o Bailundo no Planalto Central e Benguela na costa, aquele é mais alto do que esta. O “cima” refere-se ao Planalto.

Cipuku é o espírito⁶⁴ que traz revelações. Se a pessoa costuma receber muitas revelações, dizem: “É do espírito *ocipuku*. Nossos ancestrais abençoaram-na com o dom da revelação”. Constroem para ela uma casinha e apresentam-lhe ofertas. A essa casa chamam *etambo*. Algumas vezes a pessoa incorpora⁶⁵ e diz: “Sou o Sekulu Fulano” e faz recomendações aos anciãos da aldeia, dizendo: “Venham para que eu possa dizer-lhes algumas palavras”. Às vezes diz: “Reúna-se todo o povo”. Quando todos chegam, faz todos os alertas; se porventura existe ou está para ocorrer alguma coisa, ela logo diz o que virá. Ao fazer a revelação, diz: “Vão para tal lugar e busquem tal coisa”. E quando lá forem, encontrarão exatamente o que ela disse. E dizem: “Ekisi (a profetisa⁶⁶) foi quem nos disse isso”. Eles têm⁶⁶ o hábito de memorizar tudo que a profetisa disse e lembrar-se disso. Se ela lhes der algum mandamento, cumprem-no à risca, instruindo aos seus filhos. A pessoa que incorpora a profecia geralmente é da família; pode ser um rapaz ou ancião. Se a incorporação ocorrer na mata, ele vem correndo até o *etambo* e chama os anciãos. Mas geralmente isso ocorre tarde da noite; o profeta incorpora na hora de dormir.

Até hoje, se uma pessoa recebe revelações, diz: “tive uma revelação”.

Sabemos que desde a antiguidade os anciãos confiavam muito em Suku.⁶⁷ O nome dele nunca é pronunciado com pouco sofrimento ou pouca paz. Se alguém estiver doente, fazem-se orações aos ancestrais nos *atambo*. Só se pode chamar o nome de Suku se a pessoa estiver morrendo. Dizem: “Os ancestrais não estão respondendo; chamemos a Suku que nos formou e nos deu a vida”. E dizem: “Suku libertou-te; os feiticeiros que se gabem de adivinhar”. Reconhecem em seu coração que “Suku nos advertiu sobre as coisas relativas à adoração e sobre os nossos *olosuku*⁶⁸”.

Na corte do soba há uma grande casa (armazém⁶⁹) de tecidos e pólvora. Já foram doadas as prateleiras e os lugares onde serão guardadas as diversas coisas. A pólvora

⁶⁴ *Ondele*, cuja tradução mais comum é “espírito”, compartilha a raiz da palavra com *undele* ou *ocindele*, termos aplicados para designar os brancos.

⁶⁵ *Okusingila*, incorporar espírito.

⁶⁶ A tradução de Ekisi como “profetisa” é proposta pela própria fonte. Em umbundu no original, “Ekisi (uprofeto)”.

⁶⁷ Suku foi traduzido para o português como “Deus”. Trata-se provavelmente de um ancestral que foi, no processo de tradução ocorrido nas missões, justaposto ao Deus cristão (cf. Dulley, 2009).

⁶⁸ *Olosuku*, substantivo comum, é o plural de *osuku*, forma comum do nome próprio Suku.

⁶⁹ “Armazem”, em português no original.

ainda não foi ofertada. Os lugares estão separados na casa de Kesongo e Cilala, onde se fazem as ofertas de cachaça.

Ao lado da casa do armazém há uma grande casa onde se estendem pessoas. No interior dessa casa foi escavado um ralo que dá para fora (como uma valeta para escorrer a água). As pessoas estendidas ali não são sobas; são pessoas simples da estirpe⁷⁰ do soba ou antigos servos fiéis.

As pessoas são estendidas assim: quando uma pessoa morre, levam-na até essa casa, colocam-na bem sentada sobre um banco em cima da valeta e despejam cachaça sobre ela para que seque mais rápido. A água escorre para fora pela valeta. Essa valeta é bem construída com pedras; como se parece a uma toca, não se vê que o que passa por ela é nojento. Depois de a pessoa secar, amarram um pau em sua mão. Quando a água acaba de correr, a pessoa é removida de lá e colocada de lado juntamente com sua cadeira. Isso é feito para todas as pessoas, de modo que essa casa fica extremamente cheia. Organizam-se as pessoas sentadas nas cadeiras com uma bengala na mão como se não tivessem morrido. Ficam para cuidar dessa casa duas mulheres que têm proximidade com o soba e uma mulher que serve como guia das duas. O nome desta última é Kacituŋu. Tal nome aplica-se a esse tipo de trabalho porque ela é responsável por cuidar dos *itutu*⁷¹. Estes a reconhecem como parte deles por terem o mesmo nome e a ela não fazem mal algum. Se assim não fosse ela talvez fosse comida (morta).

Sobre essas pessoas estendidas, diz-se: “São elas que protegem o Soma dos ataques maléficos. Caso ultrapassem a entrada das enxadas, não atingirão o soba”.

O SOMA FALA AOS SEUS SÚDITOS⁷²: O Soma, para falar aos seus súditos, escolhe um homem de voz forte, a qual possa ser ouvida à distância. A ele vai ditando as palavras para que repita. Essa pessoa é chamada de Ndaka.⁷³ Ele é sempre chamado no fim da tarde ou na alta madrugada. Ndaka fica parado transmitindo as mensagens a todos os lados da *ombala*. Nesse momento as pessoas devem ficar totalmente caladas enquanto escutam. A criança que estiver chorando deve ser amamentada, pois

⁷⁰ Em umbundu, *ombuto* faz alusão a laços consanguíneos de linhagem.

⁷¹ Tipo de espírito geralmente traduzido como “fantasma”.

⁷² *Onungi* (plural *olonungi*), em umbundu, significa literalmente “habitante”.

⁷³ *Ondaka*, em umbundu, significa “palavra”.

ninguém deve deixar de ouvir a mensagem para que mais tarde não cometa erros referentes à ordem dada. Por isso, quando os pais veem que o filho já cresceu, passam a explicar-lhe os costumes da *ombala*, pois se a pessoa cometer algum erro ou mostrar lentidão para fazer algo, podem dizer-lhe como as coisas devem ser feitas, ou então que é dos arredores. Porque *kikanjo* (dos arredores) quer dizer que a pessoa não é da *ombala*, não é esperta (inteligente), dá mostras de mau comportamento porque não lhe foi ensinada a esperteza. Mesmo se for adulto e apresentar comportamento teimoso, a ela também dizem: “É dos arredores”; ainda que tenha construído na *ombala*, dizem: “Não és inteligente como os da *ombala*”.

ETANDA (A CASA DA CARNE DO CAÇADOR). Essa casa é muito grande porque é o mercado⁷⁴ da corte. Nela se guarda muita carne caçada pelos caçadores e também a carne enviada a outros países. Do lado de fora da *etanda* há um grande terreiro onde se dançam caçadas com *ocitunga* (paus de pontas afiadas fincados no chão onde são espetadas as cabeças de todos os animais caçados). Ao lado da porta fica a Samemba (escultura do caçador responsável por conduzir os animais a serem caçados como se fosse disparar).

Quando essa carne é cozida, passa-se toda a noite ao fogo dançando a caçada. O maior caçador que matou o animal tira pedaços de carne da panela e, enquanto dança, atira-os para todos os lados onde haja pessoas. Essas pessoas são seus familiares ou amigos; joga carne em sua direção e eles a recebem. Ao amanhecer fazem muito funge. Começam por tirar um pouco de funge com um pedacinho de carne (*onute*⁷⁵), que põem na boca de Samemba. Só então todos comem, dizendo: “Ele já comeu”. Mesmo depois que o caçador fez a caçada, ao voltar, imediatamente espeta o dedo no animal (no lugar em que foi atingido) e coloca o sangue na boca de Samemba, dizendo: “Que se acabe” (conduza sempre para que eu dispare).

Para dar carne às crianças pequenas, o caçador arruma um recipiente grande no qual põe algumas bolas de funge e pedaços de carne. Coloca o recipiente na cabeça com todas as crianças à sua volta, cada qual querendo seu pedaço. Quando finalmente cada uma recebe sua parte, comem. Após cada criança disputar seu pedaço e comer, o

⁷⁴ Em umbundu, *etanda* é uma praça, onde costumeiramente ocorrem os mercados.

⁷⁵ Em umbundu, *onute* significa literalmente “coisa de engordar” (Alves, 1951, p. 997).

caçador deixa cair o recipiente aos pés de Samemba, pois também é como se fosse a refeição dele.

É nessa praça que fazem as orações ao se levantarem para ir à caça. Há ali duas pessoas que são como se fossem donas dessa praça: o nome do homem é Kapita e a mulher chama-se Kuanja (são nomes de caçadores, que também podem ser dados aos cães). Os dois são responsáveis pelas preces a Samemba desejando abundância na caça. Kapita veste-se com *olombuangongo* (pele de lebre misturada a outras coisas). Kuanja carrega uma cesta (uma cabaça de *ocimbombo* coberta com um pano).

Samemba da praça da corte é vestido com um pano e uma camisa como se fosse uma pessoa; é tão grande quanto. Antes da caçada o caçador dança segurando um *ungembue* (machado) e uma enxadinha do tempo de Kuanja. Só os grandes caçadores podem dançar com *ungembue*. Quem não é caçador não dança com *ungembue* ou enxada do tempo.

Esses nomes, Kapita e Kuanja, só são dados às pessoas na *ombala*. Todos os caçadores dos arredores dão esses nomes apenas aos cães. Alguns chamam de Huvi (*ohuvi* é a bala para matar a caça na mata) e Kuanja. Mas o nome do homem muda muito, às vezes é Kanyongo; o da mulher permanece o mesmo...

AKOKOTO: Os *akokoto* tornam-se sagrados, de maneira que uma pessoa qualquer não pode entrar. São vedados com um cerco muito forte, fechadíssimo e apertado. A todas as aldeias⁷⁶ do entorno é dada a responsabilidade de trazer toras de pau ferro, as quais são encostadas umas às outras. Quem visita os *akokoto* traz um feixe de paus. O nome da pessoa escolhida para tomar conta desse portão é Betatela⁷⁷ [Protetor] (quem protege os sobas do *akokoto*). O copo onde ele bebe aguardente está partido (tanto seu copo quanto sua panela ou cabaça são lascados). A falha em sua denteição leva a crer que seja uma pessoa sem valor. Ele está sempre no portão. Quando as pessoas chegam trazem consigo aguardente, a qual ele despeja no copo e bebe. Por isso é que

⁷⁶ Nesta ocorrência, *ofeka* refere-se a um povoado governado por um soba. No sistema em questão, somente o soba principal governava a partir da *ombala*. Os outros sobas, ao visitá-lo na *ombala*, eram tratados como membros da corte, estando hierarquicamente abaixo do soba principal.

⁷⁷ Os nomes que aparecem em maiúscula em umbundu “têm significado”, como afirmam insistentemente os falantes de umbundu ainda hoje. Para além disso, são também nomes de cargos na estrutura política local. Daí a opção por manter o nome em umbundu em maiúscula e fornecer sua tradução para o português entre colchetes.

todas as vezes se recordam dele, dizendo: “É melhor que ninguém o esqueça”. Afinal, ele não é sozinho; tem sua própria família.

Os *akokoto* ficam na corte. Assim, toda pessoa que trazer algo para o soba tem de entregar também um pouco ao Betatela, pois este sustenta o soba. Do contrário, dirão que ao nosso Ondavi [Guardião] não se tem dado nada. Por vezes, algo muito estranho pode acontecer na capital do reino.⁷⁸

Quando o soba morre, fazem uma dança numa montanha. Ao levar o corpo para os *akokoto* passam com ele por um declive, depois sobem bastante para um sítio que se chama *Ondondelo yolosoma* [Altar dos sobas] (é muito cansativo passar nesses declives carregando a tipoia sobre os ombros até chegar ao alto). Os sobas não são enterrados em covas. Quando entram com ele nos *akokoto*, ao colocá-lo no caixão (Os Betatela prestam serviços fúnebres ao soba (*vakuacisoko*); são também os *Vakuacisoko* que enterram), chamam um idoso que foi um antigo escravo (*upika*). Os velhos (*akulu*)⁷⁹ resolvem que esse homem, que verdadeiramente já foi escravo, seja liberto e vá para a sua aldeia.⁸⁰ Os anciãos chamam um senhor qualquer para que venha enterrar o soba. Ao chegar, este encontra o soba nas mãos dos anciãos para ser colocado no caixão. Esse senhor desatará o cinto de feitiço que o soba trazia atado ao corpo. Logo chegam outras pessoas e correm com ele. Entregam-lhe a cabeça de vaca com os cornos, arrumam sua bagagem e mandam-no embora para a sua terra. Ele nunca mais poderá voltar àquela aldeia. Ainda que tenha uma dívida com alguém, essa pessoa não pode segui-lo. Assim, libertam seu escravo. Isso significa que ele é quem enterrou o soba. Dão-lhe o nome de Muecilova (O Próprio Feiticeiro).

MUEKALIA: Na *ombala*, o nome Muekalia significa que ele é o mais próximo do soba, pois ele é quem o empossa e também quem pode destituí-lo se não for boa pessoa. Ele

⁷⁸ *Ci kola*, neste caso, pode ser entendido como “algo muito estranho”, que remete ao “azar” ou ao “perido”. Em outros contextos, a mesma palavra é traduzida como o adjetivo “sagrado”.

⁷⁹ *Akulu*, aqui, refere-se ao conselho de anciãos que toma decisões sobre a sucessão. Durante o reinado do soba, esse conselho exerce papel consultivo e decisório sobre questões políticas e militares e pode, conforme as circunstâncias, depor o soba.

⁸⁰ *Imbo*, unidade residencial que pode ser traduzida como “aldeia”. É uma unidade política menor do que *ofeka*, cuja tradução é “terra” ou “país”. A forma *kimbo*, precedida do locativo “k”, ou seja, “na aldeia”, foi transliterada para o português como “quimbo” e é frequentemente empregada, no português de Angola, para designar o “mato” na oposição entre “mato” e “cidade”, ou seja, rural e urbano, forma de hierarquização recorrente no contexto angolano.

tem o direito⁸¹ de empossar o soba que o povo deseja. Por isso em todos os reinos, sejam eles pequenos ou grandes, há o nome Muekalia.

O seu portão que dá para o leste conduz a um declive muito fundo onde há um grande capinzal. Lá são julgados os assassinos. Ali há duas grandes cadeiras, sendo uma do Soma e outra do Muekalia.

A pessoa, se for julgada culpada, será morta ali mesmo e lançada ao pequeno monte (naquele buraco fundo). Se não tiver familiares⁸² apodrecerá ali mesmo; se tiver familiares, eles virão apanhar o corpo à noite para enterrá-lo.

Na extremidade do Muekalia há uma casa onde as mulheres do soba podem chorar sua viuvez (viúva ou viúvo é quem chora seu marido ou sua esposa). Nessa casa as mulheres que choram dormem de barriga para cima, estendidas em fila. Há ali uma panela com medicamentos⁸³ (que parece uma grande panela de barro) cheia de babosa e presa ao chão. Nessa panela as mulheres lavam o rosto várias vezes enquanto choram. Durante o tempo da viuvez, o Muekalia tem direito a que essas mulheres sejam suas. Essa panela com babosa existe até hoje.

Do lado do Muekalia há uma *eyemba*⁸⁴ (casa) que pertence a Kandundu, também chamada Cihombo. (Suku fala com eles e não com o palhaço⁸⁵). Assim, o nome respeitoso por eles dado a esse deus é Ñala (Senhor). Sua casa chama-se Kelombe (Na Corte). Quem a ela está ligado é o intermediário, cujo nome é Citunda. A ele segue a mulher chamada Cipuku, pois esse culto se parece com o que se faz no *etambo*. Dizem que esse deus fala, mas não é verdade. Quem fala é o rapaz a seu serviço, a quem chamam de Citunda. Ao falar, ele altera a voz para que não o reconheçam.

Se na *eyemba* houver algo complicado, ou se por acaso virem algo estranho, dizem: “Isto é mau agouro.⁸⁶ Talvez Ñala tenha nos mostrado porque quer algo que não estamos cumprindo”. Logo, vão a um quimbandeiro adivinhar o que está ocorrendo (resolver suas complicações). O quimbandeiro orienta-lhes sobre o que fazer, ou talvez os mais velhos reúnam-se e dirijam-se à *eyemba*, dizendo: “Oh, Ñala, diga-nos o que

⁸¹ *Omoko*, literalmente “faca”, pode ser traduzido também como “direito”, “poder” ou “autoridade”.

⁸² *Vangandiaye*, literalmente, “os parentes dele(a)”.

⁸³ Em umbundu, *ihemba*.

⁸⁴ Espécie de templo.

⁸⁵ *Ekisi*, tipo de espírito de ancestral comumente traduzido para o português como “palhaço” devido às vestes de palha utilizadas pelas pessoas que o encarnam nos rituais.

⁸⁶ Em umbundu, *owima*, que também pode ser traduzido como “azar” ou “catástrofe”.

queres”. Então ele vai dizer que quer que façam isto ou aquilo. Assim, essas são ideias apenas do Citunda. Quem se alegra aplaude. Mas se ainda não as der a conhecer, mesmo o Soma não consegue comer, pois se diz que na Grande Corte há algo que os mais velhos devem resolver para que não ocorram as piores catástrofes.

CAÇA DE KANDUNDU. Se quiser comer funge, Kandundu orienta para que haja caça. Então as pessoas vêm dançar na corte e prepara-se o *ocimbombo*. Depois ele mesmo dirá onde se deve caçar. Ele quer comer lebre com funge, mas a primeira lebre tem de ser apanhada durante a caça; não deve ser a que foi pega pelo cão, mas a que foi morta a paulada ou tiro.

É por isso que a lebre é colocada na tipoia, e as pessoas que a levam dizem que carregam o elefante na tipoia. Quando matam uma gazela macho ela também é carregada na tipoia. Tanto a lebre quanto a gazela são colocadas na *eyemba*. Com exceção da lebre e da gazela, todos os outros animais caçados pelas pessoas podem ser levados para casa.

Quando cozinham, passam toda a noite dançando a caçada. Ao amanhecer começam a fazer o funge e a dá-lo às pessoas. Todos comem na casa onde cozinham, a qual tem o quintal cercado por paus. Fazem o funge de Kandundu, mas só quem pode preparar seu funge é Cipuku. Esse funge é sagrado; não é tão empapado como os outros e é preparado com fubá de rolão moído no almofariz (esse milho é transformado em fubá no mesmo dia em que é tirado da espiga). Ao transformá-lo em fubá não se pode cuspir nas mãos como se faz habitualmente para que o funge não escorregue. Diz-se que “a Farinha de Ñała não é feita de qualquer maneira; tem de ser com muito cuidado”, pois Ñała não come o que é preparado com saliva. Depois de colocarem o funge na *eyemba* é necessário esperar que ele esfrie para que se torne mais duro para ser comido, pois é muito sagrado. O garfo com que Ñała se serve tem de ser novo e não pode ter sido usado por ninguém; a faca que usam para cortar também tem de ser nova. Assim, Citunda vai virando o funge, come o fundo do funge, vai virando devagar, depois volta a tapá-lo na cesta ou num prato fundo, como se não tivesse comido. Depois sai de casa e diz: “Cipuku, desarrume a mesa”. Quando Cipuku leva a comida para fora as pessoas se admiram e dizem: “Ñała não comeu o funge”. Mas os anciãos

da corte sabem que ele comeu o fundo do funge. Somente Citunda faz tudo isso e agradece, dizendo: “Vocês prepararam boa comida”.

Kandundu fala anasalado e levanta a voz de modo que os anciãos que estão fora de casa também possam ouvir. Eles agradecem, prometendo: “Anciãos, todas as palavras que vocês pronunciam constituem suas promessas”. Algumas vezes o homem que fala pela narina zanga-se e insulta; por isso os anciãos submetem-se a ele e dizem: “Não te zangues conosco. Tudo que quiseres nós faremos. Somos os teus filhos”. Kandundu nem sempre come funge; isso acontece apenas no tempo da caçada. Sua comida de todos os dias é o mel. Nos cantos da casa dele são colocadas três grandes panelas de barro cheias de mel. Mesmo no tempo da caça seu conduto⁸⁷ é só lebre. Da gazela retiram apenas a cauda para misturar à sua carne, mas a carne de gazela é distribuída a toda gente. O homem que atirou à gazela é pago em tecidos, cerca de dezesseis flechas e sete medidas de pólvora. O pagamento a quem atirou na lebre são oito flechas e quatro medidas de pólvora. Aos dois caçadores são oferecidas uma garrafa de aguardente e duas cabaças de *ocimbombo*.

A SUBSTITUIÇÃO DOS SOBAS: Quando o soba morre ou é destituído, quem o substituirá convida um quimbandeiro para retirar todas as coisas que fazem parte do feitiço do seu antecessor, pois dizem que “não se podem substituir os feitiços de outro soba”. No portão da enxada colocam outra enxada com novo feitiço. No local onde Ndumbila senta-se é sacrificada uma pessoa. Tudo que se refere ao feitiço do antecessor tem de ser mudado; nada permanece. Até o quimbandeiro tem de ser outro. Somente a árvore localizada entre os caminhos permanece; quer seja a árvore *ombangalunda* ou a árvore *ohumbi*, não se pode mexer nela.

As mulheres do soba substituído separam-se; se o marido falecer, suas crias morrem. O soba substituído virá também com suas mulheres. Depende do desejo das mulheres do soba falecido se retornarão a suas aldeias ou permanecerão na *ombala* aos cuidados do soba. Se os anciãos da corte perceberem que uma mulher é boa, um deles se compromete a casar-se com ela. Se entre as Inakulu (viúvas idosas) reconhecerem que alguma é virtuosa e amada por todos, os anciãos da corte dirão ao soba que ela

⁸⁷ Conduto é o nome dado em Angola ao prato que se prepara para ser comido com o funge, geralmente com molho. Pode ser carne com legumes, somente carne ou somente legumes.

será Nasoma (Mulher do Soba) ou Inakulu (mulher mais velha do soba). Às que não tiverem qualidades dirão para ir embora.

AKESONGO (Primeiros Dirigentes). Os *kesongo* constroem sua casa a certa distância da *ombala*, mas são manhosos. Os que saem da *ombala* são expulsos quando encontrados nos rios onde se busca água. Se querem receber algo do soba, às vezes são presos para que o soba pague pela liberdade desses homens da sua aldeia. Só assim serão soltos. Isso não significa que façam intrigas ou sejam inimigos do Soma. Eles obedecem ao soba o tempo todo; nesse caso é uma espécie de brincadeira. Quando se abate um animal na *ombala*, a eles cabe sempre a cabeça, seja do boi ou do porco. Na *ombala* todos os nomes, ao dividir a carne, também dividem os nomes.⁸⁸ Assim, a carne com osso vai para o nome do fulano de tal; ela tem de ser entregue a ele. Por isso, muitas vezes sabe disso tanto quem talha o animal quanto quem o recebe. Se derem a alguém o que não cabe ao seu nome, a pessoa dirá: “Isto não é meu. Talvez você, o mais jovem⁸⁹ que o trouxe, esteja perdido”. Os que fazem a divisão têm de separar as partes porque uma delas se destina ao soberano, outra parte ao rapaz da corte, outra parte ao Cinduli etc.

KONGENGELE. Quando vão para a guerra, é ele que leva o crânio e a *ocindambala*. Essa é a oração do soba quando vai para a guerra. O crânio significa a primeira pessoa a ser morta na outra terra; *ocindambala* é o machado com que se corta a cabeça do primeiro inimigo morto. Por isso, o Kongengele passa à frente quando vão para o combate. Alguém que seja baixo (um indivíduo que parou de crescer e tem deficiência mental) mas corajoso é sempre preferido como dirigente. Até sua maneira de vestir-se causa medo. As crianças fogem porque ele só veste farrapos e um chapéu. Ele inventa qualquer coisa que faz sorrir. Se alguém ri dele, fica triste e é necessário pagá-lo.

COMER O VELHO. É assim que se come o velho: quando o soba reina, talvez tenha planos de ir à guerra. Se nenhuma outra localidade quiser guerrear, prende-se uma

⁸⁸ Aqui fica clara a sobreposição, como expressa em umbundu, entre nome (*onduko*) e cargo ou status social.

⁸⁹ Em umbundu, *umalehe*. A atribuição de menos conhecimento sobre o que cabe a cada qual ao mais jovem aponta, aqui, para a hierarquia etária que caracteriza a formação social do Planalto Central.

pessoa de outra aldeia, a qual é criada e engordada. Assim, quando forem fazer a guerra, ao passarem por essa aldeia, o pai do homem que foi pego, seja ele velho ou jovem, tem de ser bem cuidado e sustentado enquanto a guerra durar. Quando terminam de guerrear em outro lugar, regressam com ele. Depois os velhos da corte organizam a tomada de posse do Soma e conferem a ele seu nome de governante. Pois sempre que os sobas reinam, não o fazem com o nome que tinham antes. Devem receber o nome dos seus antepassados⁹⁰ ou de uma boa narrativa⁹¹ de modo a poder governar bem.

Por isso reúnem um boi e um velho no mesmo local. Então seguram o velho e utilizam um recipiente para tapar sua boca, pois no momento de ser sacrificado ele não pode gritar para que sua voz não seja ouvida pelo soba a ser empossado. Como as pessoas bebem *ocimbombo* e aguardente, tocam batuques e cantam bastante, selecionam entre os Kesongo um que tenha uma espada, a qual ele espeta na pessoa e no boi. Depois de o boi e a pessoa morrerem, cortam um pedacinho do braço humano, talvez lancem ofensas em fila (andando sem direção) e misturam-no à carne do boi que está sendo cozida. O corpo do homem sacrificado é jogado longe, pois não se come a pessoa inteira; apenas cortam sua cabeça. É nesse crânio que o Soma beberá *ocimbombo* em casa.

Essa carne é misturada com a carne do velho. Não são todos que comem dessa carne, apenas o Soma e os grandes nomes do reino. Por isso, essa panela fica à parte; o restante das pessoas come de outra panela. Finda a refeição, o soba é colocado no centro. Ele sopra o corno e dá a si mesmo vários nomes, entre os quais as pessoas escolherão apenas um. Contudo, o Soma e os mais velhos já escolheram um nome em casa, com o qual todos concordarão. Por isso, explica-se a todos que o Soma queria autonomear-se esses nomes, mas não concordamos e para ele escolhemos esse outro nome. Ele é então aclamado como quem comeu o velho, soprou o corno e deu-se o nome de soba.

⁹⁰ *Olosekulu viyae*, literalmente, dos seus mais velhos.

⁹¹ *Olusapo* é um gênero narrativo que abarca de contos a provérbios. Trata-se de narrativas que resumem um princípio de ação a ser seguido por quem ouve. É comum que um provérbio seja o resumo de uma história de conhecimento geral (cf. Dulley, 2010). Os nomes, por sua vez, podem fazer alusão a um provérbio ou conto desse tipo (Chimbinda, 2009).

RESPEITO PARA SAUDAR O SOBA. Ao se aproximar do soba, mesmo se a pessoa estiver sofrendo ou buscando as palavras certas (para tratar com o soba de questões relativas a casamento), deve prestar-lhe as honras (ajoelha-se e inclina-se, caindo no chão de lado). Depois deve saudar o soba, dizendo: “É o leão, é o leão” e aplaudindo. O soba então responde: “Akuku, akuku” ou “Kalunga, kalunga”. Depois a pessoa se senta e começa a falar.

Se a pessoa veio só para saudar, não presta as honras. Quem vem saudar o soba apenas ajoelha-se, bate palmas e diz: “É o leão. Obrigado.” O soba responde: “Obrigado”. Às vezes se saúda dizendo “É o leão, é o leão” ou “Obrigado, obrigado”. Depende da maneira de saudar do indivíduo. O soba, ao responder, bate no peito ou aplaude, mas não levanta a voz como quem o saúda.

A saudação citando o leão significa que quem o saudou respeita-o como ao leão que devora as pessoas, de maneira que se ele quiser devorá-lo como um leão, consegue (se quiser vendê-lo ou matá-lo também pode).

Ao chegar ao soba às vezes não se pode sair de junto dele. Não se pode ficar em pé. É necessário andar de joelhos (abaixando-se) e estalar os dedos, só se levantando quando estiver distante.

Sempre que o soba se senta, toda a gente que estiver no *onjango* deve bater palmas. Mesmo se ele estiver em pé e ainda não tiver se distanciado, ao sentar-se é preciso aplaudir. Os anciãos da corte que estão próximos dele saúdam-no, mas não levantam muito a voz e voltam a sentar-se na cadeira. Se o soba espirrar, esses anciãos voltam a saudá-lo. E ao lado do soba fica uma pessoa de costas para tapar seu cuspe, ranho ou tosse com areia. O nome dele é Ukuavate [Saliveiro]. Fazem isso porque a saliva do soba não pode ser vista pelas pessoas, pois pode haver um inimigo que queira destruí-lo e que, se pegar sua saliva, pode fazer um feitiço e matá-lo.

O respeito ao saudar não é devido somente ao soba, mas também aos anciãos da corte, se estiverem em pé ou espirrarem. Também o Soma saúda o ancião ao seu lado, e os anciãos saúdam seus pares. Os jovens, ao se levantarem, têm também de saudá-los. Isso se faz no *onjango* até hoje.

COROA: Existem três coroas: a do soba é fabricada com penas dos pássaros *okalongo* e *onduva*,⁹² pois as penas dessas duas espécies são vermelhas e essas aves são raras. Quando o soba morre, arranca-se uma pena da sua coroa, a qual é espetada em seu cabelo para que seja enterrado com ela. Sua coroa fica no *etambo*.

A coroa de guerra é feita com a lã do carneiro branco. Ela é usada pelo Kesongo ou pelo Cilala. Mas todos os anciãos importantes da corte, os quais também têm *atambo*, têm também coroas de carneiro, pois elas simbolizam o poder da guerra e de proteger as pessoas (fortificá-las) com palavras convidativas.

A coroa do quimbandeiro é feita com penas de galinha e outras aves e também com porco espinho (é um animal que tem espinhos compridos que parecem flechas, mas essa é mesmo a sua pele).

As armas de guerra são a espada, a coroa e a maça. Esses instrumentos sempre ficam nos *atambo* porque são do tempo dos antepassados. Por isso ficam no lugar mais sagrado dos *atambo*. Somente a arma de fogo fica na casa dos membros da corte caso não sejam caçadores. Se for caçador, ela é guardada na *etanda*.⁹³

SR. TEIXEIRA DA SILVA.

Nessa altura nosso país estava começando a ser invadido pelos brancos. Todas as coisas que os sobas faziam começaram a mudar. Haverá um tempo em que todas as pessoas e sobas serão governados pelos brancos, portanto já não se permitirá fazermos as nossas vontades.

Um certo Capitão Sr. Teixeira da Silva estava no Bié. Então deu início à guerra e reuniu os Hona para combaterem contra o Bié. Depois de os Hona regressarem, talvez ele tenha tido medo de ficar sozinho. Então saiu de lá nu e chegou à *ombala* do Bailundo. Logo Ñaŋa⁹⁴ Ekuikui recebeu-o muito bem. Deu-lhe calça, camisa, casaco e alguma família, assim como uma pequena casa para morar. No quintal dessa casa havia uma pedra plana onde ele se sentava para se aquecer ao sol. Depois ele escreveu seu nome naquela pedra como quem espeta uma estaca. Então pegou um martelo e um prego e,

⁹² Grande pássaro carnívoro. (N.T.)

⁹³ Recinto onde o caçador guarda suas armas e realiza oferendas aos antepassados.

⁹⁴ Em umbundu, Ñaŋa pode ser utilizado em relação a sobas e ancestrais. Foi aplicado aos missionários presentes no Planalto Central e também traduzido como Senhor, designando o deus cristão, nas missões católicas e protestantes.

pouco a pouco, foi escavando a pedra e escrevendo seu nome. Naquela altura, quando ele fazia isso, as pessoas diziam: “Os brancos não têm preguiça (parece ser algo simples, mas a pessoa consegue fazer). Para que serve isto, parece brincadeira de criança?” Não sabiam que ele estava nos governando. Portanto até hoje esse nome prevalece, não desapareceu. Funcionou como ele queria.

Foi no tempo em que estavam cuidando dele. Quando a dança era convocada, diziam: “Venha dançar”. E ele dançava. E para tudo que faziam convidavam-no, dizendo: “Ele deve fazer tudo que nós fazemos porque agora é nosso. Em tudo que fizermos ele não pode estar ausente, se não o expulsamos”.

No princípio os mais velhos arrancavam o amendoim, dizendo: “Okatapi”. O acampamento da tropa, onde havia essas matas (lavras de amendoim), chamava-se “no Katapi”. Quando Sr. Teixeira cansou de ficar na *ombala*, pediu ao soba para dar-lhe alguns rapazes para tentar viver no Katapi. E o soba aceitou. Ele começou a ficar bem e enviava mensagens para Benguela. Aos poucos os brancos começaram a distanciar-se e transformou-se em governo.⁹⁵ Até hoje esse posto administrativo é chamado de Katapi. Ao se unirem tornaram-se muitos e iniciaram a guerra contra os Ovimbundu, queimando a *ombala*. Portanto os Ovimbundu foram vencidos até hoje.

Crônicas dos reis do Bailundo

[página não numerada com descrição de conteúdo]

As páginas de 39 a 57 contêm as crônicas dos reis que governaram o Bailundo do tempo de Ekuikui II a Kalandula. Há apenas um parágrafo sobre o Rei Katiovela, pois infelizmente 18 páginas estão faltando: as páginas 28 a 39.⁹⁶ Parece que essa parte do texto trata das circunstâncias que levaram à guerra de 1902.

[nota descritiva de Merlin Ennis]⁹⁷

⁹⁵ O termo *ombonge* foi primeiramente utilizado para referir-se às fortalezas militares estabelecidas no interior da região falante de umbundu. O mesmo termo passou a ser empregado em referência aos postos administrativos que as sucederam quando da implementação de uma administração colonial mais efetiva no território a partir da vitória dos portugueses na Guerra do Bailundo (1902-1903), à qual este episódio sobre Teixeira da Silva se refere.

⁹⁶ Na caixa consultada junto ao arquivo da American Board of Commissioners for Foreign Missions na Biblioteca Houghton, Universidade de Harvard, estão faltando as páginas 18 a 38.

⁹⁷ Esta nota aparece manuscrita em tinta azul no original.

SOBA KATIVALA II. Nº 5.

O tempo deste reinado é o mesmo tempo em que Mutu estava guerreando.

Mutu era o rapaz do soba. Ele andava brigando com os brancos. Nesse tempo ele também veio à Missão perguntar se aqui estava quem fez o discurso que deu início à briga. Como não encontrou esse discurso, simplesmente matou muitos animais. Também atearam fogo à casa do Sekulu Yakoba.⁹⁸ Então Ñała Stover ficou muito nervoso e disse: “Se é a mim que querem, venham pegar-me. Mas quando me pegarem, não me amarrem conforme os vossos costumes. Amarrem-me como fazemos em nosso Portugal”. Com medo de ele ter capturado a todos, deixaram fugir os porcos que tinham saqueado e voltaram para a *ombala* deles.

SOBA NUMA Nº 1.

Foi no tempo do soba Numa que começou a guerra com os brancos. A confusão foi iniciada pelos brancos porque eles queriam as mulheres do soba. Então o soba não gostou e começou a guerrear com os brancos. Era uma guerra constante. Quando o soba não conseguiu continuar, fugiu para Bimbe, onde encontrou esconderijo.⁹⁹ Mesmo assim os brancos queriam pegá-lo. Na primeira vez que os brancos foram para lá para pegá-lo, não conseguiram e fugiram. Na segunda vez, o soba que o substituiu foi capturá-lo em obediência às ordens dos brancos. Também não conseguiram, pois ele estava em silêncio no esconderijo.

Como ninguém conseguiu tirá-lo do esconderijo, ele acabou morrendo. Então as pessoas que estavam com ele dispersaram-se porque o soba morreu.

SOBA NUMA Nº 2.

Como Katiavala havia criado muita amotinação no país, as pessoas não aceitaram ser governadas por alguém de sua linhagem¹⁰⁰ novamente, pois diziam: “Se não vai fazer o mesmo que Katiavala”. Assim, escolheram Numa.

⁹⁸ Yakoba é a transliteração de Jacob para o umbundu.

⁹⁹ *Eleva*, literalmente, “caverna”.

¹⁰⁰ *Epata*, em umbundu, designa a família extensa tanto materna quanto paterna.

Numa ajudou bastante seu país. Fez renascer o reino, reuniu as pessoas que estavam dispersas durante o reinado de Katiavala. Por causa disso, as pessoas gostavam muito do Soma Numa. No reinado dele as pessoas retornaram à terra.

SOBA NUMA Nº 5.

O soba Numa guerreou com os brancos e foi vencido. No dia em que os brancos foram a Benguela buscar as tendas dispararam muito, e toda a *ombala* foi queimada. No tempo em que a *ombala* queimou capturaram Nãta Gomes. Um ancião foi acusado de capturar o branco e ao pensar nisso suicidou-se. Assim, o Soma fugiu para Bimbi. Depois os brancos seguiram-no, mas não o encontraram. O soba morreu em Bimbi.

SOBA NUMA Nº 5.

Esse soba guerreou muito contra os brancos, mas foi vencido. Naquele tempo os brancos tinham ido a Benguela buscar algumas tendas. Assim, no tempo em que os brancos estavam em tendas dispararam muito, e toda a *ombala* queimou-se.

Foi nesse tempo que capturaram Nãta Gomes. Seu rapto gerou uma acusação a um ancião, a quem disseram: “Foi você quem o capturou”. E ao pensar nisso, esse ancião tirou a própria vida por sentir muita raiva.

O soba Numa fugiu para Bimbi. Quando os brancos o seguiram não o encontraram, e ele morreu por lá.

SOBA NUMA Nº 2.

Na época da morte do Soma Kalandula veio seu Epalanga Numa. Nessa época havia pouca paz e muito sofrimento, pois não queriam que os brancos ficassem no país. Mesmo Kalandula não conseguiu expulsá-los totalmente. Os brancos retornaram e Numa tentou expulsá-los de novo. Depois de tudo isso os brancos começaram a construir no mesmo lugar sem brigar com os Ovimbundu. Os Ovimbundu experimentaram fazer confusão e matar alguns brancos, mas não queriam fazer o mesmo com os brancos professores. Naquele tempo as guerras haviam se deslocado para cima, indo na direção de alguns brancos que estavam a leste.¹⁰¹ Cruzaram com

¹⁰¹ *Konano*, literalmente, do lado de cima.

Ñaŋa Sandele¹⁰² e pensaram em fazer o mesmo com ele. Diziam: “Este é português”. Por sorte alguns o reconheceram e deixaram-no passar em paz. O próprio soba Numa experimentou brigar, mas também não conseguiu. Então começou a adoecer e depois morreu assim como morreram os outros. Foi dobrado da mesma maneira. Não fez nada de grande importância, só aquilo mesmo. Nessa época a Missão teve um grande avanço, com muitos brancos espalhados. Nesses poucos dias, Ñaŋa Uti foi estabelecer sua aldeia em Ndulu.¹⁰³

SOBA KANGOVI Nº 1.

Foi Soma Kangovi quem substituiu Numa no trono. Mas seu reinado na *ombala* não durou muito. Morreu logo. Por isso não começou nenhuma guerra e não realizou muitos feitos. Provavelmente reinou só por um ano e meio e logo morreu.

SOBA KANGOVI Nº 5.

O pai de Soma Kangovi foi Gunji.

Mas seu reinado foi por obrigação. Foi muito instigado, não queria aceitar o reinado. Quando reinou já era velho, não se estabeleceu. Morreu logo.

SOBA KANGOVI Nº 5.

Ele foi gerado por Gunji.

Não queria reinar. Foi muito instigado a ser soba, pois no tempo em que queriam que fosse soba já estava velho. Por causa disso não ficou muito tempo e morreu.

SOBA HUNDUNGULU II Nº 1.

O soba Hundungulu substituiu o soba Kangovi. Em sua terra natal esse soba era Kutalamo, mas não eram muitas as pessoas que gostavam dele.

Esse soba havia sido capturado pelos brancos, mas não foi enviado para longe. Ficou preso no posto administrativo. Então o soba Cisende veio à *ombala* e pensou: “Vou

¹⁰² Transliteração para o umbundu de Sanders, nome de um dos missionários da missão congregacional.

¹⁰³ Hoje Andulo.

reinar”. E reinou. Depois os brancos soltaram o soba Hundungulu e ele entrou novamente na *ombala*. O soba Cisende foi expulso e fugiu para Bimbi.¹⁰⁴

Como Cisende fugiu, o soba Hundungulu reinou novamente por muito tempo. Quando o soba Hundungulu veio a falecer começou o reinado do soba Kalandula.

SOBA HUNDUNGULU II Nº 1.

Ele foi um bom soba porque fez renascer a *ombala* de Bailundo. Tornou-a uma verdadeira cidade de novo, pois os brancos tinham-na queimado. Mas seus feitos não são muitos.

SOBA HUNDUNGULU II Nº 2.

Não permaneceu muito tempo. Deixaram-no reinar somente até o próximo soba.

SOBA HUNDUNGULU II Nº 2.

Este soba só estava reinando no trono de Kalandula, pois as pessoas queriam Kalandula, filho de Numa. Por Hundungulu estar velho não era aceito. Tinha de ser Kalandula, por ser mais novo, para que pudesse iniciar a guerra contra os brancos e saqueá-los.

Mas ele também não ficou muito tempo. Nem um ano se completou, ele foi destituído e então reinou Soma Kalandula.

SOBA HUNDUNGULU II Nº 5.

O soba Hundungulu ficou somente dois anos, por isso não ficou famoso. Logo morreu. Quando da morte do soba Hundungulu deram muitos tiros, de tal forma que o sol ficou escuro de tanta pólvora.

SOBA HUNDUNGULU II Nº 5.

Este soba reinou apenas por dois anos. Quando reinou não ficou muito famoso e logo morreu.

¹⁰⁴ Hoje Bimbe.

Quando de sua morte as pessoas deram muitos disparos durante todo o dia. Mesmo o sol não apareceu por causa de tanta pólvora das armas.

SOBA KALANDULA II Nº 1.

Kalandula sucedeu ao Soma Hundungulu no trono. As guerras de Mutu-Yakevela ocorreram durante seu reinado, o último no qual o governo se deu a partir das montanhas do Bailundo. Esse soba havia sido capturado pelos brancos, que o levaram para Portugal. Mas não chegou a Portugal; morreu pelo caminho, em Novo Redondo.

AS GUERRAS DE MUTU-YAKEVELA.

Essas guerras ocorreram nos tempos do soba Kalandula. O nome Mutu-Yakevela é um provérbio que quer dizer “eu sou como a abóbora envelhecida, que mesmo sendo cozida não atinge o cozimento”.

Essa pessoa *ocimbundu*¹⁰⁵ é o Epalanga do soba. Quando o soba foi capturado e levado ao posto administrativo, ele estava na *ombala*. Ao perceber que o soba foi capturado, começou a guerrear contra os brancos. Porém, quando guerreou contra os brancos foi expulso e fugiu. Mas ao fugir reuniu muitas pessoas para saquear outros brancos. Deu voltas ao país e retornou ao posto administrativo com seu grupo, disparando.

Por serem muitas as guerras dos Ovimbundu, vieram do Dondo alguns brancos para ajudar aos outros. O guia desses brancos era Kanjumbu, que veio dispersar as guerras dos Ovimbundu. Esse era o mesmo branco que havia ido à Missão do Bailundo. Nessa época encontrou por lá os professores Ñaŋa Stover e Ñaŋa Moffata, com quem conversou bastante. Depois voltou e foi novamente a Mbinji, mas essa aldeia foi queimada. Então foi a Cilume, aldeia que também foi queimada. Sikutelevo também foi queimada. O único local que não foi queimado foi Suse. Nessa altura voltaram ao posto administrativo.

Depois de passados alguns dias, ouviu-se que Mutu-Yakevela estava na parte de baixo do Bongo e queria reunir pessoas para a guerra novamente. Mas à noite fizeram-lhe emboscada; passaram à sua frente e fizeram-lhe provocações ao amanhecer. Quando

¹⁰⁵ *Ocimbundu* é o singular de *Ovimbundu*, etnônimo utilizado para se referir às populações falantes de umbundu. Embora esses sejam termos de uso corrente nos registros etnográficos, em Angola, os falantes de umbundu ainda hoje geralmente dizem que alguém é *umbundu*, e não *Ovimbundu* ou *ocimbundu*.

ele pensou que iria pela frente ali já havia brancos. Dispararam nele e ele morreu. Cortaram-lhe a cabeça e a perna que era deficiente, pois ele tinha uma deficiência na perna. Então levaram-no ao posto administrativo. Quando chegaram à administração com a cabeça, cortaram-lhe as orelhas e fizeram os sobas, um homem chamado Katakua Sandukutu e alguns outros anciãos mastigarem-nas, dizendo: “Mastiguem!”. E eles mastigaram. Porque estavam no calabouço.

Quando aqueles brancos capturaram todos os sobas, levaram-nos ao Dondo. Porém, não voltaram mais. Lá morreram junto com os anciãos.

Esse soba foi o último a reinar na montanha, pois os brancos queimaram a *ombala*.

SOBA KALANDULA II. Nº 1.

O soba Kalandula reinou nos tempos dos sobas recentes. Seu Epalanga chamava-se Kaliki. Ele dizia: “Eu sou Mutu-Yakevela”, o que significa “não quero mais ser mudado, quero continuar assim como estou”. Ele pensava que se tornaria um soba muito importante ao reinar. Afinal, não chegou a realizar o que pretendia. Porque naqueles dias os Mueputu começaram a reinar de verdade.

Certa vez ele contraiu uma dívida com um branco. E como demorou a pagar, o branco deu-lhe uma bofetada. Houve também outras coisas que os brancos lhe fizeram. Foi isso que o deixou extremamente enfurecido. Deu alguns disparos no posto administrativo, nos brancos que haviam construído no Katapi. Mas foi expulso. Foi até o Wambu¹⁰⁶ e reuniu novamente algumas forças de guerra. Foi o suficiente. Tinha boa cabeça e um bom raciocínio. Foi vencido e morto mais tarde. Foi vencido por Njimbu, que vinha de Esele com seus companheiros credores.

MUTU-YAKEVELA E SEU CILALA KATUMBILA.

Quando o rei Katiavala reinou, escolheu Mutu-Yakevela para tornar-se seu Epalanga. E por último, mas não menos significativo, pois seu poder é grande, Katumbila tornou-se

¹⁰⁶ A transliteração para o português é Huambo. Hoje a terceira maior cidade de Angola em população e importância econômica, foi uma das doze formações políticas do Planalto Central no período anterior à “pacificação” da região pelos portugueses. (Sobre os reinos ou sobados na região, cf. Childs (1949). Sobre as guerras de “pacificação”, cf. Pélissier (1997)). Fica a cerca de 80 km do Bailundo e era, na época, um sobado em relação de dependência com o Bailundo. Este último rivalizava com o Bié em termos de importância política na região do Planalto Central.

Cilala. Nesse tempo os brancos começaram a fazer sofrer os Ovimbundu, usando-os como carregadores sem pagamento, mentindo sobre seus salários, batendo neles.

Ao verem a situação, Mutu, Cilala e todas as pessoas perderam a cabeça, pois nunca tinham visto aquilo. Um dia Mutu ficou devendo a um branco, que discutiu com ele e deu-lhe uma bofetada. Mutu saiu dali muito nervoso. Chamou seus homens e deram muitos tiros nas casas dos brancos.

Depois saiu e foi ao Wambu, onde reuniu outro exército.¹⁰⁷ Cilala reuniu outros aqui na terra.¹⁰⁸ Esses exércitos guerrearam muito bem. Mas algumas pessoas eram filhos de sobas: Moma e Cimbulu. Moma é o pai de Jorge Cingangu.¹⁰⁹ Essas pessoas combinaram o seguinte: “Nós não vamos mais lutar, pois ainda que vencemos não iremos reinar. Quem reinará será outra pessoa, portanto não vamos nos cansar. Veja, nós, que somos filhos dos sobas, não reinamos. Assim, deveríamos começar uma traição. Mutu e Cilala são muito chatos. Dessa maneira tolfhem todo o país”. Quando Mutu ouviu isso, ordenou: “Moma e Cimbulu, se fizerem isso eu vou matá-los”. Ao ouvirem isso, saíram de Bimbi com todo seu pessoal e lutaram contra os brancos. Lá morreram todas essas pessoas junto com Moma e Cimbulu.

Moma é filho de Gunji. Cimbulu é neto de Gunji. Algumas pessoas estavam guerreando contra os brancos sob uma mulembeira¹¹⁰. Quando o inimigo disparou um canhão, a bala partiu a mulembeira e parte dela caiu sobre as pessoas. Ao vê-lo, as pessoas não pensaram que era um pedaço da árvore. Pensaram: “Os céus caíram sobre nós”. Abandonaram as armas, deram as costas e puseram-se a correr rapidamente. Ao ver isso, outras pessoas juntaram-se a elas. Então os brancos entraram na *ombala*.

Mutu-Yakevela subiu a montanha e encontrou um branco chamado Juau Pili (João Jesus Pires). Quando quis disparar contra ele foi expulso.

¹⁰⁷ *Ovita*, em umbundu, designa tanto o exército quanto a guerra.

¹⁰⁸ *Mulo vofeka*, “aqui no país” ou “aqui na terra”. A referência é ao Bailundo, onde a narrativa foi colhida.

¹⁰⁹ Jorge Cingangu provavelmente era uma pessoa conhecida de quem registrou o relato. Seu nome sugere vínculo com a missão congregacional, uma vez que era hábito desses missionários, quando do batismo, que o novo nome seguisse esta estrutura: primeiro nome bíblico, em português ou inglês, seguido do segundo nome em umbundu, o qual se tornava o sobrenome da família ao ser transmitido de pai para filho nas próximas gerações.

¹¹⁰ *Ulemba*, árvore comum na paisagem angolana.

Ao chegar a Cikondombolo, Mutu dirigiu-se à casa desse branco em Cikondombolo. E o branco, ao ver que ele havia ido para lá com seus rapazes, começou a disparar contra eles (porque estavam nas casas de zinco).

Quando Mutu viu que seus parceiros do Wambu estavam acabando, disse: “Vamos para o acampamento”. Mas à noite vieram pessoas do Branco e dispararam cinco tiros contra Mutu. Por ser noite, as pessoas acordaram disparando entre si como se fossem sonâmbulas. Quando perceberam que estavam se matando pararam de disparar. Pela manhã encontraram muitos mortos. Ficaram só mais um pouco e voltaram para casa.

Quando Mutu voltou pensando que reuniria outras coisas, Njimbu já vinha ao seu encontro à noite. Guerreou contra essas pessoas e elas se dispersaram. E Njimbu queimou todas as aldeias, matou todos os animais, saqueou todas as riquezas. A partir de então as pessoas começaram a passar necessidade. Ainda hoje não há riqueza.

Mutu fugiu para Bimbi e foi encontrado lá. Foi baleado e morreu.

Ao discursar, ele dizia: “Eu tenho a cobra *yondala*¹¹¹. Quanto a vocês, animem-se; porque se eu morrer vou descansar. Portanto matem este aqui.” Isso significa que “enquanto estou vivo, façam a guerra assim. Eu posso ajudá-los de modo a direcioná-los para que lá na frente tenham paz. Para que quando eu morrer vocês fiquem bem se vencermos. Se eu morrer, os brancos vencerão e farão com que paguem todo o sofrimento que agora fazem com que eles passem.” E de fato tudo se passou como ele havia dito.

SOBA KALANDULA II. Nº 2.

No tempo do soba Kalandula, havia algumas guerras dos Ovimbundu com os de Cilenge. Nesse tempo aconselharam-no: “Vamos primeiro expulsar os brancos como fizeram os outros sobas e o pai”. Ele não concordou e disse: “Primeiro quero fazer a guerra em Cilenge, pois isso me trará bois”. Então as pessoas se levantaram. Quando foram para Cilenge, muitos de Bailundo foram mortos. O soba fugiu de lá e veio para cá à noite. Então as pessoas colocaram-no nas cantigas, dizendo: “Kalandula foi teimoso e fez morrer a semente das pessoas. Ah, Kalandula!”.

¹¹¹ Tipo de serpente venenosa que passa a maior parte do tempo em buracos de árvores. (N.T.)

Então retomou a guerra contra os brancos. Nesse tempo havia um homem que estava com os brancos em Benguela. Seu nome era Mutu-Yakevela. Ele ajudou a lutar porque os brancos tinham-lhe dado duas armas. Guerreou muito. As pessoas já pensavam: “Os brancos provavelmente serão vencidos”. Depois as balas das armas acabaram-se e ele foi capturado e morto. Kalandula também foi capturado e enviado a Benguela. Até hoje não voltamos a vê-lo.

O próprio soba propôs o seguinte: “Quando terminar de lutar com os brancos, expulsarei também todos os professores que estão neste país”. Também havia dito: “Deixe-me expulsar primeiro os professores; depois disso começarei a lutar com os brancos”. Mas os anciãos não aceitaram, pois os professores eram pessoas de paz. Por ser muito precipitado, ele foi rapidamente capturado.

SOBA KALANDULA E AS GUERRAS DE MUTU Nº 2.

No reinado de Kalandula não havia paz. Foi quando começou a guerra contra os brancos com o soba Kalandula e seu Epalanga, Mutu-Yakevela. Este tinha muita raiva dos brancos por terem obrigado as pessoas a pagar impostos¹¹² e a pagar caso algum ladrão roubasse algo. Por causa disso Mutu começou a ter dívidas com os brancos. Eles diziam: “Vamos cobrar as nossas dívidas”. E ele dizia: “Não vou pagar. Vocês mandam nos nossos filhos de graça; só porque tenho dívidas com vocês me mandam pagar? Não pago...” Por causa disso virou uma confusão e as lutas com os brancos surgiram.

Nessa época havia dois homens: um se chamava Cimbulu e o outro, Moma Katanya. Os dois eram filhos de soba. Queriam trair Mutu. Por isso não aceitaram ajudá-lo na luta contra os brancos. Diziam: “Se ganhar tende a tornar-se soba e nós, os filhos dos sobas, não o seremos”. Esses homens estavam no Bimbi. Não concordaram em vir para cá ajudar na guerra, nem enviaram pessoas. Mutu-Yakevela, ao ouvir isso, ficou muito nervoso e disse:

“Se não concordarem em vir, eu irei lá chutá-los”. Ao ouvirem isso, todos se levantaram imediatamente para ir à guerra. E nessa guerra morreram.

SOBA KALANDULA II. Nº 5.

¹¹² Em umbundu, *olongoleta*.

O soba Kalandula foi arrastado pelas guerras de Mutu. Mutu-Yakevela era o rapaz do soba. Ele estava guerreando contra os brancos, mas foi morto. Mas quando estava guerreando passaram também na Missão para ver se encontravam quem fez o discurso que deu início à guerra. E mataram muitos animais: porcos e galinhas. Atearam fogo à casa do Sekulu Yakoba. Por isso Ñña Stover ficou nervoso e disse a eles: “Se é a mim que querem podem levar-me; mas não me amarrem como uma pessoa qualquer, pois nós, em Portugal,¹¹³ se alguém faz alguma coisa damos um laço nas mãos. Façam desse jeito”. Ao ouvir isso os militares tiveram medo e deixaram cair todos os porcos que tinham capturado. Logo voltaram para a *ombala*.

SOBA KALANDULA II. Nº 5.

A época deste reinado é a mesma época em que Mutu estava guerreando.

Mutu era o rapaz do soba. Andava guerreando com os brancos. Nessa época, também veio aqui na Missão perguntar se aqui estava quem começou o discurso que desencadeou a guerra. Por não encontrar tal discurso, apenas matou muitos animais. Também atearam fogo à casa do Sekulu Yakoba. Então Ñña Stover ficou muito nervoso e disse: “Se é a mim que querem, levem-me; mas quando me pegarem não me amarrem conforme os seus costumes; amarrem-me como fazemos em nosso Portugal. E por medo de que ele os pudesse capturar, todos deixaram cair os porcos que tinham pego e foram para a sua *ombala*.”

SOBA CISENDE III. Nº 1.

O soba Cisenre reinou na época em que as guerras cessaram. Mas esse soba não voltou a reinar da montanha. Reinou na parte de baixo porque as casas haviam sido queimadas.¹¹⁴

Esse soba era velho e não começou nenhuma guerra. As pessoas gostavam dele. Ele não ficou muito tempo. Até os brancos gostavam muito dele.

¹¹³ Embora Stover pertencesse à missão congregacional, cujos missionários eram enviados dos Estados Unidos e do Canadá, em umbundu era comum que a origem de todos os estrangeiros brancos fosse atribuída a Portugal.

¹¹⁴ Era costume desde o Soma Mbulu que a *ombala* ficasse na montanha. Como o Bailundo tem uma elevação, a *ombala* ficava na região mais elevada. (N.T.)

SOBA CISENDE III. Nº 2.

Quando Kalandula morreu deixou seu Epalanga Cisende. Nessa época ainda não se conseguia fazer nada porque os brancos já haviam construído seus postos administrativos. Simplesmente dava alimento aos administradores.¹¹⁵ E não construiu mais na montanha, desceu.

SOBA CISENDE III. Nº 2.

O soba Cisende não fez mais nada relacionado a guerras, pois nessa época os brancos já eram muitos. Ainda que se cansassem, iriam simplesmente sofrer. Por causa disso não fez mais nenhuma guerra. Também teve medo do outro que já havia sido capturado pelos brancos. Esse reinado foi designado “reinado de branco”. Nessa época os brancos já haviam construído as administrações e não aceitaram mais que o soba Cisende construísse nas montanhas. Bailundo mudou-se para baixo das montanhas. De tal forma que não havia mais casas; todas as casas haviam sido queimadas nas guerras dos tempos do soba Kalandula. Ele era muito sossegado e tinha muito juízo. E nessa época muitas pessoas já haviam aceitado as escolas dos estrangeiros.¹¹⁶

As pessoas choraram muito a sua morte. Até mesmo Ñala Stover ajudou no óbito do soba Cisende. Esse soba causou muita dor às pessoas.

SOBA CISENDE III. Nº 5.

Este soba, Cisende, não fez nenhuma guerra. Porém, no tempo em que reinou todas as pessoas já obedeciam aos brancos. Mesmo hoje, ninguém mais pensa em lutar contra os brancos. Quando morreu, fizeram um caixão na Missão. E foi enterrado na *ombala*. Em seu trono reinou Jabulu Kandimba.

SOBA CISENDE III. Nº 5.

Não se ouviu muito sobre isso. Ele não fez guerras, reinou por pouco tempo. Quando ocupou o trono as pessoas já não eram levadas à violência. Nessa época, todos já obedeciam aos brancos. E desde então entre os Ovimbundu ninguém mais pensava em guerrear contra os brancos.

¹¹⁵ Em umbundu, *akanga*.

¹¹⁶ Em umbundu, *afulu*.

Quando de sua morte, como na *ombala* não havia ninguém que soubesse construir um caixão, pediram aqui na Missão para construir o caixão do soba Cisende. Quando vieram buscar, foram enterrá-lo em sua *ombala*. E reinou um outro soba chamado Jahulu Kandimba.

SOBA KANDIMBA Nº 1.

O soba Kandimba era Epalanga do soba Cisende III. Foi ele quem o substituiu.

No tempo do soba Kandimba havia guerras em Esele. Mas essas guerras não foram iniciadas pelos sobas; foram iniciadas pelos brancos. Foram os brancos que reuniram os sobas para a guerra, os quais os acompanharam.

Quando chegaram em Sele encontraram um povo muito bravo. Eram canibais e comeram também os brancos. Por isso os outros brancos odiaram-nos; isso lhes causou muita dor. Então fizeram uma guerra para capturar [o povo de Seles]. Quando lá foram, encontraram-nos. Mas esse país tem grutas e quando a guerra chegou todos entraram nas grutas. Porém, foram vencidos porque nas grutas não há alimento; há somente água. Por causa da fome eles mesmos saíram e se entregaram.¹¹⁷ Mas algumas pessoas não saíam e era necessário aliciá-las. Só assim saíam. O aliciamento era feito assim: algumas pessoas dos exércitos diziam-lhes: “Venham receber uma bandeira¹¹⁸ para que as guerras não vos assolem mais”. Quando todas as pessoas saíam eram pegas. Como algumas pessoas não aceitavam sair de suas grutas, atearam fogo nelas. Então saíram devido ao muito calor e fumaça.

Nessas guerras foram capturadas muitas pessoas e muitos bois, os quais foram trazidos para esta aldeia. Em Esele encontraram muitos sobas, entre os quais dois eram os mais relevantes e mandavam naquele país. O mais velho chamava-se Ulundu Manda e era o mais importante.¹¹⁹ Foi quem ordenou às pessoas que saqueassem os brancos. Esse soba casou-se com uma dona.¹²⁰ O outro soba, Cinguli, era irmão mais novo¹²¹ de Ulundu Manda.

¹¹⁷ *Va litelekala*, neologismo advindo do português “entregar”. (N.T.)

¹¹⁸ *Epandela*, transliteração da palavra portuguesa “bandeira”.

¹¹⁹ *Osoma yinene*, literalmente, “soba grande”.

¹²⁰ *Ondona*, umbundização do termo português “dona”. Tal termo, encontrado em Angola desde a época do tráfico de escravos, era aplicado na costa às mulheres traficantes de escravos e às mulheres de traficantes e suas filhas. Essas mulheres ocupavam posições de destaque na sociedade luandense e

Esses dois sobas foram capturados junto com os seguintes anciãos: Sekulu Yakoba, Sekulu Tomasi, Sekulu Isake e Luis.¹²² Esses sobas foram entregues nas mãos dos brancos, os quais os levaram consigo para Luanda. Mas não chegaram ao destino; morreram no caminho.

O Mueputu de Esele deu aos anciãos que capturaram os sobas \$ 5,00 por pessoa. E assim os exércitos voltaram ao Bailundo.

Naquela época, o soba chamava-se Kandimba Jahulu.

SOBA KANDIMBA JAHULU Nº 1.

O novo soba. Seu nome é Kandimba, o que significa que é esperto. Foi para Esele enviado pelo Mueneputu Kawele para lutar contra os avaros.¹²³ Ao retornar, renomeou-se Jahulu, o que significa “caminhos dos anciãos, pois batalhei como os anciãos que me precederam, os antigos sobas”. Mas não era de ascendência real. Sua família apenas fazia parte do reino (vendia a carne).

Ele dizia: “Sou Jahulu (caminho dos anciãos¹²⁴), pois sigo no caminho dos meus anciãos, os quais comeram do melhor. Quanto a mim, resta-me buscar alguma coisa, pois nesse caminho não há mais nada; os mais velhos comeram tudo”.

SOBA KANDIMBA JAHULU Nº 2.

Quando Cisende morreu, deixou seu Epalanga Kandimba. Nessa época ficamos sabendo que Soma Kandimba havia ido à guerra em Esele para lutar contra esse povo por terem comido os brancos. Mas ele não subiu ao trono como subiram os outros; sua ascensão se deu com o poder dos brancos. Não fez como os outros, que queriam fama.

São esses os sobas do Bailundo, que faziam coisas boas e coisas que prestam.

benguelense (cf. Cândido, 2012; Oliveira, 2018). Em umbundu, o termo indica uma mulher distinta, pertencente à elite.

¹²¹ *Manja*.

¹²² Yakoba, Tomasi, Isake e Luis são, respectivamente, transliterações para o umbundu de Jacó, Tomás, Isaque e Luís.

¹²³ Em umbundu, *ongoya*, singular de *olongoya*, significa literalmente “o que fecha a mão”. Tem conotações pejorativas, as quais são traduzidas por Alves (1951: 956-9577) como “avaro, tenaz, agarrado; aprisionador dos devedores, credor implacável; bárbaro, cruel, habitante do Libolo”. A região do Libolo localiza-se a norte de Seles, tendo proximidades linguísticas com a região.

¹²⁴ *Njila yakulu* também pode ser traduzido como “caminho dos antepassados” ou “caminho dos mais velhos”. Em umbundu, *ukulu* (plural *akulu*) designa as pessoas mais velhas, tanto vivas quanto mortas.

SOBA KANDIMBA JAHULU Nº 2.

Nessa época já não há guerras porque há muitos postos administrativos. Ele não fez nada de grandioso. Participou apenas das guerras de 1917, mas essas guerras foram organizadas pelos brancos.

São esses os sobas do Bailundo que conhecemos.

SOBA KANDIMBA JAHULU Nº 5.

Ele é o soba dos brancos, não é da linhagem real. Soma Jahulu tem fama, pois mesmo no meio dos brancos era realmente famoso. Esse soba era muito obediente aos governantes. Ganhou fama ao lutar em Esele. Foi lutar a mando dos brancos e obedeceu a suas ordens. Quando deixou Esele levou consigo muitas pessoas. Então os brancos murmuraram: “Não podemos ficar com escravos”. E obedeceram. Mas o soba não se desfez de nenhum. Só da administração é que saíram alguns.

Ao voltar da guerra, Soma Kandimba foi alçado ao trono e tornou-se nosso soba realmente famoso.

SOBA KANDIMBA JAHULU Nº 5.

Este soba não tem ascendência real. Foi escolhido pelos brancos simplesmente porque tinha inteligência.¹²⁵ Antigamente só podia governar quem tinha ascendência real. Às vezes reinavam os filhos dos sobas; mas como podiam gostar de fazer o que é mau, com a chegada dos brancos acertou-se que só será soba quem de fato tiver juízo.

Jahulu ficou muito famoso. Desde o início de seu reinado acumulou fama. Isso se vê no tempo em que foi para a guerra em Esele e Buim¹²⁶ e venceu muitas pessoas. Capturou muitos homens, mulheres e crianças, muitos utensílios e bois como se fossem grãos de areia.

Nas guerras de Esele havia uma multidão, mas havia somente 150 sobas, cada qual com seu acampamento de guerra. Cada soba levava sua bandeira por precaução. Diziam: “do contrário algumas pessoas podem perder-se. Assim, se alguém se perder,

¹²⁵ *Olondunge* pode ser traduzido como “inteligência”, “juízo” ou “esperteza”.

¹²⁶ Hoje Seles e Amboim.

ao ver sua bandeira em outro lugar, irá para lá. E não mais se perderá por causa da bandeira”.

Foram para essas guerras não só *imbundu*. Quatro brancos também saíram daqui do Bailundo. Os brancos são: Ñała Gomes Juiz, Padre, Martinho, Leis. Eles tratavam das pessoas na guerra. O Padre ministrava medicamentos às pessoas doentes, aos moribundos e aos feridos.

Essas pessoas em Esele e Buim deram muito trabalho aos brancos. Algumas tiveram as pernas cortadas, de outras cortaram a cabeça; a pele de alguns foi esfolada; as mulheres foram dadas em casamento aos habitantes de Esele.

Quando os brancos foram para Esele nessas guerras, ajudaram muito os brancos que sofreram, bem como suas mulheres e filhos. Enviaram suas mulheres e filhos ao Sumbe com alguém que para lá se dirigia. Mas como estes, quando estavam em Esele, andavam nus, ao serem enviados para o Sumbe ganharam muitas roupas.

Lá havia muito trabalho, pois a guerra estava intensa. Entre as pessoas enviadas para a guerra, as que mais guerrearam foram as da Missão Evangélica. Não tinham medo. A guerra estava intensa e poderiam passar toda a noite disparando, de sua parte era só coragem.

Essas guerras duraram sete meses. Partiram em 6 de agosto e voltaram no mês de março. Trouxeram vários escravos,¹²⁷ bois e utensílios, os quais saquearam dos brancos.

Quando voltaram dessas guerras, Soma Jahulu adquiriu muito poder, de modo que até os brancos respeitavam-no muito; mas entre os Ovimbundu o respeito era ainda maior. Assim, nomearam-no “Soba de verdade, de muita inteligência”. Seu muito respeito advinha das guerras de Esele, de onde vinha.

O PRIMEIRÍSSIMO SOBA DE BAILUNDO FOI BULU

Nº 5.

¹²⁷ *Ocikumba* pode ser traduzido como “escravo” ou “servo”. O termo remete às razias realizadas durante as guerras, nas quais eram apreendidas pessoas. O termo em umbundu aplicado às guerras do período do tráfico de escravos, as quais eram designadas como guerras do *kwata kwata*, remete à prática de razias, pois *oku kwata*, em umbundu, significa “pegar” ou “capturar”. As pessoas capturadas passavam a pertencer a quem fez a guerra e eram inseridas na rede de relações dos vencedores. As mulheres eram, em geral, dadas em casamento. Entre as pessoas em condição de servidão, havia algum grau de mobilidade social associado às habilidades de cada sujeito. Como este texto indica, em algumas circunstâncias, era possível que fossem libertas.

Soma Bulu foi o primeiro a construir na *ombala* de Bailundo, a qual foi chamada “Em Katiavala”. Mas para os de Bailundo isso quer dizer que “essas pessoas são muito espertas”.

A EXPULSÃO DE BULU.

Nesse dia o soba foi à lavra e encontrou guerra na aldeia, pois o soba Katiavala desejava a montanha. Ele teve de deixar a *ombala* e foi construir outra aldeia. Quando morreu, as pessoas pensaram em enterrá-lo na *ombala*. Foram buscá-lo e trouxeram-no para ser enterrado na *ombala*, pois foi ele quem a começou.

SOBA KATIAVALA I. Nº 5.

Quando esse soba reinou na *ombala*, não era tão famoso quanto os outros. Ele só tinha ciúme; não era famoso. Quando morreu, também foi enterrado na *ombala*. O soba Katiavala era Ndatembo [Genro] do soba Bulu. Ainda que este fosse seu sogro, devido ao poder de que gozava, não pensou nele como sogro; expulsou-o como a uma pessoa qualquer. Mas os sobas, para governar, precisam de seus familiares. Mesmo esses sobas, Bulu e Katiavala, permaneceram Sogro e Genro.¹²⁸

SOBA CINGI I. Nº 1

O soba Cingi é o soba grande. Foi ele quem convocou as guerras e foi conquistar todo o país do Bié e seu soba. As guerras no Bié eram assim. O soba Cingi também foi para lá com o seu pessoal. Quando lá chegaram, encontraram o país cheio de pessoas e começaram a guerrear!... Depois o soba do Bié desistiu e não conseguiu vencer. Então o soba Cingi começou a capturar pessoas; capturou também o soba e os bois. Algumas pessoas fugiram. O nome dessa *ombala* era Ekovongo, a *ombala* do Bié.

Mas a tristeza veio das próprias guerras. Na época em que a *ombala* foi tomada pelo exército do reino do Bailundo, o soba estava muito feliz com seu exército e dizia: “Não há mais nada que possa nos parar”.

¹²⁸ Em umbundu, o termo *ndatembo* designa as relações de afinidade intergeracionais, sendo que o mesmo termo se aplica a ambas as posições, independentemente de gênero. Pode, portanto, ser traduzido como “sogro”, “genro”, “sogra” e “nora”.

Os membros do exército começaram a passear onde queriam. Fez-se silêncio. Então eles foram em direção a alguns brancos que saíram do Dongo; esses brancos eram escuros.¹²⁹ Foram saqueá-los. Partiram todos e deixaram o soba sozinho. Todo o exército foi saquear aqueles brancos escuros do Dongo.

Havia ainda alguns bienes¹³⁰ que se esconderam. Quando os exércitos foram realizar os saques, os bienes vieram ao acampamento do soba e encontraram-no sozinho. Todo o exército se fora. Quando essas pessoas perguntaram pelo soba, dizendo “Onde está o soba?”, o soba apontou para o seu rapaz, chamado Muekalia, ao que este respondeu: “Oh, Soma, a esta hora já estamos mortos; não apontes para mim dizendo que sou eu o soba. Não sou eu; tu mesmo és o Soma”.

Tão logo essas pessoas ouviram, pegaram o Soma de Bailundo e cortaram sua cabeça. Quando o exército chegou, encontraram seu soba morto havia tempo. Porém, ao sair, o exército levou somente as pessoas que capturaram. Deixaram lá seu soba. Levaram apenas as pessoas que capturaram, juntamente com os bois e todas as coisas que saquearam. A tristeza era grande porque seu soba, que tinham deixado, estava morto. Mas esse soba foi o primeiro a governar. Gunji veio em seguida. Quando Soma Cingi morreu no Bié, foi o soba Gunji quem o substituiu.

SOBA CINGI I. Nº 5.

Soma Cingi, que vinha lutar com os bienes, primeiro os venceu. Quando todo o exército saiu do acampamento para capturar pessoas, deixaram lá o soba com as crianças. Ele pensou: “Talvez todas as pessoas já estejam obedecendo; não farão mais nada”. Quando os do Bié viram que o Soma ficou sozinho com as crianças no acampamento, derrubaram-no e cortaram sua cabeça. Desde então os de Bailundo deixaram de gostar dos de Bié, embora estejam juntos no mesmo terreno. Os antigos não se gostavam. Sempre, fossem os de Bié, fossem os de Bailundo, só queriam brigar entre si. De tal modo que quando os de Bailundo subjugarão os de Bié, disseram:

¹²⁹ *Indele viaco vi tekava*. Em umbundu, *okutekava* pode ser traduzido como “ser escuro”. Nesta frase fica claro como “branco” refere-se a uma posicionalidade social que implica status, prestígio e riqueza. Não se refere necessariamente à cor da pele, visto ser possível que “brancos” fossem escuros.

¹³⁰ Em umbundu, *va Viye*. O *va* indica que são pessoas, no plural, do *Viye*, cuja forma aportuguesada é Bié. Bieno é o termo que se usa para designar essas pessoas em português.

“Vencemos”. Mas hoje em dia, por causa da palavra de Deus¹³¹ que nos uniu, não há mais tanto ódio entre nós.

SOBA CINGI I. Nº 5.

No tempo em que este soba reinava, gostava muito de fazer guerra com os de Bié. Ele dizia: “para que passem a pagar tributos a mim”.

Uma vez, foi guerrear contra os bienos. Naquele tempo todas as pessoas ficavam no acampamento. Quando todo seu exército saiu para capturar pessoas, deixaram o soba sozinho no acampamento com as crianças. Pensaram que não havia problema, pois como os bienos já haviam sido subjugados, não fariam nada de mau contra o soba.

No momento em que todos saíram e deixaram somente o soba com as crianças, os bienos foram ao acampamento do Bailundo e encontraram o soba tranquilo com as crianças, pois todos os exércitos estavam espalhados. Então amarraram o soba e arrancaram sua cabeça.

Desde então os de Bié e os de Bailundo não se gostavam muito; odiavam-se muito. E hoje, por causa da palavra de Deus, estão bem e comem bem.

SOBA CINGI II. Nº 5.

O soba Cingi odiava Luanda. Quando em Luanda ordenaram que se fizesse a guerra contra ele os brancos ganharam. Por isso ele fugiu para o monte Elumbanganda. Depois retiraram-no de lá e levaram-no para Luanda. Morreu em Luanda. Porém, teve lá outro filho: Ekuikui I. Soma Cingi II sofreu muito. Todos os anciãos da sua corte também haviam sido capturados. Seu filho, Ekuikui, instruiu-se enquanto reinava; até escrever ele sabia. Ele reinou no trono de seu pai, Cingi II. Este lhe deu algemas bonitas para prender as pessoas. Reinou nesta cidade de Bailundo. É ele o primeiro Ekuikui, filho do soba Cingi II.

SOBA CINGI II. Nº 5.

Este soba, durante seu governo, odiava muito os de Luanda. Assim, ordenaram em Luanda que se fizesse a guerra contra ele, pois era muito provocador.

¹³¹ Em umbundu, Suku. Aqui a referência é ao Deus cristão.

Durante a luta, por ter sido vencido, fugiu para o monte Elumbanganda. Lá foi capturado juntamente com seus anciãos e foram levados para Luanda.

Quando lá estavam sofreram muito. Porém, teve em Luanda um filho homem, cujo nome é Ekuikui I. Essa criança instruiu-se durante o tempo em que esteve ao lado de seu pai Cingi II. Ao crescer, enviaram-no à *ombala* de seu pai para que aqui governasse. Quando veio para cá, seu pai deu-lhe algemas para que com elas prendesse aqueles que não obedecessem bem ao soba.

SOBA KALANDULA I. Nº 5.

O soba Kalandula foi um soba guerreiro. Guerreou em Sambu, Cilenge e Mosambe.¹³² Foi lá que capturou as senhoras. Morreu quando voltou das guerras. E era muito famoso.

Em Cilenge foi saquear os muitos bois e pessoas que de lá trouxe. Em Mosambe foi capturar os brancos e também algumas senhoras. Assim, reconhecemos que o reinado de Kalandula teve muitas vitórias.

No Sambu, como contrariaram o soba, foram todos por ele capturados. Até hoje essa aldeia está abandonada; não tem mais ninguém.

[página não numerada com descrição de conteúdo]

O NOME, BALUNDU.

Páginas [39, rasurado] 58 a 93.

É possível que, como no caso de Viye, em que os portugueses modificaram a grafia para Bihe ou Bié, eles tenham mudado o nome Va Lundu para Bailundo. Na fonética do português, o som de u ao final é indicado com um o. Ainda que o Ba seja mantido, nas línguas bantu ba e va são intercambiáveis. A família real veio de Lundu por meio de Bonga, sendo conseqüentemente Va Lundu; daí o nome Valundu ou Balundu.

Segundo este documento, o primeiro rei de Balundu foi Bulu, caçador que construiu sua morada nessa montanha rochosa e estabeleceu-se como rei. Ele foi então expulso por seu cunhado Katiavala I. Os nomes dos governantes do tempo de Katiavala até Chingi, pai e predecessor de Ekuikui I, não são mencionados.

¹³² Em português, Sambo, Quilengues e Moçâmedes.

As páginas 61 a 93 trazem um material muito rico para o antropólogo, explicando detalhadamente o funcionamento de uma típica aldeia principal de um reino africano, bem como suas regras políticas, sociais e religiosas. Este relato suplementa o documento intitulado “Costumes da *Ombala* do Bailundo”.

[nota descritiva de Merlin Ennis]¹³³

O NOME BAILUNDO Nº 1.

Houve um caçador que veio e construiu na montanha de Bailundo. Construiu de tal forma que sua aldeia cresceu muito e tornou-se a *ombala*. Tornou-se muito, muito extensa e pacífica. Mas quem tinha autoridade sobre ela era Bonga.

Tempos depois alguém se tornou um grande soba. Seu nome era Bulu. Tornou-se o soba grande.

O sobrinho do Soma de Bonga, o qual lhe tinha dado permissão para construir em Bailundo, veio, viu uma filha do soba Bulu e gostou dela. Quis casar-se com ela. O nome desse rapaz era Katiavala. Casou-se com a filha do Soma Bulu.

Katiavala logo construiu próximo a seu sogro. Quando este dava os informes à população tinha dor de cabeça. Aborreceu-se com o sogro fazendo isso de manhã e à tarde repetidas vezes. Então pensou bastante... e decidiu: “É isso mesmo. Vou expulsar o pai;¹³⁴ para que eu fique na montanha, vou destituí-lo”.

Então mandou dizer a seu tio materno em Bonga: “Você é irmão da minha mãe; eu sou seu sobrinho¹³⁵ Katiavala; como sou rico, vou expulsar o pai da *ombala* porque ele é muito barulhento. É ele que está na pequena montanha. Vai ficar dando informes pela manhã e à tarde? Estou farto”.

Assim que Nãla Bulu saiu por um instante foi expulso da *ombala*. Então Katiavala apoderou-se da corte de seu sogro. Transportou todos os pertences dele até Huvi. Seu sogro disse: “Voltarei”. E Katiavala respondeu: “Ah!... Pai, você já está velho. Suas coisas estão lá em Huvi, agora não pode vir para cá. Porque agora é meu”.

¹³³ No original, esta observação aparece em azul, escrita à mão.

¹³⁴ *Tate*, termo que significa “pai”, é uma forma de comum de designar o sogro e dirigir-se a ele em umbundu.

¹³⁵ A referência é à relação privilegiada entre o tio materno (*manu*) e seu sobrinho (*ocimumba*) no Planalto Central. Por ter as prerrogativas relacionadas a essa posição, Katiavala avisa ao tio que “por ser rico” – ou seja, por ser seu sobrinho – destituirá seu sogro Bulu.

Soma Bulu pensou muito... e disse: “Nossa!! Que coisa!! Isso eu nunca vi”. Saiu da *ombala* com toda sua riqueza e seu séquito.¹³⁶ Caminharam até Utalamo, onde ele disse: “Aqui é o Brado”, o que significa: “Bradei muito envergonhado porque o genro expulsou-me da *ombala*”. Saindo dali foi para Kalesu. Mais adiante, chegou ao monte de Lumbuambua. Deu ao monte o nome de Bulu, mas a si mesmo deu outro nome: “Sou Citomba,¹³⁷ pois meu genro privou-me do trono e da *ombala*”.

Mas de todo modo soba é soba. Quando sua aldeia cresceu novamente reiniciou seu reinado. E todo esse país imediatamente se tornou Citomba.¹³⁸

Quando Katiavala percebeu que seu sogro morreu, subiu a montanha para a corte dele. De lá governou. E tornou-se o soba grande.

Governou bem, as pessoas gostaram dele. E fez algumas guerras contra outros países.

O SOBADO DE BAILUNDO Nº 1.

Esse reino, localizado do lado em que o sol se põe em Ngoveya, pertenceu à família de Bonga. Porque expulsaram os de Bulu. Assim, esse reino lhes pertencia como família. Não aceitavam que alguém de fora da família governasse. Essa família de Kaluelue Ngombe é de Citungu e a de Njamba é de Kuvela. Outra pessoa não pode reinar. Quando Kaluelue subiu à *ombala* para ser empossado, seu sobrinho Njamba foi ficar próximo do tio materno. Mudou-se, foi para Lombundi e lá construiu com todos os seus escravos. Assim, até hoje os de Mbundi não estão mais lá.

Todos os sobas, quando iam à guerra, traziam muitas pessoas. Para elas eram construídas casas em algumas aldeias. Não se aceitava que os filhos dos sobas ficassem na *ombala*. Construíam em outro lugar, onde reinavam.

São essas as tais circunscrições¹³⁹ ou países: Cipuli, Longole, Katolo. Esses são os países que foram regidos pelos filhos dos sobas.

Os de Cindongo e Lombundi foram governados pelos netos dos sobas. Seu soba chamava-se Citekulu¹⁴⁰ por ser neto do soba.

¹³⁶ O termo traduzido por “séquito” é *ocikumba*, que inclui escravos e membros da família. Remete a todos aqueles que habitam dentro de uma mesma unidade residencial (neste caso, a corte).

¹³⁷ Citomba significa “depreciado”.

¹³⁸ Aqui fica clara a sobreposição entre o território e seu governante, sendo comuns os casos em que uma aldeia tinha o nome daquele que sobre ela detinha autoridade.

¹³⁹ Em umbundu, *aluvumba*, que pode ser traduzido como “conjunto de povos dependentes dum soba; território sujeito a um chefe; zona, região, circunscrição” (Alves 1951, p. 1687).

Os de Cilume, Hanga e Kaliki recebem um osso grande da carne do ventre do boi porque se diz: “De fato são filhos do ventre”. Todos esses que narramos não nasceram aqui; saíram das guerras dos sobas. É de lá que vem sua ascendência.

Os de Cilume¹⁴¹ originaram-se nas guerras.

Os de Cipuli originaram-se nas guerras.

Os de Longole originaram-se nas guerras.

Os de Mbonge de Kalesu vieram dos Mbongo.

Os de Hanga vieram das guerras.

Os de Lombundi vieram das guerras.

Os de Kaliki vieram das guerras.

Os de Kapiñala são filhos de nascimento.¹⁴²

Os de Njamba são filhos de nascimento.

OS NOBRES¹⁴³

Os de Kapiñala, Njamba, Cikunga, Lunji, Mbonga, Kaundi, Cilumbu.

Os de Cilumbu foram regidos por filhos de sobas. Ou talvez por algum Citekulu. Os de Cinjamba, Mungu, Elinya, Lunji e Mbonga são *atumbu*¹⁴⁴, ou seja, os sobas originam-se em seus países.

As famílias de Mbongo e Ulundu são livres há muito tempo. Mas não estão sozinhas; estão ligadas à *ombala*. É a ela que estão ligadas. Dizem: “Não vamos ficar sozinhos; vamos ligar-nos aos outros”.

Mas se alguém entre eles mata um homem adulto, os de Lundu enviam essa pessoa para Mbongo. Se os de Mbongo matam uma mulher diligente, enviam essa pessoa para Ulundu. Trocam entre si os assassinos.

Mas se essas pessoas comportam-se mal, os de Ndumbu, Kapiñala, Cipuaka e Samba Jahulu servem como conselheiros.

¹⁴⁰Literalmente, o que é neto do soba. Em umbundu, neto é *onekulu* (plural *olonekulu*).

¹⁴¹ Em vista da sobreposição entre povo e território, a tradução para “va Cilume” poderia tanto ser “os de Cilume” quanto “os Cilume”.

¹⁴² *Omaŋa voku cita*, literalmente, filhos de parto.

¹⁴³ Em umbundu, *olombuale*. Guennec e Valente (1972, p. 380) trazem como outras traduções possíveis “livre” ou “independente”. A liberdade, no contexto em questão, ligava-se ao estatuto social das pessoas. Contudo, este era relacional: um nobre em dado contexto poderia tornar-se escravo em outro (por exemplo, se fosse capturado numa guerra ou vendido como escravo).

¹⁴⁴ *Atumbu*, plural de *etumbu*, designa as aldeias originais das quais outras aldeias derivam.

ATUMBU E OVINDULI Nº 2.

Na época em que os sobas gostavam de fazer guerras, quando venciam levavam as pessoas consigo para sua aldeia. Davam-lhes um lugar para construir. Por isso algumas aldeias são *Atumbu*, responsáveis pelos *Ovinduli*.

Atumbu são os da própria aldeia, os livres como Mbonga, Cikunga, Mbongo, Ulundu e outros.

Ovinduli são os que eram trazidos das guerras, a quem o soba dava terras para que habitassem seu país, como Cindongo, Kaliki, Cipuli, Cilume, Longole, Lombundi. Todos esses eram *ovinduli*. A essas pessoas davam a carne do abdômen, o que significa que são filhos de nascimento. Essas aldeias foram regidas por *itekulu*, ou seja, por netos dos sobas.

A POSSE DO SOBA. Nº 1.

Quando o soba que está governando morre, os anciãos entram em acordo para escolher um novo regente entre os filhos, sobrinhos maternos ou netos dos sobas.

Quem escolhe o soba deve ter um nome importante como Muekalia, Ngambole, Cinduli, Civandu, Kaley, Citonga, Uciã, Henjengo, Ciwale e outros. Reúnem-se à noite na casa do mais velho entre eles, o Muekalia. O conjunto dessas pessoas chama-se Vakalia. Durante a reunião à noite, um deles diz: “Eu quero que fulano seja soba”, e cada um se expressa. Após todos se manifestarem, o Muekalia, que é o líder dos líderes, diz: “Eu escolhi fulano” e todos batem palmas. Quem for escolhido pelo Muekalia governará de fato.

Ao sair de lá à noite, pela manhã arrumam os panos com cachaça, os quais entregam ao Kesongo para que leve ao que foi escolhido pelos sobas. E ele fica sabendo que foi escolhido. Ao escolher, optam por alguém que seja bom orador e tenha algo a oferecer. Porque dizem: “Se eu for julgado culpado e não tiver como pagar o soba poderá me salvar e eu me tornarei seu escravo”.

Depois de a assembleia avisar a todos que quem reinará é fulano, toda a aldeia armazena *ocimbombo*. Todas as pessoas, grandes ou pequenas, vêm à *ombala* para assistir à cerimônia da posse.

Primeiro todos ficam em casa. Os anciãos vão lá buscá-los. Quando os acompanham até a corte a caminhada é lenta. Na entrada da corte fica um rapaz sentado numa cadeira. Então as pessoas chegam disparando suas armas, batucando, tocando *olombendo*¹⁴⁵ e ululando,¹⁴⁶ de tal forma que não é possível ver o soba por estar coberto de fumaça.

Ao chegar à entrada, avisam: “Rapaz, saia da entrada porque o soba vai passar”. O rapaz não aceita, fica relutante. E responde: “Aqui é a minha entrada que conduz à minha corte. Se quiserem passar, tragam alguma coisa para que eu venda minha entrada”.

Assim lhe dão nove, seis ou sete, que o moço recebe para que o soba passe tranquilamente. Ao comprar a entrada comprou também a própria corte.

Quando o soba é empossado matam bois e depois de muita discussão escolhem um só para ser talhado, pois as pessoas que pertencem à *ombala* recebem cada qual um pedaço¹⁴⁷ correspondente a seu cargo, até que todos terminem. Mas para o Ndaka dá-se a garganta porque, segundo dizem, ele é o orador. E dizem também: “Ele é a garganta do soba”.

Nesses dias o soba escolhe um nome para carregar sua grandeza. Mas não escolhe com pressa para que as pessoas não digam: “Ele gostou”. Primeiro se esquiva, depois nega muito; são as pessoas que o instigam até que ele aceite.

A aldeia de onde sai o soba é chamada de Etunda.¹⁴⁸

O GOVERNO DO SOBA Nº 3.

Quando o soba que estava no trono morre, os habitantes do país escolhem alguém que tenha maturidade para bem dirigi-lo.

Às vezes, alguém que tenha laços de sangue com o soba diz: “Eu quero receber o trono do pai ou do meu avô”. E se as pessoas reconhecem que tem maturidade, o país aceita e ele reina. Mas deve ter amor pelo país, e o país quer alguém que tenha dinheiro para que quando governar mate bois, às vezes dois.

¹⁴⁵ Instrumento musical. (N.T.)

¹⁴⁶ De *oku ulula*, forma de aclamar usando uma variação sonora com a mão e a boca, na qual se eleva a mão até a boca de forma alternada enquanto se produz um som com a boca. Ou então a pessoa simplesmente grita “*ulu, ulu, ulu...*” quantas vezes forem necessárias. (N.T.)

¹⁴⁷ *Ocikepa*, literalmente, osso grande.

¹⁴⁸ *Okutunda* é sair. Assim, *Etunda* é, literalmente, de onde sai.

Para que o soba possa governar de fato procura-se uma pessoa. Às vezes se antecipam e alimentam alguém; quando isso não acontece fazem emboscadas pelos caminhos. Ao avistarem uma pessoa andando sozinha, pegam-na e levam-na para onde se abatem essas pessoas; porém, quando essa pessoa é abatida colocam-lhe na boca um pedaço de pau chamado *oluvulu*, que não permite que ela grite para que o soba não a ouça morrer (é assim que pensavam). Amarram-lhe as mãos e os pés; preparam um boi e amarram-no. Mas nesse abate a pessoa é arrastada como um boi; o Kesongo grande segura uma lança, espeta no boi e espeta na pessoa. Nesse momento todos os rapazes do Kesongo recebem um sinal vermelho no rosto, tocam os instrumentos *andingu*, *alimba* e *oloñoma*¹⁴⁹ e disparam suas armas. O barulho das armas é para que o soba não ouça o abate.

Quando a pessoa morre cortam um pouco da sua carne e misturam nas panelas de carne de boi. Então reúnem todas as pessoas que têm lanços sanguíneos com o soba, dizendo: “Venham receber *atuña*”¹⁵⁰(assim é chamado esse tipo de comida); pessoas comuns não podem comer nem um pouco dessa carne.

Ao acabarem a refeição, dizem: “Fomos receber *atuña*”. Dizem também: “Agora o soba governa”. Nesse dia nenhuma mulher pode sair da *ombala* para ir ao rio buscar água porque os rapazes do Kesonga fecharam o caminho. Primeiro o soba deve fazer o pagamento para que as pessoas possam passar pelo portão.

O GOVERNO DO SOBA Nº 3.

Quando governa, o soba escolhe três pessoas: em primeiro lugar o Muekalia, o Epalanga, e o Ngambole. O Muekalia dá a palavra final para todo o país quando solicitam seu julgamento.

Epalanga: se o soba morrer, somente ele pode governar em seu lugar. E se a relação do soba com o país não estiver boa, o Epalanga pode falar com os anciãos do país para que deponham o soba e ele o substitua.

¹⁴⁹ *Elimba* (plural *alimba*) é um tipo de mbira. *Oloñoma* (singular *oñoma*) e *andingu* (singular *endingu*) são dois tipos de tambor (o *endingu* tem duas peles).

¹⁵⁰ Literalmente, pedaços de carne.

Ngambole: é o guia¹⁵¹ do país. Se em algum lugar houver conflitos, por exemplo alguém se portar mal, ele se dirige ao local com o Kesongo e seus rapazes para prender as pessoas e trazê-las à *ombala*.

Se for necessário brigam com as pessoas; têm até mesmo autorização para matar quem desrespeitar o soba.

Kongengele: se vão à guerra, o Kongengele leva a cabeça de uma pessoa que mataram há muito tempo. Leva-a num pano amarrado às costas e segue à frente do exército. Todas as pessoas que vão à guerra seguem-no. Se o exército gostasse de confusão, o Kongengele não se disporia a ir à guerra acompanhado do seu pessoal. Quando ele acompanha o exército consegue arrebatá-las as pessoas, pois a cabeça da pessoa e os outros amuletos que carrega nas costas geram confiança: “É isso que nos fará vencer a guerra”. Por isso nem todas as pessoas podem acompanhar o Kongengele. Às vezes vão ao encontro dele; caso contrário, seu feitiço¹⁵² perde a força.

O COSTUME DOS SOBAS Nº 1.

Quando o soba é empossado tem muito receio dos familiares daquele que substituiu. Nesse momento apenas sai em busca de pauzinhos¹⁵³ para prejudicá-los e proteger-se para que nada atinja seu corpo e sua casa.

Substitui todas as mãos¹⁵⁴ do antigo soba, inclusive sua Inakulu.

Muda a entrada da corte, escolhe o Ndaka.

Escolhe os filhos dos sobas que substituirão em outras aldeias os filhos de antigos sobas. São as aldeias que já mencionamos acima. Por isso, se o soba não tiver muito poder¹⁵⁵ não consegue reinar.

Quando começa a governar, todas as pessoas importantes trazem algo para saudá-lo; pode ser um boi ou porco cevado.

¹⁵¹ Em umbundu, *ohando*, aqui traduzido como “guia”, é o chefe da caravana (Alves 1951, p. 129). Trata-se de um alto cargo, tendo em vista que no período que antecede o “avassalamento” do Planalto Central o comércio era a principal ocupação econômica de seus habitantes. As caravanas eram organizadas a partir da *ombala*, sendo os carregadores pessoas que pertenciam à corte.

¹⁵² Em umbundu, *umbanda*.

¹⁵³ Raízes usadas em rituais para destruir ou beneficiar alguém. (N.T.)

¹⁵⁴ Aqui, “mãos” refere-se às pessoas que serviam seu antecessor.

¹⁵⁵ *Umbanda*, aqui, remete tanto aos rituais que foram traduzidos como “feitiço” quanto ao resultado que deles advém: o poder do soba.

Na casa dele há alguns insetos, como abelhas, marimbondos e vespas grandes. Pois se ele quiser matar alguém, despedaça um marimbondo e coloca-o no medicamento; então o envia para morder a pessoa alvo e ela morre. Depois retorna a quem o enviou. Casa-se com mulheres cujos pais são importantes. Depois, cada um dos anciãos dá a ele uma filha em casamento. Às vezes o soba tem 50 ou 40 mulheres.

Escolhe um Kapila na família dos Kapila. Ele leva seu cajado para todos os lugares, assim como sua bengala. O soba também deve consultar um quimbandeiro.

AS MULHERES DO SOBA Nº 3.

Quando governa, o soba encontra uma mulher cujo nome é Inakulu. É a mais relevante entre as mulheres do soba e deve ser substituída, pois ainda que o soba deixe o trono, ela ficará na *ombala* e se casará com o outro soba. A próxima em poder é a Civocepembe.

O Soma constrói uma cozinha grande para que a Inakulu fique lá com suas cerca de seis raparigas; se o soba for importante pode ter duas mulheres. Quando terminam a cobertura da cozinha o Soba oferece-lhe *ocisangua*;¹⁵⁶ assim que ela bebe, morre. Dizem: “É para que a cozinha fique bem”. O mesmo ocorre ao fazer a cobertura da casa do soba.

A CADEIRA E A LAREIRA DA INAKULU NA COZINHA.

Na cozinha dela primeiro se escava a lareira; depois se enterra nela a cabeça de uma pessoa. Por cima dela se coloca lenha grossa, em cima da qual passam a colocar a panela para cozinhar.

O mesmo ocorre com a cadeira da *inakulu*. No local em que é colocada também se enterra a cabeça de uma pessoa; nenhuma rapariga pode sentar-se nela, ainda que seja mulher do soba.

TRANÇAR A INAKULU.

Quando trançam a Inakulu, colocam nas tranças do meio da sua cabeça um osso humano. Na época em que se faz essa trança as mulheres costumam fugir, pois

¹⁵⁶ Bebida fermentada de milho.

quando as tranças acabam, às vezes a trançadora de fato morre porque os remédios¹⁵⁷ são fortes. A pessoa morre mesmo.

Quando todas essas coisas estão concluídas, dizem: “O soba agora reina”. E a Inakulu nunca carrega uma cesta por conta do osso humano no alto da sua cabeça.

O RESPEITO¹⁵⁸ AO SOBA Nº 1.

O soba fica na *ombala*, mas os pequenos sobas que ficam nos países ao redor reverenciam-no como a um pai. Ao vir à *ombala* nenhum dos sobas dos arredores é chamado de Soma. Diz-se simplesmente Sekulu. Porque na *ombala* o soba é só um. Não se pode bater palmas em reverência quando ele se senta; tampouco se pode dar ordens. Porque nesse momento todos se tornam rapazes do soba grande. Somente ao sair da *ombala* são chamados de Soma. Então voltam para a tipoia.¹⁵⁹

Quando o soba grande cospe, o ancião cobre sua saliva. Quando termina de falar todos aplaudem-no; quando se levanta, aplaudem-no; quando se senta, aplaudem-no. Ninguém fala em voz alta perto do soba porque isso é considerado falta de respeito. Não se pode passar perto de onde o soba está.

Se ele se dirigir a você, responde-se dizendo: “Sim, bisavô; bisavô eterno; eterno sagrado; bisavô leão¹⁶⁰.” É essa a resposta. Se quiser responder a algo que o Soma está dizendo, você se antecipa assim: “Bisavô, sem querer interrompê-lo”, ou “Bisavô, se não for pegar na faca que corta”,¹⁶¹ ou “Bisavô, sem querer pôr a mão na chama”. Só assim o soba espera que você termine de falar.

Mas se ele lhe der alguma coisa, deve dizer: “Ao cabrito a sua pele, ao boi a sua pele; o mal é andar nu”.

Mas os filhos dos sobas não podem tratá-lo por pai; tem de ser Sekulu ou Soma.

Cabe a um ancião a função de limpar o suor do soba.

O RESPEITO AO SOBA Nº 3.

¹⁵⁷ Em umbundu, *ovihemba*.

¹⁵⁸ Em umbundu, *esumbilo* aponta tanto para o sentido abstrato do respeito quanto para sua incorporação física na forma das reverências descritas.

¹⁵⁹ A tipoia, aqui, remete ao privilégio relacionado à posição de soba, na qual se pode ser carregado.

¹⁶⁰ Em umbundu, *Na-kuku oco, Na-kuku fuli, Akuku ci kola, Na-kuku ohosi*. A menção ao leão remete ao poder do soba.

¹⁶¹ *Nda ha ku kuata vo moko li teta*, literalmente, “se não for pegar na faca que corta”, significa “se não for abusar do seu poder”.

Aqui no nosso país, antigamente havia mais respeito ao soba e aos anciãos. As crianças, ao passar pelos anciãos, baixam os olhos e andam na ponta dos pés; depois de passar com pressa é que levantam a cabeça. A mulher, ao passar pelo soba ou pelos anciãos do país, ainda que esteja carregando uma cabaça d'água, um feixe de lenha ou um balaio trazido da lavra, não pode deixá-los sobre a cabeça. Se for um balaio levanta-o até a altura da ombros e só depois de passar por eles apressadamente à distância é que o coloca novamente sobre a cabeça.

Se as mulheres que ficam nas pedras triturando o milho para fazer fubá virem que o soba se aproxima, ninguém continua a moer; todas ficam em total silêncio e só recomeçam após o soba passar.

Se a mulher estiver grávida fica muito desconfiada ao andar pelo caminho; ao perceber que o soba está vindo em sua direção foge, pois se não fizer isso pode ter problemas ao ser pega.

Qualquer pessoa, mesmo um ancião das aldeias, ao chegar ao local onde está o soba abaixa-se e anda batendo com os dedos. É esse o verdadeiro respeito.

Se a pessoa estiver andando com *olondovi*¹⁶² não pode saudar o rapaz do soba. Caso contrário se envolverá em conflitos.

Se alguém estiver no *onjango* fazendo esteira e o rapaz da corte entrar, não se pode saudá-lo; caso contrário será raptado.

Se os filhos homens estiverem cavando cacimbas na mata com as mulheres, não se pode saudar quem estiver saindo da *ombala*, pois se torna prisioneiro e deve pagar fiança.¹⁶³

Quando o soba saúda um rapaz, criança ou adulto, a pessoa deve responder com uma reverência; se não for assim, o soba diz a seus rapazes da corte: “Aquele rapaz zombou de mim”. Então você será raptado e terá de pagar multa para não ser vendido.

Quando o soba saúda alguém, diz: “*Mba – Mbokuetu* [Ei, fulano!]”. E a pessoa responde: “*Ohosi-Akuku!* [Avô Leão!]” ou então “*Ohosi-Ongulama* [Leão Salalé]”. São diversas as formas de responder respeitosamente ao ser saudado pelo soba; mas se não responder com reverência a pessoa pode ser capturada.

¹⁶² Espécie de corda feita de casca de árvore (Alves 1951, p. 881).

¹⁶³ *Ovimbu* pode ser traduzido como “fiança” ou “multa”. É o que se paga quando se é julgado culpado para evitar tornar-se escravo ou ser vendido por dívida.

Uma pessoa qualquer, ao saudar o soba, agacha-se e bate palmas ao mesmo tempo, dizendo: “*Ohosi-Akuku* [Avô Leão]”. O Soma responde: “*Kalunga*,¹⁶⁴ *kalunga*”, e sua voz transmite sua calma e autoridade.

O TRIBUNAL N° 1.

Quando alguém quer expor uma questão na corte, primeiro leva algo para o Soma; depois fala sobre tudo que lhe causa dor. Ao deixar a *ombala*, busca a pessoa que denunciou na corte e a traz ao soba para que ele julgue como proceder. Todas as pessoas importantes da *ombala* também participam. Primeiro se expõe a situação de quem fez a acusação na corte, depois quem foi trazido à corte também fala. Os advogados respondem somente quando eles terminam, mas falam com cautela, pois o ancião que disser algo que contrarie o soba será desprezado e podem tomar-lhe a cadeira. Em seguida o soba dá a palavra final.

Se alguém for julgado e condenado, caso seja a pessoa que trouxe o outro à corte a condenação é maior: primeiro paga um porco pelo pedido, depois paga pelo julgamento e por fim paga o que deve ao outro. Mas se quem foi acusado for condenado, primeiro paga o porco do julgamento, depois a aclamação e por fim o que deve ao outro. Todos pagam, quem veio e quem foi trazido. E não havia justiça.

O TRIBUNAL N° 3.

Se alguém roubou ou matou outra pessoa, feriu alguém com uma pedra ou ficou devendo algum bem a outrem e não quer pagar, o dono desse bem vai à *ombala* para expor a pessoa para que o soba a faça pagar esse bem a tempo.

Quando alguém leva uma questão à *ombala*, estabelecem a data em que o assunto será julgado. Quando esse dia chega todos os anciãos do soba e todas as pessoas reúnem-se na *ocila* (local onde são feitos os julgamentos). Quando lá chegam devem sentar-se em ordem, pois sob alguns assentos foi enterrada a cabeça de uma pessoa e só o Soma ou alguns anciãos importantes podem sentar-se neles. Se uma pessoa comum sentar-se ali, torna-se escrava do soba e já não pode deixar a corte.

¹⁶⁴ *Kalunga*, interjeição frequentemente usada como saudação, tem muitos significados. Alves (1951, p. 258) afirma que ela remete ao verbo *oku kakula*, “clamar, emitir som”. Refere-se também ao mar e à morte.

Todas as pessoas apressam-se para sentar na *ocila*. O Soma é o último. Quando todos estão sentados ele entra na corte tranquilamente, com os panos arrastando no chão, e todas as pessoas fazem silêncio total. Quando ele se senta, todas as pessoas que vieram participar do julgamento saúdam-no com muitos aplausos. Depois de sentar-se diz algumas palavras simples. Só então pergunta de que trata o julgamento, ainda que o saiba. A pessoa em questão repete o que já tinha dito. Quando ela termina o Soma dá a palavra final. Ao fim do julgamento todas as pessoas que levaram uma questão ao soba entregam dois porcos grandes, que são torrados e divididos de modo que todos que foram assistir ao julgamento levem o seu pedaço.

Mas quem for condenado pelo tribunal paga os bens alheios. Se forem dois bois o soba fica com um e o dono, com o outro.

SOPRAR O CORNO Nº 1.

Quando o soba reconhece que está bem, encomenda uma festa com *ocimbombo* para a *ombala*. E recomenda a todas as pessoas dos países sob sua jurisdição, sejam elas sobas, nobres, escravos ou pobres, que venham para a *ombala* nesses dias de preparo. Quando o *ocimbombo* fica pronto, o soba escolhe um nome diferente para acrescentar à sua grandeza ou pequenez (ler Ekuikui II acima).

Mas é preciso estar atento, pois quando esses dias se aproximam, mandam algumas pessoas fazerem emboscadas nos caminhos de modo que se alguém for raptado será morto. Mas deve ser homem, não pode ser mulher. E dizem que é uma gazela. Essas pessoas são chamadas de Katokola porque partem as cabeças (cortam as cabeças).

Então matam essa pessoa no dia em que o *ocimbombo* fica pronto. Quando os habitantes da *ombala* matam o boi, cozinham sua carne junto com a carne da pessoa que foi morta. Quando fica pronta, entregam-na a todas as pessoas que têm algum vínculo com a *ombala*. A isso chamam “*Atunã*, recebemos pedaços de carne”.

Nesse dia o Soma sopra o corno e se dá todos os nomes que se aplicam ao seu governo. Quando ele menciona o nome que escolheu aplaudem-no, disparam as armas, tocam os tambores e ficam bradando por muito tempo. E o Soma dança cheio

de alegria. Depois entra de novo em sua casa. Porque se permanecer lá por mais tempo enviam-lhe uma estátua¹⁶⁵ que pode matá-lo.

Então dizem: “O Soma pegou o corno. Vai dar-se um nome novo ou mudar o governo”.

DOENÇA E MORTE DO SOBA Nº 1.

Cada soba tem uma cabaça pequena, um recipiente comum de conservação, onde coloca pequenas porções de medicamento que usa como tratamento. Assim, todo ano pega um pouco e come; faz isso todos os anos. Mas isso é feito no princípio de cada ano. E se acontecer de no meio do ano ele adoecer, não morrerá. Morrerá um ancião, o Muekalia, o Epalanga ou outro ancião até que ele se cure.

Quando os anciãos importantes do reino querem matar o soba, simplesmente falam com a mulher responsável pelo tratamento da cabaça e recebem-na da sua mão. Quando ele diz “eu sou o soba, traga-me mais um pouco” e não recebe o que pediu, percebe que naquele ano morrerá. Assim que começa a adoecer os anciãos matam-no. Amarram-no no alto da casa, circundam seu pescoço com uma corda e todos os dias torcem um pouco sua cabeça até que ela se separe do corpo. Mais tarde anunciam que o soba morreu. A doença de todos os sobas é sempre dos pés. O soba é enterrado, mas sua cabeça fica na *ombala*. Nenhum soba é enterrado com a cabeça, só o soba Cingi II porque morreu em Portugal. Seu crânio não está aqui no país, mas a cabeça de todos os outros sobas está aqui até hoje.

Após o enterro, todas as crianças pequenas devem ser guardadas, pois as pessoas começam a capturar os filhos alheios, os porcos, cabritos, galinhas e tudo que é bom. Dizem: “É a festa da morte do soba”. Esses raptos duram dois ou três meses. Só a festa da morte do Soma Ekuikui II durou o ano todo.

Quando o soba morre, espera-se que seu substituto seja o Epalanga ou o Sunguahanga, pois são as pessoas importantes próximas ao soba. Quem escolhe e aconselha o soba é o Muekalia.

Assim, seja o Epalanga ou o Sunguahanga, recomenda-se que quem recebe o trono seja bom orador, saiba partilhar, respeite as pessoas, corrija seus filhos e seja misericordioso fazendo alianças com seus companheiros. Se andar à noite deve usar

¹⁶⁵ Em umbundu, *iteka*. É uma estátua à qual se atribuem poderes de malefício.

pulseiras, de modo que ao se aproximar de onde houver pessoas falando fique mexendo nas pulseiras para que, se estiverem falando mal dele, calem-se no mesmo instante. Porque os sobas não têm o costume de ouvir intrigas.

O FUNERAL DO SOBA

Nº 3

Se o soba adoecer todos ficam muito tristes. Mas se sua doença for prolongada, o Muekalia e outros anciãos chegam a um acordo para pôr fim à sua vida.

Escolhem alguns homens, vão à casa onde o soba está doente e quando lá entram seguram sua cabeça e torcem seu pescoço algumas vezes. Saem de lá e no outro dia retornam e fazem o mesmo. Quando a cabeça se solta, dizem: “O Soma morreu, o Soma morreu”.

Durante todos esses dias em que ficaram torcendo o pescoço do soba, se alguém vier visitar dizem simplesmente: “O Soma continua doente”, até o dia em que a cabeça se solta do pescoço. Então dizem: “Mensageiros, espalhem-se para divulgar o funeral do soba”. E eles o fazem.

O FUNERAL DO SOBA EKUIKUI

Nº 3.

Quando morreu vestiram-no com panos e um chapéu muito lindos. Colocaram-no sentado no trono de madeira e colocaram a bengala na sua mão como se estivesse vivo.

Aos pés dele deitaram-se uma mulher e um homem.

O Muekalia, o Epalanga e alguns dos rapazes da corte cuidam para que ninguém se aproxime da corte. Quando mandam notícias para todos os países fecham todos os caminhos. Nenhuma mulher ou criança deve andar sozinha; caso contrário se perde, é raptada e vendida. Quando encontram viajantes no caminho tomam tudo que eles levam; até as crianças são vendidas em Benguela.

Algumas coisas do soba que morreu são recebidas pelo Muekalia; outras o são pelos anciãos; outras coisas são furtadas pelos rapazes da corte. Levam tudo: bois, cera ou borracha, pois dizem que o próximo a governar a *ombala* deve trazer suas coisas.

Todas as mulheres que eram noivas do Soma voltam para suas aldeias; os escravos e a Inakulu são os únicos que ficam na corte.

A FESTA DA MORTE (OHUNGUTA)

Nessa época se o soba morria todo o país ficava receoso porque saía muita gente da *ombala* para raptar pessoas em todos os países.

Essa festa da morte ia até Cisanji raptando e assaltando as pessoas. Chegava até mesmo a Mbuluvulu no Bié, raptando até que o soba fosse sepultado. Matam muitos bois, bebem muita cachaça e fazem muitos disparos! E dançam.

Quando o funeral termina começa o reinado do outro soba.

OS FILHOS DO SOBA Nº 1.

Os filhos dos sobas são muitos porque o soba tem muitas mulheres.

Quando os filhos homens atingem altura suficiente para buscar lenha para o *onjango* e fazer armadilhas geram muita riqueza para seus pais. O que os torna ricos é primeiramente brincar com outras crianças pobres. Se babam e a saliva cai no filho do soba ele deixa que ela escorra, pois vai se queixar, dizendo: “Quem cuspiu em mim está com uma doença grave”. E a saliva escorrida fica à mostra. Daí saem riquezas. Se alguém o ferir, ao voltar para a aldeia deixa o ferimento à mostra; se tropeçar, ao voltar para a aldeia fica totalmente à mostra. Assim, nenhuma criança comum brincava com o filho do soba; caso contrário traria muitos gastos.

Com as filhas se passava o mesmo. Se forem beber em uma festa e algum bêbado pegar a filha do soba à noite e vomitar, ela irá no mesmo instante dizer ao seu pai à noite: “Esse doente vomitou em mim”. E quando amanhece os problemas aparecem. Pode ser que ele pague muito ou toda sua família se torne escrava.

Isso trouxe muito sofrimento ao povo.

Mesmo que você mate o seu próprio animal, deve dar a coxa ao Soma ou ao filho do soba; se cortar o ombro ou o braço ele dirá: “Deu-me uma bofetada”. E você pagará muito, pois se entenderá que bateu no soba.

Por causa dos feitos dos filhos dos sobas e da corrupção do pai deles, as pessoas não tiveram força ou disposição para ajudar o soba quando os brancos começaram a fazer guerra contra eles. Porque diziam: “Se guerreararmos seremos comidos.”¹⁶⁶ Se não

¹⁶⁶ A referência, aqui, é ao fato de que a exploração (“ser comido”) era inevitável, fosse pelo soba ou pelos brancos.

guerrearíamos seremos comidos. Assim, todos contamos com a vitória dos brancos. Eles são os sobas dos pobres”.

Quando os brancos chegaram venceram rápido porque lutaram somente com o soba; todo o povo não aceitou guerrear. Apenas dois nobres lutaram: Katanya, pai de Jorge Cingangu, e Cimbulu, parente de Moma. Mas só tinham medo de Mutu e Cilala, pois diziam: “Vão obrigar-nos quando a guerra acabar”.

Se os sobas governassem com justiça, talvez os reinos permanecessem até hoje. Ainda que os brancos já tivessem chegado.

Ninguém se casa com a filha do soba a menos que seja da mesma linhagem.

Não se mata um animal sem entregar a coxa ao Soma.

Não se caça um leopardo sem dar a pele ao soba.

Ninguém ganha um nome se não der algo ao soba.

Ninguém ganha a liberdade no tribunal sem dar algo ao soba.

Ninguém a não ser o Soma sopra o corno ou constrói uma varanda.

Tudo isso se entrega ao soba: porcos cevados, bois, antigamente muitos fardos, impostos e pessoas.

Eram gastos desnecessários que as pessoas tinham. Para que serve um soba? Como ter força e disposição para lutar contra os inimigos que atacam o soba? De modo algum.

O soba que seguiu a Ekuikui foi o último a fazer o bem. Todos os que o seguiram não fizeram bem algum, nem mesmo seus filhos. Assim, hoje há bem menos sobas.

Tudo isso são os filhos dos sobas que provocaram; caso contrário hoje reinariam como seus pais, talvez hoje fossem altamente venerados.

O provérbio diz: “Nós somos formiguinhas Kalunjinji; comemos as pessoas com prudência”. Porque um dia a formiga foi buscar carne no corpo de uma pessoa.

Quando foi entregar a carne ao seu senhor deu de encontro com uma mosca. A mosca perguntou-lhe: “Formiga, de onde você tirou tanta carne assim?” Ela respondeu: “Cortei de uma pessoa”. A mosca perguntou: “Essa pessoa está morta?” A formiga disse: “Não morreu, tampouco adoeceu. Está totalmente saudável e é muito esperta”.

A mosca, apressada, pousou no dorso da primeira pessoa que encontrou e começou a cortar sua carne. A pessoa percebeu, sacudiu-se e matou a mosca. Então a formiga disse: “Você foi estúpida! Eu disse para ir com calma e morder os pés”.

Daí as pessoas tiraram o provérbio que diz: “Eu sou Kalunjinji, a formiguinha que come as pessoas com prudência”. Os filhos dos sobas deveriam ter feito como a formiguinha.

NARRATIVA DO SOBA

(Quando ainda não é soba)

Sinaliza que pode ser escolhido.

Torna-se generoso e doa.

Adquire bois e desperta a ambição das pessoas.

Desenvolve a oratória e fala para ser ouvido.

(Quando se torna soba)

Mata os bois, deixa de ser sovina.

Mostra seu coração às pessoas.

Escolhe com cuidado os anciãos que receberão nomes.

Inicia guerras.

Constrói uma cozinha real.

Consagra os filhos do soba.

Constrói uma nova corte.

Casa-se com a Inakulu.

Educa seus filhos.

Constrói um acampamento para a circuncisão.

Procura um quimbandeiro para proferir maldições.

Acende um novo fogo (o responsável por isso é Citonga).

Sopra o corno.

Quando isso acaba ele fica mais tranquilo, pois seu trabalho terminou. Mas ao terminar cada um desses trabalhos alguém é morto. Porque dizem: “É o espírito do morto¹⁶⁷ que cuidará desse trabalho; se assim não for não será sagrado e não durará”.

Assim, tudo que for bem pensado corre bem.

¹⁶⁷ Em umbundu, *ocitutu*.

A FOME

Nº 3.

Aqui no nosso país, se a comida for pouca nessa época as pessoas ficam preocupadas por causa das crianças; sem saber o que fazer, alguns comem folhas de batata-doce, outros comem quizaca,¹⁶⁸ as raízes da batata-doce ou brotos de mandioca. Quando isso acaba vai-se fazer permuta (procurar ou comprar comida) em países distantes. Levam sementes e vão comprar comida com panos, enxadas, cabritos e porcos se lá houver. Quem não tiver essas coisas leva crianças consigo para onde há comida e as vende por duas ou três medidas de comida.

Aqui no nosso país tem muita gente que foi comprada em Songo quando lá havia fome. São muitas as pessoas que costumavam comprar pessoas. Mas uma pessoa adulta é comprada por apenas duas latas de milho; se for uma criança é uma lata e meia, se for farelo de milho são duas latas.

Porém, quando há fome no país as pessoas ficam irritadas com o soba e dizem: “Seu fogo tem tristeza”. Talvez seja destituído do governo ou admoestado; dirão que não tem reverência para com os sobas que reinaram no seu trono, os que morreram e ele substituiu. Então ele faz vários encantamentos para que no ano seguinte, quando as pessoas começarem a cultivar os alimentos, tenham uma colheita farta.

Se tiverem muita vontade de comer carne e a carne não aparecer, o soba será questionado: “Os caçadores estão caçando e mesmo assim não há carne? Não vemos nada. Como é isso então? Quem está governando?”

Se não há mel, as pessoas dizem: “Vamos comer as colmeias que não têm mel; a culpa é do Soma”.

Se nessa época os leões estiverem muito furiosos comendo pessoas, dizem: “O fogo deste soba não é bom”. Sempre que o país enfrenta turbulências, tiram o soba do trono e colocam outra pessoa que traga comida e outras coisas que as pessoas querem.

O FOGO

Nº 3.

¹⁶⁸ Folhas de mandioca trituradas e cozidas. (N.T.)

As pessoas respeitam muito o fogo, mas não é só porque quando quiserem cozinhar elas cozinham e se estiverem com frio se aquecem. Em outras coisas que as deixam felizes também citam o fogo.

Se em alguma aldeia há muita enfermidade ficam muito preocupados, angariam muitos tributos (pagamentos) para ir aos quimbandeiros. Nem sempre isso é suficiente para curar a doença. Às vezes as pessoas gastam muito e não ficam curadas, o Cimbanda simplesmente come o que é delas.

Às vezes, se há muito risco de os bois serem pegos pelos leões ou as hienas atacam muito os porcos, pagam muito ao quimbandeiro.

Se as pessoas fazem muita confusão ou procuram problemas, vão em busca do quimbandeiro. Ao chegar à aldeia, ele manda varrer todo o fogo da aldeia de modo que não sobre nem uma brasa de fogo em nenhuma casa. Então ele faz seu ritual de *umbanda*.¹⁶⁹ Ao terminar, procura gravetos de *umbombolo* e *usiõsito*¹⁷⁰ e cava um burquinho no graveto; pega caniços, por cima amarra *ofukutu*¹⁷¹ ou uma linha, põe no burquinho e sopra uma vez. Chama todas as crianças da aldeia, rapazes e raparigas, para soprar esse fogo.

Nesse dia todas as pessoas passam o dia na aldeia. Nenhuma mulher vai à lavra, todos ficam torcendo pelo fogo. Quando fica em brasa e se espalha pelo *ofukutu* que colocaram em cima dos caniços que usaram para soprar todo o povo se alegra. Deram porcos ao quimbandeiro e ele também se alegra.

Do *ofukutu* que produziu algumas faíscas ele tira alguns ramos (pequenas lenhas) para acender um pequeno fogo. Então as pessoas aproximam-se uma a uma, aglomeram-se ao redor do fogo para acender o fogo na sua casa. Após todas acenderem seu fogo, o Cimbanda retira um pedaço de casca de árvore redondo, coloca-o no chão como se fosse uma canoa e enche-o de água. Chama todas as pessoas da aldeia, que vêm lavar-se uma por uma nessa água, na qual ele põe medicamentos.¹⁷² Todos se lavam, dizendo: “Talvez neste fogo sejamos abençoados”. E pagam o quimbandeiro. Nesse ano Suku deixa chover muito, das árvores brotam muitas boas flores, as abelhas transportam néctar para fazer mel e os caçadores, quando vão para a mata caçar,

¹⁶⁹ Em umbundu, *olinga umbanda waye*, literalmente, “faz sua umbanda”.

¹⁷⁰ *Umbombolo* e *usiõsito* são tipos de árvores.

¹⁷¹ Arbusto utilizado para acender o fogo (Alves 1951, p. 91).

¹⁷² Em umbundu, *ihemba*.

matam muita, muita carne. Dizem: “o Soma acertou-se com os velhos anciãos porque varreu o fogo antigo”.

Mas isso acontecia porque nossos antepassados não conheciam a divisão das estações.

A CHUVA N° 3.

Se as pessoas semearam sua lavoura e a chuva que caía para de cair elas ficam muito preocupadas, pois não sabem o que fazer. O milho vira palha, a batata doce demora a crescer, tudo que foi plantado perde força e as pessoas ficam com o coração em chamas.

Então os anciãos da aldeia dirigem-se ao soba: “Soba, está vendo que também o milho virou cebola. Todas as plantações secaram. Isso significa que os anciãos e os sobas que morreram estão nervosos. Seria bom fazermos algo para agradá-los”.

Assim, o soba reúne todos os anciãos do país e todas as pessoas capinam os túmulos. Na *ombala* vão aos *akokoto* (lugar onde são sepultados os sobas e anciãos importantes da *ombala*) para capinar os túmulos e também constroem mausoléus.

Esses dias são trabalhosos. As pessoas tocam tambores, dançam e reverenciam os sobas mortos e os anciãos da antiguidade (os que morreram) para que liberem a chuva, pois são eles que a estão dificultando. Matam bois e cabritos cujo sangue despejam sobre os túmulos. Também passam cachaça e *ocimbombo* nos túmulos, dizendo: “Para que os que estão nos túmulos também comam dessa carne e bebam dessa cachaça e do *ocimbombo* para alegrar seu coração”.

E nesses dias a chuva começa a se formar. Quando cai, dizem: “Veja, se não tivéssemos feito isso nossas plantações teriam morrido ao sol e nós morreríamos de fome”. Então o país se alegra por ver a chuva cair tranquilamente na lavra.

O CULTIVO N° 3.

Aqui no nosso país, se a pessoa é recém-casada e ainda não tem lavra, compra machado e enxada e vai à mata procurar um bom lugar para começar a plantar. Quando encontra uma boa mata convoca seus parentes para que a ajudem a preparar a *ongunda* (lavra nova). Um parente do marido é quem corta a primeira árvore, e os parentes da mulher lavram a terra pela primeira vez. Se o país da mulher for distante a mulher chora e lavra a terra pela primeira vez (qualquer).

Quando saem de lá vão para a aldeia. Então o casal começa a trabalhar em sua lavoura. Esses costumes têm sido observados, pois se não fizerem isso sofrem morte rápida. Assim, mastigam a casca da primeira árvore cortada nesse pequeno pedaço de terra e semeiam coisas diversas na lavra.

Aqui no país umbundu o trabalho agrícola era mais para as mulheres. Da antiguidade até hoje os países não aprenderam, permanece do mesmo jeito. Sobre o cultivo, dizem: “É para as mulheres. Nós, homens, vamos buscar bens em outros países. Cultivar não é para nós”.

Os homens costumam plantar só algumas hortas de tabaco para levar consigo na viagem e comprar comida. Mas não é sempre que as cultivam.

Quando chega a época das chuvas as mulheres ocupam-se do cultivo. Acordam de madrugada para buscar água no rio, põem a panela no fogo, fazem o funge que enviam ao *onjango* para os homens comerem. A mulher come na peneira, e enquanto come pega sementes, enxada e sua cesta e vai para a lavoura cultivar.

Os homens só ficam na aldeia conversando no *onjango*. Não fazem nada. Os mais inteligentes vão às matas preparar colmeias e montá-las para que quando as abelhas cheguem possam entrar nelas para produzir mel e cera. Então vendem e conseguem muito dinheiro para o seu sustento.

Todos ficam à toa. Quando a mulher sai da lavoura fazem-na a fazer comida mesmo que tenha chovido. Ao chegar depois da lavoura vai buscar água, faz o funge e comem. É a mulher que esfarela o milho, faz o fubá, busca a lenha. Deixam todo o trabalho de casa para a mulher, de modo que ela faz tudo.

O RESPEITO Nº 3.

Aqui entre os umbundu há muitas formas de respeito. Se o dono da aldeia¹⁷³ estiver vindo ao *onjango* todas as pessoas são avisadas e reservam um espaço para que ele se sente. Ninguém pode sentar-se no seu assento, todos têm medo da cadeira dele.

Quando ele entra no *onjango* todos ficam em silêncio total. Só se fala lentamente, com palavras brandas. Aos poucos todos os anciãos saúdam-no e ele vai aceitando.

¹⁷³ Em umbundu, *muelimbo* (*muele* é “dono”, *imbo* é “aldeia”). Refere-se à principal autoridade na aldeia, a quem todos devem obediência.

Quando um ancião saúda uma criança, a criança deve responder com muito respeito. Isso é o correto. Ao passar por um ancião, as crianças não podem andar olhando para cima, devem curvar-se um pouco e bater os dedos repetidas vezes até ultrapassá-lo. As crianças não podem pegar nada que esteja no alto dentro de casa. Devem pedir às pessoas que estão em casa. Caso contrário apanham.

Onde há anciãos não se pode passar com água, pois se caírem algumas gotas e molhar o ancião a criança que carregava a água apanha. Se isso acontecer com um visitante tem-se de pagar multa.

Assim, todos que têm filhos têm uma enorme responsabilidade em educá-los; caso contrário podem acertar a cabeça de alguém, ferir a pessoa e tem-se de pagar, ou então matam um animal ou estragam os pertences alheios e tudo isso causa processos.

E as mulheres! Da antiguidade aos dias de hoje o respeito por elas é pouquíssimo. As pessoas respeitam mais aos rapazes do que a uma mulher. Se uma mulher estiver sentada e um rapaz vier em sua direção ela cede a cadeira ao rapaz. Diziam: “O rapaz é que serve no mundo. É ele que fará algo importante para a família quando crescer”.

A mulher não tem o hábito de comer em vasilhas. O funge simplesmente coloca na peneira, o conduto fica na colher de servir, às vezes come na própria panela em que cozinhou o conduto. Tira a parte dos homens que estão no *onjango* e deixa sua parte na panela. Se cozinhar uma galinha vai tudo para o *onjango* na própria panela, para ela fica somente água e um pouco de molho. Mas tudo que é enviado ao *onjango* para ser comido pelos homens é a ela recusado.

Se a mulher estiver dentro de casa menstruada e vir que um rapaz se aproxima, sai de casa e entra somente quando o rapaz entrar.

Se a mulher estiver saindo da lavra, mesmo se estiver carregando muito peso e a cesta estiver cheia de milho, abobrinha, abóbora e lenha, se encontrar um homem deve tirar a cesta da cabeça e colocá-la nas mãos.

O PODER¹⁷⁴ DAS MULHERES Nº 3.

¹⁷⁴ *Umbanda*, aqui, refere-se ao poder, aos rituais realizados para obtê-lo e aos amuletos e preparados neles envolvidos.

Aqui entre os umbundu as mulheres têm muito poder, os homens têm pouco. O delas é exagerado.

Quando o tempo do cultivo chega elas ficam muito atarefadas. Se algumas mulheres quiserem fazer uma grande colheita de milho, vão ao quimbandeiro para obter alguns medicamentos fortes. No início do plantio ela junta arbustos e alguns ramos e leva para um dos cantos da lavoura. Quando ela os acende essa fumaça se espalha pela lavoura e se mistura ao cheiro dos medicamentos. Ela diz: “Para que eu possa colher muito milho”. Elas têm o costume de matar seus filhos e colocá-los na comida, pois acreditam que assim conseguem ter o melhor milho enquanto os outros têm pouco. Até hoje isso existe entre nós. As mulheres ovimbundu estão sempre preocupadas com o que comer, sempre pensando o que fazer para ter muito milho.

Algumas matam seus filhos. Quando as pessoas o sepultam ela o desenterra, corta a cabeça do morto e deixa secar. Depois de bater o milho, quando já estiver no celeiro, coloca o crânio da pessoa morta por cima dele. Quando precisam de milho não podem mandar uma criança ao celeiro; caso contrário descobrirá o que está em cima do milho.

Algumas mulheres têm insetos que parecem borboletas, mas são um pouco maiores. Têm o costume de enviá-los para pilhar espigas de milho na lavoura das outras e trazer para a sua.

Algumas mulheres, quando fica escuro, deixam seu marido na cama e vão fazer encantamentos nas casas dos outros, de modo que mesmo que pretendam criar animais estes simplesmente adoecem e morrem, e ainda que tentem economizar o dinheiro ganho nas viagens o lucro não rende. Mas fazem esses encantamentos à noite ou de madrugada, quando todos dormem profundamente e ninguém desperta.

Ao sair de casa sai completamente nua. Anda assim como veio ao mundo.

Elas têm um feitiço¹⁷⁵ chamado *ekulo*. Com ele, se as mulheres daqui, as umbundu, não tiverem marido, conseguem arrumar um. Porque nós, homens umbundu, temos o costume de desposar muitas mulheres. Assim, a primeira mulher, se vir que seu marido quer casar-se de novo com outra mulher, vai aos quimbandeiros para receber novamente esses medicamentos de *ekulo* de modo que quando os misturar à comida

¹⁷⁵ *Umbanda* é a palavra mais genérica empregada aqui e traduzida como “feitiço”, enquanto *ekulo* seria um “feitiço” específico. Sobre a generalização e a particularização dos “feitiços”, ver Dulley (no prelo).

do marido, este gostará somente dela e muito pouco das outras. Até hoje isso está entre o povo.

Kambundu ou *ombuiyu*: se uma mulher dá à luz filhos mortos com frequência, vai ao quimbandeiro e o Cimbanda diz: “Traga-me um galo”. Quando ela o traz, corta-se a garganta dele e dela tiram a pele. A criança veste isso no pescoço, pegam barro branco e vermelho e fazem uma massa para colocar no corpo da criança. Fica como se fossem marcas, põe-se um pouco na testa da criança e da mãe. Ao terminar o Cimbanda entrega um guizo e um chifre de gazela à mãe. Ela deve tocá-lo sempre que passar por um rio, lago, cemitério ou encruzilhada; ao cruzar com pessoas deve tocar o chifre e mexer no guizo (agitá-lo), fazendo *caya, caya*. O mesmo deve acontecer se fizer uma viagem longa.

Faziam isso para que seu filho não morresse de novo.

SAMBULU Nº 3.

Esta enfermidade do pescoço manifesta-se quando a pessoa leva muito peso e dói-lhe o pescoço. Essa doença é muito difícil. Quando vão ao quimbandeiro ele dá muitas instruções sobre os lugares onde se pode ou não passar, dizendo: “Se passar por lá seu pescoço vai torcer de novo e você morrerá”. Para curar essa doença pega-se uma galinha e vai-se para as encruzilhadas. É onde curam essa pessoa. As galinhas são mortas nesse lugar e as penas são encaixadas no altar que foi construído na encruzilhada como se fosse uma pessoa.

Só o Cimbanda come essas galinhas. Se o doente também comê-las a doença pode se aposar dele de novo. Ele faz o que o quimbandeiro determinar.

Essa *umbanda* entre eles é difícil. Quando a fazem no chão se parece com uma pessoa muito alta, com braços, pés e cabeça.

O ADIVINHO¹⁷⁶ Nº 3.

Se em uma família houver um quimbandeiro e ele morrer, alguém dessa família vai a um quimbandeiro em outro país para receber a *umbanda* do morto e o Cimbanda mostra-lhe todos os medicamentos na mata, dos que curam diversas doenças aos que

¹⁷⁶ *Ocimbanda congombo* é o quimbandeiro que utiliza uma cesta cheia de objetos em suas sessões de adivinhação (Tucker 1940). Sobre as cestas de adivinhação na contemporaneidade, ver Silva (2004).

matam pessoas. Mas esse Cimbanda fala para essa pessoa que quando voltar deve ficar um ano inteiro como adivinho; no segundo ano deve matar alguém da família: pai, irmão mais novo, mãe ou tio materno, qualquer um serve, para que suas adivinhações tenham sucesso e as pessoas aceitem tudo que disser.

AS VIAGENS DE CARAVANA¹⁷⁷

Nº 3.

Desde a antiguidade, se as pessoas querem sair em excursão, marcam um mês do ano seguinte, dizendo: “Partiremos tal mês”. Então cultivam tabaco e juntam sal e miçangas para que quando partirem isso lhes sirva de reserva para comprar alimentos no caminho.

Os bens que levam são mantas, armas, pólvora, panelas e às vezes tabaco, miçangas e sal. As pessoas que não têm nada disso têm por costume fazer negócios para que quando eles rendam fiquem andando com panos como ricos e comerciantes.¹⁷⁸

Quando falta pouco para a caravana sair, seu guia vai até o quimbandeiro, que rala pedaços de casca de árvore, mistura-os com água e pó de terra e faz com que o guia que quer ser o líder da caravana beba, dizendo: “Para que quando partirem as pessoas que deixarem para trás não vos amaldiçoem e seus negócios na terra dos Ngangela corram muito bem, pois ainda que seus inimigos daqui de onde saíram sintam ódio de vocês e desejem que seus negócios não corram bem, não terão problemas e farão bons negócios.

Os ricos e comerciantes, ao partirem em expedição, levam muita *umbanda*. Alguns têm o costume de matar seus filhos e jogá-los no dinheiro de modo a obter lucros nos negócios rapidamente.

Sair em caravana requer muito cuidado. As pessoas transportam seu fogo com atenção, cada qual com o seu, para que não façam nada que dê má sorte ao negócio.

¹⁷⁷ Até o início do século XX, os habitantes do Planalto Central organizavam caravanas de comércio com milhares de carregadores, tanto em direção a Benguela, na costa, quanto em direção ao interior do continente. A rota passava pelo Bié e pelo Bailundo, que eram as principais formações políticas da região (Heywood 2000; Santos 2016).

¹⁷⁸ *Olohuasi* e *olofumbelo*, traduzidos aqui respectivamente como “ricos” e “comerciantes”, são tratados na narrativa praticamente como sinônimos. Isso se deve ao fato de que a grande maioria dos carregadores trabalhava para uma elite socioeconômica minoritária, a qual lucrava com o comércio e exibia seu status social por meio dos bens que podia ostentar. O texto aponta, contudo, para a possibilidade de ascensão social por meio da participação nas caravanas de comércio.

E então se põem a caminho... Nessa jornada, se o guia percebe que estão chegando ao local onde farão negócios, de madrugada faz um discurso de admoestação aos membros da caravana que conduzirá nessa jornada. Diz: “Ouçam, escutem bem. Nós saímos do nosso país distante e chegamos a uma terra alheia. Assim, os guias devem instruir seus filhos do mesmo fogo para que se encontrarem comida no caminho não a tirem de lá; se encontrarem algum objeto pertencente a um Ngangela não o peguem ou pisem nele; se um Ngangela irritá-lo, você que é filho de *ocimbundu* não deve brigar com ele; caso contrário, quando bater nele todas as nossas coisas que levamos para negociar borracha serão confiscadas. Vocês, adultos, instruem seus filhos. São os conselhos que dou a vocês”. Então toda a caravana no acampamento aplaude, assovia e concorda.

Todo esse tempo ficam alojados em Civokue, Lutiasi ou Luva. Cuidam-se porque se não o fizerem e um deles criar confusão, matar ou roubar algum objeto de um Ngangela será pego e as coisas da caravana serão todas confiscadas. Por isso se cuidam bastante, roem as unhas.

AS CASAS CONSTRÚÍDAS PELOS UMBUNDU Nº 3.

Aqui entre os umbundu o trabalho é grande considerando-se como são nossas casas. Se alguém quer construir uma casa corta troncos de madeira grossa; quando tiver a quantidade necessária cava os buracos para a base da casa; depois corta outros troncos para pôr no teto; então finca os troncos para a base no chão, corta algumas ripas pequenas e flexíveis e amarra-as com cordas feitas de madeira; ao terminar corta capim para fazer a cobertura; quando a cobertura está feita bate-se o chão dentro de casa; depois de terminar coloca-se a porta; então a casa seca e está pronta para morar. Nessa casa a cama fica atrás da porta. Na parede em frente à porta ficam todas as coisas. No canto próximo ao fogo fica a lenha. As galinhas dormem sobre o cerco de lenhas. As panelas e outros utensílios ficam próximos ao fogo. Algumas mulheres não são inteligentes e ao lavar a panela jogam a água ao lado do fogo. O homem, se costuma fumar, cospe despreocupadamente o muco de tabaco ao lado do fogo. Se a casa for pequena e a janela também, quando a mulher acende o fogo para fazer a refeição produz-se muita fumaça dentro de casa e a janela fica fechada com uma

cortina. Quando a fumaça sobe até o teto desce novamente, pois como é muita não tem por onde sair. Ainda assim a mulher e as crianças permanecem dentro da casa.

AS CRIANÇAS

Aqui entre os umbundu a pessoa que está grávida¹⁷⁹ requer muito cuidado. Não pode comer funge adormecido, não pode comer da panela, não pode beber direto da cabaça, não pode comer pimenta nem coisas amargas. Se colocarem cordas feitas de árvore no rio ela não poderá beber daquela água. E uma mulher grávida não pode ver pessoas feias; caso contrário, diz-se que a criança também não será bonita.

Ela não pode correr. Todos esses cuidados são ensinados a todas as mulheres do país.

Quando chega a hora de dar à luz a criança e a mãe entra em trabalho de parto, quem está com ela coloca uma panelinha para cozinhar para a criança que vai nascer. Assim que ela nasce é alimentada. Esse funge é chamado de *ekela* porque é mole. Dois meses depois a criança começa a ser alimentada com funge, batata doce, feijão e vários alimentos que os adultos comem. Alimentam a criança com essas comidas.

Quando a criança chora colocam saliva na testa dela. Dizem: “para que não chore mais”. Se a criança tossir a mãe repete suas palavras, dizendo: “*koso-koso*”. Se a criança dormir, mas for sonâmbula, a mãe mastiga carvão do fogo e cospe nela. Dizem: “para que não se assuste mais”. Pois dizem: “São os mortos que estão assustando nosso filho”.

Quando tem vários meses de idade a criança já começa a ser colocada no chão. Mesmo quando se suja na lama não têm receio. Ainda que coma terra misturada com esterco de porco não colocam no coração que isso pode fazer mal à criança.

Se a criança tiver muita fome e não houver comida sua mãe pega mandioca, mastiga e dá para a criança comer. O mesmo se faz com o milho porque a criança ainda não tem dentes para mastigar sozinha.

A criança é vestida só na parte da frente. Se for rapaz colocam um pedaço de pano, se for menina recebe um tecido maior que cubra tudo. Têm pela criança muita consideração em várias coisas. Fica no meio das pessoas, não observa os costumes ao passar pelos anciãos e brinca. Dizem: “Não fira o filho alheio se não quiser pagar

¹⁷⁹ Em umbundu, *okasi latimba avali*, literalmente, “está com dois corpos”.

multa". Ao cruzar com uma pessoa que tem um olho ferido não se pode olhar muito para ela ou rir-se, pois isso dá multa. Não se pode dizer a alguém que não se conhece: "Você parece fulano". A multa pode ser grande, pois a pessoa pode dizer: "Não sei se essa pessoa com quem você está fazendo eu me parecer está morta ou tem uma doença incurável. Quem é esse com quem você diz que eu me pareço?" Pode gerar um processo.

Todas essas coisas são explicadas às crianças. As crianças que as guardarem serão sábias.

O BANHO

Esta palavra é muito rara aqui no nosso país. É difícil as mulheres umbundu ensinarem os filhos a tomar banho porque elas mesmas não têm esse costume. Se você der um pedaço de sabão à mulher umbundu e disser: "Vá tomar banho," ela chora muito e diz: "Quem me deu esse cheiro é que me manda ao rio tomar banho?"

Por isso é muito difícil que nosso país consiga avançar, pois é necessário que as mulheres ensinem seus filhos para que cresçam com esses hábitos.

Os panos delas são tão sujos que mesmo se fossem estampados não se veria a estampa. Se você comprar um pano novo para uma mulher umbundu, ao vesti-lo ela sente vergonha e diz: "Tem cheiro". Vai ao branco comprar uma garrafa de óleo e molha o pano. Se não for suficiente usa outra, até que o pano fique escurecido. E dizem: "A fulana está muito linda. Foi à venda e quando o branco lhe deu óleo de dendê derramou tudo sobre a cabeça e o corpo. O resto enxugou no pano". Quando as outras cruzam com ela elogiam muito seu marido, dizendo: "A mulher do fulano é muito linda. Não sabe o que é poeira".

A quem tome banho, dizem: "Cheira a água". Os homens tampouco gostam dela, pois dizem: "Não sabe se cuidar". Infelizmente pensar nesse assunto dá muito trabalho.

Nos homens é exagerado, parece que têm dívidas com o rio. Não aceitam tomar banho. Mesmo antigamente eles não tinham o costume de trabalhar. Só alguns é que fazem hortas de tabaco ou montam colmeias. Muitos ficam à deriva. Quando percebem que a sujeira é demais, vão para um cantinho e ao perceberem que o sol está ardente chamam o filho, dizendo: "Venha esfregar-me as costas". Quando a criança vem, esfrega com as mãos e a sujeira começa a desgrudar. A sujeira é antiga.

Mesmo se a cabeça estiver muito escura por estar muito suja, ainda assim não têm costume. Tampouco cortam o cabelo. Fica tudo feio, o cabelo todo duro na cabeça. Assim também são os panos que usam como cobertores. Ficam todos muito frios, pois do dia em que saem da casa do branco até acabar, nunca serão lavados.

A COMIDA Nº 3.

Quando as mulheres cozinham funge em casa todas as crianças levam tudo que é dos pais e dos irmãos mais velhos para o *onjango*. Quando toda a comida chega começam a comer. Começam com um prato, uma pessoa pega um pouco, a outra também. Ao acabar pegam outro prato até que todos se satisfaçam. Só o dono da aldeia e o ancião que exerce maior autoridade na sua ausência comem juntos. Mas se um adulto come tudo e não deixa nada para a criança, dizem-lhe: “Este adulto é sovina”. Todo adulto, ao comer, deixa uma parte para a criança porque é o hábito do país.

A mulher que não cozinha muita comida para o seu marido não é considerada prestativa. Até mesmo o marido é muito desprezado por causa da mulher.

Se em casa cozinham carne, a maior parte vai para o *onjango* onde ficam os homens. A mulher deixa sua parte na panela, um pouquinho.

Come-se duas vezes: de manhã e quando o sol se põe. De dia, se houver fome, come-se um pouco.

Neste país, se comerem apenas batata-doce de manhã, dizem: “Abrimos o apetite”. Igualmente, se comerem somente canjica, batata-doce ou algum outro tipo de tubérculo ao pôr do sol, dizem: “Hoje passaremos a noite com fome porque não comemos funge”. Nossa comida preferida entre todas é o funge.

DORMIR Nº 3.

Neste país, se os pais virem que seu filho já tem certa altura, não aceitam mais dormir com ele na mesma casa. É deixado à própria sorte, não se importam com onde o filho vai dormir. A própria criança procura onde dormir, nem sabe com que vai se cobrir. Dão-lhe uma esteira. Por isso as crianças aprendem muitos costumes nas casas em que dormem; às vezes raparigas e rapazes dormem na mesma casa.

Ao dormir as pessoas cobrem-se inteiramente, dos pés à cabeça. Por isso muitas vezes contraem doenças do peito. Nessa casinha também dormem as galinhas; lá também

ficam a lenha, as panelas e outros utensílios. Sua pequena janela é coberta com uma cortina. Há muita fumaça nessa casinha, mas não percebem que isso causa enfermidades.

O CASAMENTO Nº 3.

Se um rapaz gostar de uma rapariga vai dizer ao pai dela. Mas primeiro o rapaz diz à rapariga que gostou dela. Depois de se acertarem entre si, a rapariga diz ao rapaz: “Vá conversar com meu pai”. Para conversar com o pai dela é necessário que o rapaz vá acompanhado de um ancião, pois só assim os pais entregam a filha.

O rapaz junta dinheiro, que envia com um ancião que tenha boa oratória e seja o guia da comitiva. É ele quem pede a mulher. Ao fazer o pedido esse homem entrega o dinheiro do casamento. Quando termina recomenda às pessoas que preparem a cerveja. Quando esse dia chega o ancião e a criança levam uma arma e a rapariga leva os haveres para ir buscar a noiva. Quando esta entra na casa do homem encontra a comida pronta e logo comem. Há água para lavar o corpo inteiro.

Todos que entram na casa da noiva têm de pegar num prato onde colocaram óleo de dendê, mas aqueles que se casaram sem cumprir os ritos e não celebraram o casamento não podem fazê-lo. Só quem celebrou o casamento pega no prato.

Quem é polígamo não pode pôr a mão. Mas quem celebrou seu casamento, ao pegar no prato deixa um presente ou dinheiro.

As noivas tomam banho duas vezes ao dia e comem três vezes ao dia como os brancos. Durante quatro dias a noiva celebra o casamento. No quinto dia a noiva vai embora, mas as pessoas vão junto com ela. No local ao qual ela é levada encontram muita cerveja.

Quando a noiva vai para a aldeia dela o homem prepara um porco grande para que ela leve e enche uma cesta, à qual junta uma garrafa de óleo, um punhado de sal, oito pares de pano e às vezes oito cobertores para que os familiares da mulher se alegrem. Caso contrário os pais dela dirão a ele: “Levaram nossa filha de graça”.

Porém, quando a noiva volta leva um porquinho. Dizem: “É para lavar os pratos”.

Assim constitui uma família e cozinha uma galinha e uma panela de feijão. Quando cozinha o primeiro funge todas as pessoas da aldeia comem e dizem: “Agora a noiva constituiu uma família”.

A POLIGAMIA

Aqui se a mulher for casada de primeira viagem, mas não souber fazer muita coisa, não souber cultivar nem cozinhar bem, não trabalhar como as outras mulheres nem conseguir alimentar os sobrinhos, não funciona. O homem procura outra e casa-se de novo. Às vezes um homem se casa com seis mulheres. Alguns têm três ou quatro. Muitas vezes essas mulheres brigam por ciúme. Para que haja paz entre as mulheres em situação de poligamia, o homem deve ter condição de comprar comida para todas as casas na mesma proporção.

Se comprar pano deve dar a todas. Se algumas se vestirem e outras não tiverem uma roupa decente a confusão só aumenta...

O homem polígamo, se tiver quatro mulheres, precisa dormir um dia ali, outro lá, até completar o círculo. Então recomeça. Se assim não proceder e passar a dormir apenas na casa de quem gosta causará muito ciúme entre suas mulheres.

O SOBRINHO N^o3

O sobrinho é o filho, homem ou mulher, que nasceu da sua irmã.

Neste país, se alguém arrumar dívidas, mas não tiver bois ou outros bens, entra-se em acordo na família de modo a tirar de uma de suas irmãs um filho homem ou mulher para quitar suas dívidas judiciais. Algumas pessoas da família odeiam isso, mas não faz mal, pois os sobrinhos desde sempre são usados para comer¹⁸⁰ e hipotecar.

Se alguém dormiu com a mulher alheia e não tem como pagar, entrega seu sobrinho. Por causa disso os Ovimbundu consideram mais o sobrinho; ao filho de nascimento têm pouquíssima consideração. O sobrinho é mais bem alimentado pelos tios. E quando o tio morrer, seu filho de nascimento não poderá herdar nenhum objeto do pai morto. As pessoas não aceitam.

São os sobrinhos que herdarão as coisas dos tios. Detêm muito poder sobre elas: escravos, gado, todos os negócios que estiverem ao seu alcance.

Nessa questão os N'ganga exageram ao desprezar os filhos de nascimento e dar maior importância aos sobrinhos. Entre os N'ganga, a mãe não oferece um prato de

¹⁸⁰ Aqui, "comer" também tem o sentido de matar com o objetivo de conseguir algo.

comida ao filho de nascimento como oferece ao sobrinho. Só quando sua tia fizer o funge do pai é que acrescentará um pouco para que seu pai dê uma parte ao filho. A mistura é colocada em cima do funge que lhe for dado. A criança não tem poder sobre nada, a menos que vá ter com a irmã da sua mãe ou com seus tios. Só então terá poder em todas as coisas, exercendo autoridade sobre elas.

Também têm o costume de vender as pessoas. Entre os Ngangela, se a mulher de uma pessoa morrer, a família dela faz com que o homem que se casou com sua filha morta pague muito. Se não tiver gado pagam *ndungo* (quer dizer, escravos). Uma só pessoa não consegue pagar pela morte da esposa, pois é muito caro. Tem de ser ajudada.

QUEM HIPOTECOU, COMEU

Se alguém tem dívidas, mas não tem como pagá-las, vai conversar com os anciãos da família e diz: “Atualmente são esses os problemas judiciais que nos acometem. Não sabemos o que fazer. O que faremos?”

Mesmo se tiverem gado, esses anciãos não aceitam entregá-lo. Pegam um sobrinho, filho de uma das irmãs mais novas, e levam-no diante do rico. Dizem: “Hoje damos a você esta garantia para que nos dê dois bois. Vamos levá-los em algum lugar e quando conseguirmos os bens alheios viremos buscar nosso filho. Por enquanto o deixamos como garantia”.

Assim, temos o ditado que diz: “quem hipotecou, comeu¹⁸¹”. Porque não voltarão mais para resgatar aquilo que deixaram. Fica escravo a vida inteira nas mãos de um senhor, nas mãos do credor.

DEVOLVER A MULHER.

Se a mulher não for prestativa, não souber trabalhar, não souber fazer boa comida e fizer tudo mal, é devolvida. Porque às vezes as mulheres daqui são de lançar maldições. De manhãzinha sai, vai à casa dos outros lançar maldições. Vai toda nua, dizendo: “Que se torne miserável! Que enriqueça!”. É assim que anda falando em seu coração. Se for pega amaldiçoando à porta dos outros, seu marido passa a odiá-la. Às vezes, se seu marido morrer, conversam com ela e dizem: “Seria bom se a

¹⁸¹Em umbundu, *Wa yekela wa lia*.

acompanhássemos à sua aldeia”. Passam fubá na testa dela, dão-lhe panos novos e levam-na à sua aldeia. Ao chegar com ela, dizem: “Nós gostávamos da sua filha e a queríamos bem, mas hoje Suku os separou. Assim, viemos devolver a filha alheia. Se encontrar um homem, recomendamos que se case! Suku separou-os. Nós realmente gostávamos dela, estávamos bem com ela. Conheceu a família do marido, alimentou bem os sobrinhos do marido”. Assim, os familiares da mulher recebem-na.

Se for maldizente ou pega à deriva... se for bruxa¹⁸² ou ladra as expressões serão diferentes. Ao devolvê-la explicarão como ela era.

Oku nyata significa devolver a mulher que foi casada aos seus familiares.

O FUNERAL¹⁸³

Nº 3.

Se a pessoa morreu e tem familiares por perto, chamam os mensageiros e dizem: “Vão avisar do óbito”. Quando avisam muitas pessoas vêm chorar o óbito.

Quando as pessoas reúnem-se, as mulheres desfarelam o milho, fabricam *ocimbombo* e vão buscar tambores para tocar e dançar. Todas as pessoas que vieram ao funeral alegram-se muito.

O morto é velado por três dias e enterrado no quarto. As pessoas chamadas *vakuacisoko* cavam a cova, costuram as vestimentas do morto e dirigem o funeral. Se algum familiar do morto não estiver chorando, batem na pessoa e dizem: “Chore já! Parece que seu familiar não lhe causou nenhuma tristeza?” Só a deixam depois que chorar.

Os *vakuacisoko* têm muita insolência e esperteza. Matam as galinhas e os porcos somente na aldeia onde o funeral acontece. Mas os donos não se opõem, pois não estão sendo insolentes.

O ENTERRO

Em todas as famílias há pessoas das quais se tem receio, pois dizem: “São vocês que mataram os outros, morreremos como os que vocês mataram”. Assim, enquanto não chegam ao cemitério, preparam-se dois ou quatro homens em segredo, dizendo-lhes: “Quando estiverem levando o corpo, ao citarmos fulano vocês vão para a frente; se

¹⁸² Em umbundu, *onganga*.

¹⁸³ Em umbundu, *onambi*. Em Angola é comum referir-se ao funeral como “óbito”.

citarmos fulano voltem para trás. Voltar para trás significa que não foi ele quem causou a morte. Mas quando citarmos fulano, de quem desconfiamos porque provavelmente o matou, vocês que carregam o morto vão para a frente. Andem de forma confusa para que se entenda que foi ele quem matou e o próprio morto está com muita raiva. Vejam como ele está se revirando!”. Nesse momento, se o morto está sobre os ombros das pessoas, mas fica se mexendo, todos entendem que foi essa pessoa quem o matou de fato. “Vejam como o próprio morto se mexe por causa da raiva de ter sido morto!”.

Ao conduzir o morto, levam uma bandeja onde põem um pouco de farinha. O ancião da família tira um pouco dela, espalha no rosto da pessoa morta e diz: “Aceite o barro branco. Se fulano matou você,¹⁸⁴ aceite o barro branco. Não é assim na nossa família? Uma pessoa não o enfeitiçou¹⁸⁵ por nutrirem ódio mútuo e por isso você nos deixou? Aceite o barro branco. Afinal, não foi seu próprio feitiço que o matou¹⁸⁶?”. Se o morto for homem, talvez diga: “Você talvez tenha recebido *ombungu*¹⁸⁷ para acumular bens nos negócios e ser melhor do que os outros. Não conduziu bem essas coisas e por isso o mataram. Aceita a farinha?”. E aqueles que carregam o morto regressam, pois a pessoa a quem foi atribuída a responsabilidade pela morte ainda não foi citada.

Enquanto conduzem o morto, citam todas as pessoas da família, dos filhos aos anciãos. Mas quando chegam à pessoa a quem atribuíram a responsabilidade, perguntam assim: “Eu sigo perguntando. Você não escuta, ou então pensa: ‘Já os deixei, não lhes direi quem me tirou do mundo’. Será que é fulano? Aceite o barro branco”. Assim, quem leva o cadáver vai para a frente, o que significa que foi essa pessoa quem o matou. Então todas as pessoas se enchem de admiração e gritam: “É bruxo! É bruxo! É bruxo! Não merece estar na família, também merece morrer”.

Então os *vakuacisoko* recebem o cadáver e levam-no ao cemitério para enterrá-lo. Todos os que estavam dançando ao som dos tambores e disparando voltam para a aldeia.

Quando as pessoas voltam para a aldeia ninguém volta para casa. Todos precisam passar pela mesma abertura por onde passou o defunto que levaram ao cemitério,

¹⁸⁴ Em umbundu, *nda ngandi wa ku lia*, literalmente, “se fulano comeu-o”.

¹⁸⁵ Em umbundu, *oku lova owanga*, “lançar feitiço” ou “lançar malefício”.

¹⁸⁶ *Puai owanga wove muefe wa ku lia?* Literalmente, “Afinal, não foi seu próprio feitiço que o comeu?”.

¹⁸⁷ Feitiço utilizado com o objetivo de obter riquezas (Alves 1951, p. 701).

pois dizem: “Quem não passa por onde passaram ao levar o defunto e simplesmente volta para sua casa sem ir à casa onde ocorreu o óbito leva a doença que o matou o morto consigo para casa”.

No dia em que levam a pessoa para o cemitério passam a noite dançando novamente. Nesse dia matam um boi, que chamam de Yondombokua.¹⁸⁸ Se forem pobres matam apenas um porco. Todas as pessoas comem dessa carne. Parte dela é destinada aos *vakuacisoko* e parte a quem está no funeral.

JOGAR AS CINZAS DO FUNERAL.

Se a pessoa foi levada ao cemitério ontem, hoje varrem todas as cinzas do recinto onde ocorreu o funeral, jogam as cinzas fora na mata e a isso chamam “jogar as lenhas¹⁸⁹”. Quem leva as cinzas segue à frente; todos os outros ficam atrás e também levam armas. Quando jogam as cinzas no chão, quem levou a arma dispara e todas as pessoas bradam: “Ho! Ho! Ho!”.....

Ao sair dali voltam para a aldeia. Assim que retornam, o dono do funeral mata mais um porco e todos que vieram jogar as lenhas comem-no. Cozinham no recinto do funeral. Se não houver porco matam uma galinha. No dia seguinte dizem: “Hoje o funeral acabou¹⁹⁰”. Só os donos ficam com a tristeza.

A VIUVEZ Nº 3.

Se um homem perder a esposa ou uma mulher perder o esposo, serão chamados de Ocikuluwiya ou Kapulungu, o que significa que perdeu o cônjuge.

Se for homem, assim que a esposa morrer, primeiro fazem-no dormir com o cadáver. Entre os corpos é colocado um graveto, que permite acordar o viúvo mexendo nele, pois quando o sol se põe ele deve chorar. Ao sair chora novamente. Enquanto chora, diz: “Oh, minha mulher se foi! Oh, minha *ocisangua*! Oh, meus filhos! Não sei quem irá cuidar deles por mim!”. Anda dizendo: “Oh, minha dona se foi! Minha magrinha, o pescocinho de garça!”.

¹⁸⁸ A definição encontrada para *ondombokwa* em Alves (1951, p. 871) é: “Cadáver de assassinado, sobre o qual salta o povo, praticando outros ritos mais, como curativos de extinção do fogo – no intuito de aplacar o espírito do morto”.

¹⁸⁹ Em umbundu, *inasi ononga*.

¹⁹⁰ Em umbundu, *onambi ya yaluka*, literalmente “o óbito foi desarrumado”. (N.T.)

Se a *ocikuluwiya* for mulher, o mesmo que se passa com o homem se aplica a ela. Só o choro é diferente. A mulher comenta a morte do esposo, dizendo: “Oh, meu pano! Oh, minha carne! Meu lenço, oh, minha mãe!”. E relembra todas as coisas agradáveis que comiam em casa. Anda falando e derramando lágrimas. Depois de ficar um mês dentro de casa sendo cuidada e alimentada, só pode comer ou cozinhar na mesma casa todos os dias. Não pode comer em outra casa, nem mesmo beber *ocisangua*.

Fica em casa toda avermelhada porque não sai. Se quiser fazer as necessidades tem de ser de manhã bem cedo ou ao pôr do sol. As pessoas não podem olhá-la nos olhos.

No dia em que deixam a casa da viuvez, preparam cerveja e fazem-nos sair. Se for mulher será trançada e receberá um pano novo. Se for homem acontece o mesmo. Mas quando a mulher morre, os familiares do marido arrumam uma perna de galinha e outra de galo, fêmea e macho, assim como o arco está para a cesta, o que significa que a casa deles se desfez, e mandam para os pais de quem morreu.

Se for o homem que morreu, quando a viúva sai é trançada e recebe panos novos e lenços. Com o *ocimbombo* pronto, todas as pessoas da aldeia passam a noite juntas. Um ancião que tenha boa oratória deve acompanhá-la para ser devolvida. Ele diz a seus pais: “Era nossa, por isso viemos acompanhá-la. Não era feiticeira, não era bruxa, não era ladra, não era mal educada. Estava bem com os parentes do marido. Alimentou bem as crianças, os sobrinhos do marido. Hoje Suku separou-os. Por isso decidimos: ‘Agora vamos acompanhar a filha alheia. Se vir um homem, que se case. Desde já a devolvemos. Nós a amávamos. Kalunga separou-nos’”.

O ESCRAVO Nº 3.

O escravo é uma pessoa que foi comprada. Aqui há muitos escravos. Alguns são escravos porque seu tio materno tinha muitas dívidas. Quando não têm com que pagar pegam um sobrinho e usam-no para pagar as dívidas. Eles se tornam escravos.

Alguns escravos são do tempo em que os comerciantes¹⁹¹ iam até os Ngangela para comprar muitas pessoas. Alguns são escravos porque quando estão com a família, ainda jovens, fazem coisas que não são boas. Vão ter com as mulheres alheias. A família paga uma vez, paga duas. Da próxima vez que faz algo, a família concorda que

¹⁹¹ *Olofumbelo* (singular: *ofumbelo*), que pode significar tanto “comerciante” quanto “rico”.

seria melhor vender o rapaz. Caso contrário um dia arrumará problemas judiciais consideráveis. Assim, levam-no ao rico e vendem-no por bois, borracha, cera ou um fardo de panos.

A escravidão é dolorosa. É preferível ter uma ferida grande a ter a vontade de um senhor¹⁹² sobre você. O escravo deve sujeitar-se ao que manda o seu senhor. O escravo deve sujeitar-se em tudo. Às vezes, se um rico tem muitos escravos, dá nomes aos rapazes mais espertos. A um chama Ukuavate; a outro, Ukuelonga; a outro, Ukuacalo¹⁹³. O Ukuavate deve cobrir a saliva do senhor quando ele cuspir.

Assim que o senhor termina de comer, o Ukuelonga deve levar os pratos para casa.

O Ukuacalo leva a cadeira do senhor quando ele quer ir às pequenas aldeias. Ao chegarem, coloca a cadeira no chão e o senhor se senta.

Há muitos escravos, mas eles são diferentes. Alguns são escravos propriamente ditos. Outros escravos são muito inteligentes. Outros se casam com escravos e criam porcos em casa. Esses porcos rendem muitos pedaços que o rico recebe.

No caso dos escravos propriamente ditos, ainda que consigam muitos bens, todos irão para o senhor: bois, cera ou qualquer outra coisa, tudo é recebido pelo senhor.

Há um ditado que diz: “A você, cachorro, disseram: ‘Pegue!’. Não disseram: ‘Coma!’¹⁹⁴”. Isso significa que você, escravo, por pertencer a alguém, ainda que tenha algo, essa coisa não lhe pertence.

Há muitos casos em que uma pessoa era escrava, mas o senhor reconhece que tem inteligência e coloca-a à frente dos outros como líder. Quando o senhor morrer, é essa pessoa que dirigirá a família no seu lugar: escravos, nobres, filhos de nascimento ou sobrinhos. É a ele que chamarão Sekulu.¹⁹⁵

Antigamente o escravo se parecia com o cão. Quando morria, embrulhavam-no, amarravam-no com cordas de casca de árvore, lavavam-no e às vezes colocavam-no num buraco ou simplesmente jogavam-no fora no mato como um cão.

¹⁹² Em umbundu, Cime refere-se ao senhor, ou dono, do escravo.

¹⁹³ Ukuavate, Ukuelonga e Ukuacalo são, respectivamente, os responsáveis pela saliva, pelos pratos e pela cadeira.

¹⁹⁴ *Ovo wumbua va linga ka kuate, ka va lingile hati, Ka lie.*

¹⁹⁵ Sekulu pode ser traduzido como “ancião” e indica a posição de poder e liderança dos mais velhos.

Quando morre um nobre seu funeral vira festa. Tocam tambor, dançam, brincam, disparam armas e matam bois. Com os escravos não é assim. É verdade, a escravidão é dolorosa. É preferível ter uma ferida grande.

O ESCRAVO QUE SE PÔS À DISPOSIÇÃO¹⁹⁶ Nº 3.

Algumas pessoas, quando sofrem muito, fogem de sua família e procuram outra pessoa importante, de modo que mesmo que a família a queira de volta, não consegue.

Isso é recorrente entre os escravos e as mulheres dos polígamos. Se seu marido não a trata bem e dá tudo só para uma das mulheres, se ela fala alguma coisa e o marido bate nela, essa mulher talvez fuja de repente e procure o soba... vai até o trono do Soma, no qual as pessoas comuns não podem sentar-se, é pega e levada à corte. Ainda que seus parentes venham buscá-la não poderão levá-la, pois se entregou. Só a devolvem se seus parentes trouxerem bens. Quem se coloca à disposição é como escravo, pois se entregou.

Traduzido do umbundu para o português por Julino Segunda Dídimo e João Abel

Katchumbo

Editado por Iracema Dulley

Referências

ALVES, Albino. 1951. *Dicionário Etimológico Bundo-Português*. Lisboa: Silvas.

CÂNDIDO, Mariana. 2012. "Concubinage and Slavery in Benguela, c. 1750-1850". In: OJO, O. & HUNT, N. *Slavery in Africa and the Caribbean: A History of Enslavement and Identity Since the Eighteenth Century*. Londres: Bloomsbury: 65-84.

_____. *An African Slaving Port and the Atlantic World*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHILDS, Murray. 1949. *Umbundu Kinship and Character*. Oxford: Oxford University Press.

¹⁹⁶ Em umbundu, *ocilitumbike*. O escravo que se coloca à disposição difere do *upika*, aquele que é comprado, por voluntariamente colocar-se na condição de servidão indo oferecer-se na *ombala*.

- CHIMBINDA, Simeão. 2009. *O nome na identidade umbundu: contributo antropológico*. Huambo: ETU.
- DULLEY, Iracema. 2009. "Notes on a Disputed Process of Signification: The Practice of Communication in Spiritan Missions in the Central Highlands of Angola". In: *Vibrant*, 5 (2): 231-255.
- _____. 2010. *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: Annablume.
- _____. No prelo. "Feitiço, Feiticismo, Umbanda, Owanga, or the 'Fetish' in Translation". In: Menon, D. (ed.). *Concepts from the Global South*. Londres: Routledge.
- EDWARDS, Adrian. 1962. *The Ovimbundu under Two Sovereignties. A Study of Social Control and Social Change among a People of Angola*. Oxford: Oxford University Press.
- GUENNEC, Grégoire e VALENTE, José Francisco. 1972. *Dicionário português-umbundu*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- HAMBLY, Wilfrid. 1934. *The Ovimbundu of Angola*. Chicago: Field Museum of Natural History.
- HEYWOOD, Linda. 2000. *Contested Power in Angola: 1840s to the Present*. Rochester: University of Rochester Press.
- OLIVEIRA, Vanessa. 2018. "Donas, pretas livres e escravas em Luanda (Séc. XIX)". In: *Estudos Ibero-americanos*, 44(3): 447-456.
- PÉLISSIER, René. 1997. *História das campanhas de Angola: resistências e revoltas. 1845-1941*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SANTOS, Elaine. 2016. *Sociabilidades em trânsito: os carregadores do comércio de longa distância na Lunda (1880-1920)*. Tese de doutorado. Departamento de História. Universidade de São Paulo.
- SILVA, Sonia. 2004. *Vidas em jogo: cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- TUCKER, Leona. 1940. "The Divining Basket of the Ovimbundu". In: *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 70(2): 171-201.